

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

BEATRICE NASCIMENTO MONTEIRO

**ORGANIZAÇÃO RETÓRICA E ESTRUTURAÇÃO SEQUENCIAL DA SEÇÃO DE  
METODOLOGIA DO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA**

TERESINA – PI  
FEVEREIRO, 2016

BEATRICE NASCIMENTO MONTEIRO

**ORGANIZAÇÃO RETÓRICA E ESTRUTURAÇÃO SEQUENCIAL DA SEÇÃO DE  
METODOLOGIA DO GÊNERO PROJETO DE PESQUISA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI (PPGEL-UFPI) como requisito parcial obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Alves Filho

TERESINA – PI  
FEVEREIRO, 2016

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco  
Serviço de Processamento Técnico

M775o Monteiro, Beatrice Nascimento. Organização retórica e estruturação sequencial da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa / Beatrice Nascimento Monteiro. -- 2017.  
148 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2017.  
“Orientação: Prof. Dr. Francisco Alves Filho.”

1. Análise de gêneros. 2. Pesquisa - Metodologia. 3. Pesquisa – Metodologia - Organização retórica. 4. Pesquisa – Metodologia - Arquitetura sequencial. 5. Projeto de pesquisa. I. Título.

CDD 410.18

*A Bernardo, que me presenteou com o título mais valioso: o de mãe*

## AGRADECIMENTOS

A meus pais, Rosário e Sérgio, e meus irmãos, Ciro, Iara e Ludmila, por serem uma parte tão significativa do pouco que já construí e de tudo que ainda sonho em tornar realidade. Cada pequena vitória minha tem uma inspiração enorme em todos vocês.

A meu marido, Ismael, por dividir comigo nada menos do que a vida, com tudo que ela tem de doce e amargo, leve e denso, constante e fugaz. Agradeço, sobretudo, por ter sonhado esta conquista comigo desde o início e por ter me apoiado para que ela se concretizasse.

A meu eterno orientador, professor Chico Filho, por ter me ensinado, através de seus conselhos e do seu próprio exemplo, a não me acomodar, nem com meus erros, nem com meus acertos. Obrigada por me iniciar na pesquisa e por sempre me estimular e me guiar através dela.

Aos colegas do Núcleo Cataphora, por terem colaborado com essa dissertação, não com respostas definitivas (se é que elas existem), mas com questionamentos, problemáticas, inquietações, que são os melhores combustíveis para o desenvolvimento de uma pesquisa.

À professora Eldelita, por ter, durante a qualificação, contribuído com um olhar sagaz e crítico para o avanço da pesquisa.

Aos professores Ribamar e Marcelo, pela arguição criteriosa e lúcida que gentilmente fizeram do meu trabalho.

Aos professores do PPGEL, pelo diálogo travado sobre as várias faces desse fenômeno tão rico e instigante, que é a linguagem.

Aos amigos que me apoiaram nessa empreitada, por terem acreditado em mim, quando eu mesma, diversas vezes, duvidei. Obrigada pelos gestos e palavras de afeto e também pelas preciosas risadas, que tornaram tudo mais leve.

Aos mestres e mestrandos que gentilmente cederam seus projetos de pesquisa para realização desta pesquisa e também àqueles que me concederam entrevistas, pela confiança depositada, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

A Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa que financiou meus estudos durante os dois anos de mestrado, permitindo que eu me dedicasse com maior tranquilidade e afinco aos estudos e à pesquisa.

*“Quanto mais trabalhamos com gêneros,  
mais eles revelam e mais fazem sentido”*

*(Charles Bazerman)*

## RESUMO

O projeto de pesquisa é um gênero de grande legitimidade na comunidade acadêmica, pois frequentemente utilizado para avaliar o mérito de propostas de pesquisa em diversas situações. Apesar dessa importância, trata-se de um gênero ainda pouco investigado no Brasil e internacionalmente. Diante dessa lacuna de pesquisa, tomamos como objeto de estudo o gênero projeto de pesquisa, mais especificamente, projetos utilizados para entrada em programa de pós-graduação, os quais são ainda pouco investigados. De modo a aprofundar nossa análise, decidimos nos centrar na descrição de uma seção específica desse gênero, a seção de metodologia. O objetivo geral de nossa pesquisa é analisar a organização retórica e a arquitetura sequencial da seção de metodologia no gênero projeto de pesquisa, bem como as possíveis interrelações entre esses dois aspectos. Para subsidiar nossa análise da organização retórica, tomamos como base Swales (1990; 2006), Bezerra (2001), Biasi-Rodrigues (2009), entre outros autores. Já para descrever as sequências textuais presentes em nosso *corpus*, nosso principal fundamento teórico foi Adam (1992; 2011). Fundamentamo-nos também em pesquisas anteriores sobre o gênero projeto de pesquisa, como a de Connor e Mauranen (1999), e sobre a seção de metodologia no gênero artigo de pesquisa: Nwogu (1997), Kanoksilapatham (2005), Lim (2006), Oliveira (2002) e Costa (2015). O *corpus* da pesquisa é composto por 40 projetos de pesquisa da área de Linguística aprovados em seleções no Programa de Pós-Graduação em Letras na UFPI nos anos de 2012, 2013 e 2014. Como resultados, constatamos a existência de quatro movimentos na organização retórica da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa: *Apresentando a abordagem teórico-metodológica da pesquisa*, *Descrevendo a etapa de revisão bibliográfica*, *Descrevendo a etapa de coleta dos dados* e *Descrevendo a etapa de análise dos dados*. Além disso, observamos que os passos retóricos utilizados para materialização dos movimentos sofrem influência da subárea de pesquisa e da abordagem metodológica utilizada. Quanto às sequências, identificamos a sequência descritiva como dominante e as sequências explicativa e argumentativa como subsidiárias. Correlacionando as duas categorias, organização retórica e estruturação sequencial, constatamos que os passos retóricos apresentam arranjos sequenciais típicos.

**Palavras-chave:** Análise de Gêneros; Organização Retórica; Sequências Textuais; Metodologia; Projeto de Pesquisa.

## INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa é um gênero de grande importância na comunidade acadêmica, visto que é frequentemente utilizado para avaliar o mérito de propostas de pesquisa em diversos contextos situacionais: processos seletivos de programas de pós-graduação, concessão de bolsas de estudo, financiamento de pesquisas, entre outros. Entretanto, trata-se de um gênero acadêmico ainda pouco estudado, tanto no plano internacional quanto no Brasil.

Diante desse contexto de pesquisa ainda incipiente, especialmente no Brasil, percebemos a necessidade de se estudar com maior detalhamento o gênero projeto de pesquisa, mais especificamente, projetos escritos para entrada em programas de pós-graduação, os quais têm sido ainda menos investigados.

De modo a possibilitar um maior aprofundamento na análise do *corpus*, visto que o projeto é um gênero de extensão relativamente longa, decidimos estudar especificamente uma das seções desse gênero: a seção de metodologia. Motivou-nos especialmente os dados obtidos por Jucá (2006) em entrevista a orientadores de mestrado de que a seção de metodologia é aquela que mais diretamente influencia a avaliação dos projetos de pesquisa no contexto estudado.

Assim, com base principalmente na metodologia utilizada por Sousa (2004) em seu estudo sobre editoriais e replicada por Jucá (2006) em seu trabalho referente à seção de justificativa do gênero projeto de pesquisa, temos como objetivo geral analisar a organização retórica e a estruturação sequencial da seção de metodologia no gênero projeto de pesquisa. Ao combinar as duas vias de análise (análise da organização retórica e da estruturação sequencial), acreditamos que podemos obter uma visão mais completa e detalhada de como se organiza e estrutura essa seção.

Os objetivos específicos da nossa pesquisa são: descrever os movimentos e passos recorrentemente empregados na organização retórica da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa; identificar os recursos léxico-gramaticais que sinalizam a presença dos movimentos e passos descritos; descrever a sequência textual dominante na estruturação sequencial da seção de metodologia do gênero enfocado, bem como as sequência subsidiárias; e analisar as possíveis correlações entre organização retórica e estruturação sequencial na composição da seção em análise.



Esta dissertação é constituída por cinco capítulos, sendo três capítulos teóricos, um capítulo dedicado à seção de metodologia e um capítulo que apresenta a análise dos dados. O Capítulo 1 tem a finalidade de discutir algumas abordagens de estudo de gêneros. No tópico 1.1, discorremos sobre a abordagem de gêneros bakhtiniana, a qual influencia fortemente as tendências de estudos de gênero contemporâneas. No tópico 1.2, abordamos os Estudos Retóricos de Gênero, uma vertente teórica de grande expressividade nas pesquisas atuais sobre gênero. Finalmente, no tópico 1.3, enfocamos sobre a abordagem do Inglês para Fins Específicos, apresentando no subtópico 1.3.1, especificamente, a concepção de gêneros de John Swales (1990; 2004). Em relação ao viés teórico de Swales, discutimos tanto a noção de propósito comunicativo no subtópico 1.3.1.1 quanto o modelo CARS em que nos baseamos para nossa análise no subtópico 1.3.1.2.

No Capítulo 2, de modo a fundamentar nossa análise da estruturação sequencial da seção de metodologia de projetos, discutimos a concepção de sequências textuais de Jean-Michel Adam (1992; 2011). Inicialmente, abordamos o conceito de sequência conforme delineado por Adam e, nos tópicos seguintes, passamos à descrição dos cinco protótipos de sequência propostos pelo autor francês. Abordamos no tópico 2.1 a sequência narrativa; no tópico 2.2., a sequência descritiva; no tópico 2.3, a sequência argumentativa; no tópico 2.4, a sequência explicativa; e no tópico 2.5, a sequência dialogal. O tópico 2.6 é dedicado a discutir a interface entre organização retórica e estruturação sequencial, proposta originalmente por Sousa (2004).

No Capítulo 3, fazemos um levantamento de estudos prévios sobre o objeto da nossa pesquisa. No tópico 3.1 desse capítulo, discorremos sobre estudos anteriores relativos ao gênero projeto de pesquisa. Em seguida, no tópico 3.2, discutimos pesquisas realizadas especificamente sobre a seção de metodologia, apresentando alguns modelos anteriores que visam descrever a organização retórica dessa seção.

No Capítulo 4, apresentamos a metodologia empregada na pesquisa e no Capítulo 5, apresentamos os resultados da pesquisa. No tópico 5.1, discorremos sobre a análise da organização retórica e no tópico 5.2, sobre as sequências textuais. No tópico 5.3, apresentamos a correlação entre as duas categorias analisadas. Por fim, no capítulo referente às considerações finais, sintetizamos os resultados encontrados, avaliando as contribuições da pesquisa, assim como as lacunas que nosso estudo deixou a serem preenchidas por investigações posteriores.

## CAPÍTULO 1 – ABORDAGENS DE ESTUDO DE GÊNERO

A teorização sobre gêneros não é recente, remontando, com efeito, à Antiguidade Clássica. Na Grécia Antiga, Aristóteles já havia apresentado propostas de categorização de gêneros literários e não literários. Entretanto, embora na Antiguidade já se teorizasse sobre gêneros fora do escopo da Literatura, durante um longo período, essa temática esteve bastante restrita aos estudos literários, em especial, à Teoria e à Crítica Literária.

Devitt (1993) destaca que, no domínio da Literatura, a noção de gênero<sup>1</sup> foi tradicionalmente associada a sistemas de classificações elaborados por críticos literários com base em traços formais dos textos. Tratava-se, portanto, de uma categorização comumente estabelecida *a priori* (e não a partir da utilização empírica dos textos), a qual frequentemente negligenciava outros aspectos da constituição genérica além da forma textual, como a própria função do gênero, por exemplo.

Entretanto, como destaca Devitt (1993, p. 574), as concepções mais recentes sobre gênero advêm de diferentes campos, além da literatura, como a linguística e a retórica. Uma das grandes contribuições às concepções recentes sobre esse objeto de estudo são as reflexões feitas por Mikhail Bakhtin. Embora o filósofo russo estivesse particularmente interessado nos gêneros literários, em especial no romance, seu reconhecimento da relação dos gêneros com as esferas de atividade humana e sua ênfase no fato de que estes não se restringiam ao universo literário influenciaram grande parte dos estudos sobre a temática que se difundiram na contemporaneidade.

No tópico a seguir, discorreremos mais detidamente sobre as reflexões bakhtinianas acerca da natureza e constituição dos gêneros. Na sequência, abordaremos os Estudos Retóricos de Gênero, uma vertente importante para a reformulação da noção de gêneros e para a reflexão sobre a relação entre estes e o contexto social. Encerrando o capítulo, discutiremos os estudos de gêneros do Inglês para Fins Específicos e, mais especificamente, a perspectiva teórica de John Swales, cujo modelo de análise de gêneros norteia a presente pesquisa<sup>2</sup>.

### 1.1 A abordagem de gêneros bakhtiniana

---

<sup>1</sup> Em consonância com a linha teórica que seguimos, optamos por utilizar, no decorrer da dissertação, o termo *gênero* ao invés dos termos *gêneros do discurso/gêneros discursivos* e *gêneros textuais*.

<sup>2</sup> Não é nossa pretensão nesta seção traçar um histórico exaustivo das várias correntes que investigam os gêneros, mas sim discorrer sobre as perspectivas de estudo de gênero que mais se aproximam da nossa proposta.

Como enfatizamos no tópico anterior, a concepção de gêneros bakhtiniana exerceu e continua exercendo forte influência sobre grande parte dos estudos de gêneros contemporâneos. Em *Os gêneros do discurso*, ensaio que se tornou um clássico na teorização sobre os gêneros, Bakhtin critica as abordagens que haviam lhe antecedido, considerando que o problema geral dos gêneros não fora ainda devidamente colocado.

Bakhtin critica as abordagens literárias por se restringirem à especificidade artístico-literária dos gêneros literários, desconsiderando a natureza verbal comum destes com gêneros de outras esferas. Crítica semelhante é dirigida às reflexões sobre gêneros feitas pela Antiga Retórica, que direcionava seu foco para os gêneros políticos e jurídicos, também sem considerar que estes mantinham traços em comum com outros gêneros. Por fim, Bakhtin contrapõe-se à abordagem linguística de gêneros realizada por Saussure e seus seguidores, pois estes, segundo o filósofo, ativeram-se apenas a exemplos do discurso cotidiano oral e, portanto, não deram conta da extrema heterogeneidade que marca os gêneros.

Tal heterogeneidade é explicada por Bakhtin em razão da relação que os gêneros mantêm com as esferas da atividade humana. Para o autor, “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p. 280, grifos do autor). Assim, segundo Bakhtin, a heterogeneidade dos gêneros é infinita porque a variedade de atividades humanas também é imensurável.

Ao definir os gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, Bakhtin ressalta a tensão entre estabilidade e instabilidade que marca a constituição dos gêneros. Se, por um lado, os gêneros possuem uma certa estabilidade, uma vez que eles constituem tipificações de enunciados, convencionizadas em uma dada esfera de atividade humana; por outro, eles também são atravessados por um caráter instável, o qual possibilita que eles se adaptem e se moldem a novas demandas sociais.

Bakhtin aponta três elementos que, na sua concepção, são relativamente estabilizados nos gêneros: o conteúdo temático (também conhecido como tema), o estilo e a construção composicional. Esses três elementos, para Bakhtin, fundem-se no todo do enunciado, refletindo as condições e finalidade específicas de cada esfera de atividade humana.

Segundo Bakhtin, “cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação ideológica. A cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero [...] corresponde um grupo de temas” (2006, p. 78). Os gêneros, portanto, costumam estabilizar certos grupos de temas que lhes são pertinentes. O tema do gênero, entretanto, diferencia-se do

tema do enunciado, pois, enquanto o primeiro é recorrente e relativamente estável, tal como os próprios gêneros, o segundo é único e irrepetível, reconstituindo-se a cada situação comunicativa.

Alves Filho (2011) ressalta que os gêneros não apenas tendem a fixar determinados grupos de temas como também frequentemente propiciam um tratamento relativamente estável a esses temas, que o autor denomina de tratamento temático. Tomando como exemplo o gênero piada, podemos observar que ele tende a tratar de um grupo de temas recorrentes, frequentemente relacionados à satirização de determinados atores sociais, com um tratamento temático também recorrente: no caso da piada, o tratamento tende a ser jocoso e depreciativo.

O estilo do gênero, por sua vez, refere-se à seleção de recursos linguísticos (lexicais, fraseológicos e gramaticais) que estão tipicamente associados a um dado gênero. Da mesma forma que o tema do gênero não equivale ao tema do enunciado, a noção de estilo do gênero não se confunde com a noção de estilo individual do autor, uma vez que o estilo do gênero não é privativo deste ou daquele indivíduo, mas caracteriza as marcas linguísticas que são recorrentemente utilizadas em enunciados de um mesmo gênero. Trata-se, portanto, de uma tendência coletiva e compartilhada.

Além disso, como ressalta Bakhtin, nem todos os gêneros são propícios ao desenvolvimento do estilo individual: os gêneros da comunicação oficial como memorando e ofícios, por exemplo, tendem a apagar as marcas linguísticas de individualidade de modo a sobrelevar os traços da autoria institucional. Já os gêneros literários, ao contrário, são apontados por Bakhtin como os mais propícios para refletir a individualidade do autor.

A construção composicional, por sua vez, diz respeito à organização formal do gênero, à sua estruturação na superfície textual. Bakhtin afirma que, ao nos comunicarmos, moldamos nossos enunciados a uma forma típica, uma forma padrão, que corresponde à construção composicional de um dado gênero. Essa forma pode ser mais ou menos rígida, mais ou menos maleável, dependendo da natureza da esfera social em que o gênero se constitua. Voltando aos exemplos do parágrafo anterior, podemos dizer que, na comunicação oficial, a construção composicional tende a ser mais padronizada e previsível; enquanto, na esfera literária, muitas vezes a inovação na forma do gênero é bem-recebida por leitores e críticos.

Uma outra contribuição de Bakhtin aos estudos de gênero é a diferenciação que o autor aponta entre gêneros primários e gêneros secundários. Segundo Bakhtin, os gêneros primários constituem-se em situações de comunicação verbal espontânea. Estes são absorvidos e transmutados pelos gêneros secundários, os quais “aparecem em circunstâncias de uma

comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita” (BAKHTIN, 1997, p. 281). Quando reelaborados no interior de um gênero secundário, os gêneros primários perdem o vínculo imediato com a realidade existente e passam a integrar a realidade do gênero secundário do qual fazem parte. Assim, por exemplo, quando um bilhete passa a integrar um conto, aquele gênero perde conexão com a realidade imediata e passa a compor a realidade deste gênero secundário.

Após abordarmos a concepção de gêneros bakhtiniana, que subsidiou grande parte dos estudos contemporâneos sobre gênero, passaremos a discorrer sobre os Estudos Retóricos de Gênero, vertente que tem fornecido importantes subsídios aos novos estudos de gênero.

## 1.2 Estudos Retóricos de Gênero

A reflexão sobre gêneros está presente nos estudos retóricos desde a Antiga Retórica. Contudo, a perspectiva desses estudos modificou-se bastante desde então. Enquanto na Retórica do período clássico o interesse da disciplina dirigia-se sobretudo aos gêneros jurídicos e políticos e, especialmente, às suas respectivas estratégias de persuasão da audiência, os estudos de gênero da Nova Retórica ampliam seu escopo para a reflexão sobre o papel dos gêneros em diferentes esferas, enfocando especialmente “como os gêneros [...] atuam como meios simbólicos de estabelecer identificação e cooperação social” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 84).

Para Artemeva e Freedman (2008, p. 17), o desenvolvimento dos Estudos Retóricos de Gênero enquanto disciplina tem início com conceituação de gênero proposta por Carolyn Miller em seu artigo *Genre as social action*, de 1984. Nesse artigo, Miller busca desenvolver uma definição de gêneros que se mostre válida para os estudos retóricos. Essa definição, para a autora, precisa centrar-se “não na substância ou na forma do discurso, mas na ação que este é usado para realizar”<sup>3</sup> (MILLER, 1984, p. 151, tradução nossa). Para Miller, o gênero define-se, sobretudo, pelo componente pragmático, ou seja, pela ação que ele desempenha.

A partir de diferentes bases epistemológicas (os próprios estudos retóricos, a sociologia, a fenomenologia social e também a linguística sistêmico-funcional), Miller lança mão de alguns conceitos-chave para a construção da sua definição de gênero, em especial, as noções de *situação e exigência retórica*.

---

<sup>3</sup> No original, “not on the substance or the form of discourse but on the action it is used to accomplish”.

Segundo Miller, “o que é particularmente importante sobre situações retóricas para uma teoria de gênero é que elas *recorrem*”<sup>4</sup> (1984, p. 156, tradução nossa). Entretanto, a autora ressalva que não se trata de uma recorrência factual, uma vez que cada situação é única e irrepetível. A recorrência que Miller aborda é um construto social, gerado na medida em que interpretamos novas situações como “comparáveis” ou “análogas” a situações anteriores.

Para Miller, assim como a situação retórica é um construto social, a exigência, que é central na delimitação da situação retórica, também se localiza no mundo social. A autora define a exigência como “uma forma de conhecimento social – uma construção mútua de objetos, eventos, interesses e propósitos que não apenas os liga, mas também faz com que eles sejam o que são: uma necessidade social objetificada”<sup>5</sup> (MILLER, 1984, p. 157, tradução nossa). A exigência, portanto, constitui um motivo socialmente construído para a ação e, para que ela seja considerada retórica, é necessário que possa ser atenuada por meio do discurso.

Miller rejeita tanto as tendências materialistas, que veem a situação e a exigência como realidades objetivas, quanto as tendências subjetivistas, que as concebem como resultantes de percepções individuais, e insiste no fato de que ambas são construídas socialmente, através de um processo de tipificação.

Os usuários, ao lidarem com situações de alguma forma análogas a situações anteriores, tendem a responder a estas situações também de forma similar. Quando uma resposta a determinada situação é bem-sucedida, esta tende a funcionar como uma restrição a qualquer nova forma, o que conduz à sua estabilização. No caso dos gêneros, podemos dizer que a tipificação das situações conduz à tipificação dos textos que são utilizados como respostas a essas situações.

Embora as considerações de Miller tenham fundamentado o surgimento dos Estudos Retóricos de Gênero enquanto disciplina, muitos estudiosos da área reformularam aspectos das reflexões teóricas da autora. Devitt (2004, p. 23), por exemplo, reitera a concepção de gêneros como respostas a situações retóricas recorrentes, mas vê essa relação como algo recíproco, de forma que tanto as situações constroem os gêneros, como são construídas por ele.

A autora argumenta que, se a recorrência das situações é construída socialmente pelo reconhecimento de similaridades relevantes, parte desse reconhecimento é propiciado justamente pela semelhança nas ações retóricas, ou seja, pela similaridade no uso dos gêneros.

---

<sup>4</sup> No original, “What is particularly important about rhetorical situations for a theory of genres is that they recur”.

<sup>5</sup> No original, “Exigence is a form of social knowledge—a mutual construing of objects, events, interests, and purposes that not only links them but also makes them what they are: an objectified social need”.

Assim, tanto os gêneros são construídos pela recorrência de situações retóricas, quanto essas situações tipificadas são co-construídas pelos gêneros empregados.

Outro contraponto de Devitt em relação à perspectiva de Miller diz respeito à questão do contexto. Miller descreve o contexto que suscita o gênero como o contexto de situação (a situação retórica recorrente), sem mencionar a influência de outros contextos. Devitt, por sua vez, faz referência a outros dois contextos, além do contexto de situação: o contexto de cultura e o contexto de gêneros.

Para a autora, o contexto de cultura “influencia em como a situação é construída e como é vista como recorrente nos gêneros”<sup>6</sup> (DEVITT, 2004, p. 25, tradução nossa). Cabe ressaltar, entretanto, que, embora Miller não se refira a um contexto de cultura, ela descreve o gênero como um artefato cultural e inclui a cultura em sua hierarquia de sentido como parte do que fornece significado às ações humanas, como a própria Devitt reconhece (DEVITT, 2004, p. 25). Ou seja, Miller não desconsidera a influência do entorno cultural sobre os gêneros, apenas vê a cultura como constitutiva da construção social das situações retóricas e dos próprios gêneros.

O contexto de gêneros, por sua vez, diz respeito aos gêneros pré-existentes, os quais influenciam, de forma mais ou menos direta, mais ou menos explícita, na constituição e uso de outros gêneros. Segundo Devitt, sua intenção ao indicar esse outro contexto é reconhecer que “escritores e falantes não criam gêneros em um vácuo genérico, que o conhecimento e experiência de gêneros das pessoas no passado modela sua experiência com qualquer discurso em particular e com qualquer gênero em particular”<sup>7</sup> (DEVITT, 2004, p. 28, tradução nossa). No que diz respeito a esse contexto, ressalvamos que embora Miller não aborde os gêneros pré-existentes como constitutivos de um contexto específico, ela reconhece a influência dos gêneros antecedentes sobre os atuais ao falar sobre “gêneros ancestrais” (MILLER, 2009, p. 77), gêneros que historicamente deram origem a outros gêneros. Um exemplo é a carta que pode ser vista como gênero ancestral de vários gêneros contemporâneos: o *e-mail*, o artigo científico, o ofício, a carta de recomendação, entre outros.

De fato, a influência de outros gêneros no uso de um gênero em particular tem sido um fértil objeto de investigação nos Estudos Retóricos de Gênero e algumas nomenclaturas têm surgido para dar conta do modo como os gêneros interagem e se inter-influenciam. Como já

---

<sup>6</sup> No original, “influences how situation is constructed and how it is seen as recurring in genres”.

<sup>7</sup> No original, “writers and speakers do not create genres in a generic void, that people’s knowledge and experience of genres in the past shape their experience with any particular discourse and any particular genre”.

mencionamos, Miller fala de gêneros ancestrais, enquanto Devitt defende a relevância de se considerar o contexto de gêneros ao se investigar um gênero específico, distinguindo o contexto de gêneros entre conjuntos de gêneros, repertórios de gêneros e sistemas de gêneros.

Conjunto de gêneros é um termo mais geral, que engloba associações de gêneros utilizadas por uma coletividade, delimitando uma série de ações (DEVITT, 2004, p. 56). Já a noção de repertório de gênero, nomenclatura tomada de empréstimo da obra de Bakhtin, é empregada por Devitt para se referir ao conjunto de gêneros utilizados por um grupo específico para realização dos propósitos desse grupo (2004, p. 56).

Sistema de gêneros é um termo que foi originalmente utilizado por Bazerman e abrange “os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos” (BAZERMAN, 2011, pp. 33-34). Através desse conceito, Bazerman demonstra como os gêneros auxiliam na organização e desenvolvimento dos sistemas de atividade de diferentes coletividades.

De modo geral, os Estudos Retóricos de Gênero têm focado as complexas relações entre gênero e contexto, demonstrando como os gêneros podem ser artefatos contributivos para compreender a dinâmica de grupos sociais, as relações de poder existentes no interior desses grupos, os sistemas de atividades que são estabelecidos e os propósitos que os membros dessas coletividades compartilham. No tópico a seguir, abordaremos outra vertente dos estudos de gênero que tem se debruçado sobre a relação gênero/contexto, porém sob uma outra perspectiva e com outras finalidades, a abordagem do Inglês para Fins Específicos.

### **1.3 A abordagem de gêneros do Inglês para Fins Específicos**

O Inglês para Fins Específicos é uma área disciplinar que se caracteriza pelo ensino de variedades especializadas do inglês, abrangendo o uso da língua inglesa em diferentes contextos. Segundo Bawarshi e Reiff (2013), essa área começou a utilizar a análise de gêneros como ferramenta pedagógica a partir dos anos de 1980.

A vertente de estudos de gênero do Inglês para Fins Específicos possui muitos aspectos em comum com a abordagem dos Estudos Retóricos de Gênero, sobre a qual discorreremos no tópico anterior. Como destacam Aviva e Freedman:

Ambas insistem nas limitações das concepções tradicionais de gêneros que focam-se apenas nas características textuais recorrentes. Ambas



ressaltam a necessidade de reconhecer as dimensões sociais do gênero [...] Ambas as abordagens enfatizam o destinatário, o contexto e a ocasião [...] Não é tanto em suas formulações teóricas, mas mais em sua realização dentro da pesquisa, que as diferenças entre essas duas abordagens são mais salientes<sup>8</sup>. (AVIVA, FREADMAN, 2008, p. 89, tradução nossa)

Aviva e Freadman ressaltam que, embora o Inglês para Fins Específicos e os Estudos Retóricos de Gênero fundamentem-se em pressupostos teóricos semelhantes no que se refere às suas concepções de gênero, a trajetória de pesquisa dessas duas áreas disciplinares é distinta. Primeiramente, é preciso considerar que a discussão sobre gêneros emerge nessas áreas com finalidades diferentes. Enquanto o Estudos Retóricos de Gênero se interessam pela compreensão de como os gêneros medeiam processos de cooperação e identificação em grupos sociais, a finalidade do Inglês para Fins Específicos com o estudo de gêneros é fundamentalmente pedagógica e, portanto, de feição mais aplicada e didática.

Além disso, existe uma distinção marcante na trajetória de análise das duas áreas: “a abordagem linguística [do Inglês para Fins Específicos] olha para o contexto situacional para interpretar as estruturas linguísticas e discursivas, enquanto a Nova Retórica pode olhar para o texto para interpretar o contexto situacional” (FLOWERDEW, 2002, pp. 91-92 *apud* SWALES, 2004, p. 72). Isto é, enquanto a primeira abordagem direciona-se para o texto, utilizando o contexto para compreendê-lo; a segunda abordagem direciona-se ao contexto, podendo fazer uso do texto para atingir esse objetivo ou não (muitas pesquisas nos Estudos Retóricos são puramente etnográficas, não fazendo uso da análise textual).

Bawarshi e Reiff sintetizam o percurso analítico dos Estudos Retóricos de Gênero da seguinte maneira: nessa área, “a compreensão dos contextos (e de seu desempenho) é tanto o ponto de partida como o objetivo da análise de gêneros” (2013, p. 82). No caso do Inglês para Fins Específicos, a compreensão dos contextos não constitui o objetivo último da análise, mas sim a interpretação e compreensão da configuração dos gêneros, o que pode ser explicado pelo caráter pedagógico da abordagem: busca-se habilitar indivíduos a produzirem e compreenderem os gêneros estudados.

Segundo Swales (1990, p. 2), historicamente o Inglês para Fins Específicos remonta a estudos quantitativos sobre registro de língua, realizados com o intuito de verificar a frequência

---

<sup>8</sup> No original, “Both insist on the limitations of traditional conceptions of genres which focused only on recurring textual features. Both stressed the need to recognize the social dimensions of genre [...] Both approaches emphasize the addressee, the context, and the occasion. [...] It is not so much in their theoretic formulations, but rather in their realization within research, that the differences between these two approaches are most salient”.

de determinados traços linguísticos. Essas pesquisas subsidiavam materiais de instrução linguística. Contudo, desde os anos de 1960, os estudos na área passaram a desenvolver análises textuais mais profundas e multifacetadas. Swales aponta como resultado dessa mudança, “um interesse crescente em avaliar os propósitos retóricos, desvelar as estruturas informacionais e explicar as escolhas sintáticas e lexicais”<sup>9</sup> (1990, p. 3, tradução nossa). O modelo de análise de gêneros de John Swales destacou-se nesse viés de pesquisa. De fato, Bawarshi e Reiff apontam que foi Swales quem “teorizou e desenvolveu de forma mais completa a metodologia para introduzir a análise de gêneros na pesquisa e ensino de ESP<sup>10</sup>” (2013, p. 61).

No subtópico a seguir, abordaremos a perspectiva sobre gêneros de Swales, descrevendo diferentes versões de seu posicionamento teórico e o modelo de análise elaborado pelo autor.

### 1.3.1 A concepção de gêneros de John Swales

Em *Genre Analysis: English in Academic and a Research Settings* (1990), Swales elabora sua perspectiva sobre gêneros partindo da contribuição de diferentes áreas: os estudos do folclore, a literatura, a linguística e a retórica. Embora reconheça divergências entre essas áreas no que concerne às suas respectivas concepções de gênero, Swales observa elementos em comum apontados por essas quatro disciplinas, como o reconhecimento de que os gêneros são situados em comunidades discursivas, a ênfase no propósito e na ação que o gênero desempenha e o interesse pela estrutura do gênero, assim como pelo fundamento lógico dessa estrutura.

Assim, a partir das contribuições dessas áreas e levando em consideração o que elas apresentam em comum, Swales elabora sua própria definição de gênero:

Os gêneros consistem em uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros experientes da comunidade discursiva de origem, e assim constituem o fundamento lógico para o gênero. Esse fundamento lógico molda a estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe escolhas de conteúdo e estilo<sup>11</sup>. (SWALES, 1990, p. 58, tradução nossa)

---

<sup>9</sup> No original, “growing interest in assessing rhetorical purposes, in unpacking information structures and in accounting for syntactic and lexical choices”.

<sup>10</sup> Sigla para “English for Specific Purposes”, nome original da disciplina Inglês para Fins Específicos.

<sup>11</sup> No original: “A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purpose. This purpose are recognized by the expert members of the parent discourse community and, thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrain choice of content and style”.

Nessa definição, Swales estabelece um lugar central para o propósito comunicativo, caracterizando-o como o “fundamento lógico” do gênero, que tanto molda a estrutura do mesmo quanto restringe as escolhas conteudísticas e estilísticas por parte dos usuários. O autor também faz referência à comunidade discursiva, a qual compartilha um conjunto de propósitos comunicativos, reconhecidos por seus membros experientes.

Posteriormente, Swales (2004, p. 61) revê sua proposta original, questionando o valor e viabilidade de definições como a que ele mesmo forneceu em *Genre Analysis...*, tendo em vista que as definições tendem a falhar na tentativa de serem válidas para todas as ocasiões. Além disso, o autor pondera que a adoção de definições pode impedir o pesquisador de ver gêneros emergentes como realmente são.

Assim, Swales considera que as tentativas de caracterizar os gêneros devem constituir essencialmente um esforço metafórico. O autor propõe então um conjunto de 6 metáforas para caracterizar os gêneros, cada uma voltada para um aspecto dos mesmos, defendendo que elas podem ser evocadas em variadas proporções a depender das circunstâncias.

#### *Gêneros como frame*

Essa concepção difere do clássico conceito de Miller, pois não identifica o gênero com a ação social – ele seria apenas um *frame* para essa ação. Swales entende que um *frame* é “uma orientação inicial, com nenhuma garantia consequente de que a ação retórica efetiva será de fato realizada”<sup>12</sup> (2004, p. 61, tradução nossa). Isto é, o gênero fornece uma matriz que orienta as expectativas de escritores/falantes e leitores/ouvintes, mas não assegura que essas expectativas venham a se efetivar realmente. Para Swales, essa metáfora demonstra que apenas o conhecimento sobre o gênero não garante a eficácia da comunicação.

#### *Gêneros como padrão*

Esta metáfora é evocada por Swales (2004, p. 62) com base na comparação de Devitt entre os gêneros e a variedade padrão da língua (DEVITT, 2004). Contraopondo-se à caracterização do gênero como essencialmente fluído e dinâmico, Devitt argumenta que os

---

<sup>12</sup> No original, “an initial orientation, with no consequent guarantee that effective rhetorical action will actually be accomplished”.

gêneros, assim como a variedade padrão da língua, também impõem regras de “etiquetas” linguísticas. Esta metáfora é útil para esclarecer que, embora os gêneros sejam, em parte, flexíveis, moldando-se a diferentes demandas situacionais, isso não significa que os usuários do gênero tenham liberdade absoluta em seu uso. Como artefatos relativamente estáveis, os gêneros apresentam certas convenções e os indivíduos têm a expectativa de que esses padrões sejam seguidos.

#### *Gêneros como espécies biológicas*

Segundo Swales, essa metáfora ancora diversas outras metáforas ecológicas sobre gêneros como a concepção dos gêneros como grupos que evoluem, disseminam-se e declinam. Outra utilidade dessa metáfora, para Swales, está em demonstrar como os gêneros sofrem os efeitos da “pressão populacional”. Na natureza, quando uma espécie sofre uma pressão na quantidade populacional, ela precisa ocupar um novo nicho ecológico. Da mesma maneira, Swales explica a difusão do gênero pôster: uma vez que existia grande quantidade de graduandos desejando participar dos eventos científicos, o pôster encontrou um nicho a ser ocupado.

#### *Gêneros como famílias*

Esta metáfora sustenta-se sobre a ideia de que não existem condições necessárias e suficientes para definir um gênero e sim características compartilhadas pelos membros da “família” (no caso, pelos exemplares do gênero), de modo que existem membros mais representativos da “família” do que outros e existem, ainda, aqueles que estão na fronteira entre “famílias” distintas (ou seja, existem exemplares que estão na fronteira entre gêneros distintos).

#### *Gêneros como instituições*

Segundo Swales, ver os gêneros como instituições é útil por, pelo menos, dois aspectos. Por um lado, essa metáfora ressalta que os gêneros, assim como as instituições, não existem apenas como realidades materiais, mas são constituídos também por um conjunto de valores, crenças, convenções, tradições, etc. Por outro lado, essa metáfora possibilita-nos ver

os indivíduos que utilizam os gêneros como imbuídos de papéis sociais, tais como em instituições, os quais variam de acordo com o gênero em que se está engajado.

### *Gêneros como atos de fala*

A última metáfora mencionada por Swales ressalta o fato de que os gêneros são destinados a realizar determinados atos trazendo um direcionamento da nossa percepção sobre eles. A ênfase, nessa metáfora, está na visão dos gêneros como discursos dirigidos à determinada ação sobre a audiência.

Continuando a discorrer sobre a perspectiva teórica de Swales, no subtópico a seguir, abordamos um conceito importante na perspectiva teórica de Swales: o propósito comunicativo.

#### **1.3.1.1 Propósito comunicativo: concepção original e reformulação**

Conforme vimos no subtópico anterior, Swales (1990) inicialmente situa o propósito comunicativo em um lugar central para a identificação de um gênero. Contudo, em um trabalho em coautoria com Askehave (2009), os dois reveem o posicionamento original de Swales e, através do exame de alguns exemplos de gênero, problematizam o estabelecimento do propósito comunicativo como critério privilegiado para identificar um gênero.

Askehave e Swales (2009) argumentam que o propósito comunicativo não é uma categoria de apreensão imediata (como a estrutura, por exemplo), geralmente só podendo ser confirmada após considerável período de pesquisa. Além disso, muitas vezes o propósito comunicativo não é claro para o analista e ainda existem casos em que há discordância entre os usuários do gênero e o pesquisador sobre quais propósitos do gênero estão em jogo em determinado contexto. Os autores constata assim que os propósitos “são mais evasivos, múltiplos, sobrepostos e complexos do que originalmente concebidos” (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 223).

Diante desse impasse, Askehave e Swales sugerem duas trajetórias metodológicas de pesquisa, as quais levam em conta o propósito comunicativo, mas de forma diferente do que Swales havia proposto originalmente. As duas trajetórias propostas estão representadas nas Figuras 01 e 02:

1. Estrutura + Estilo + Conteúdo + “Propósito”

↓

2. “Gênero”

↓

3. Contexto

↓

4. Repropósito do gênero

↓

5. Revisão do *status* do gênero

Figura 01: Procedimento de análise de gêneros a partir do texto

Fonte: Swales (2004, p. 72)

1. Identificação da comunidade discursiva

↓

2. Valores, objetivos, condições materiais da comunidade discursiva

↓

3. Ritmo de trabalho, horizontes de expectativas

↓

4. Repertório de gêneros e normas de etiqueta

↓

5. Repropósito dos gêneros

↓

6. Características textuais dos gêneros A, B, C, D

Figura 02: Procedimento de análise de gêneros a partir do contexto

Fonte: Swales (2004, p. 72)

A Figura 01 representa a trajetória metodológica proposta para a análise a partir do texto. Nesta, parte-se de uma primeira análise da estrutura, conteúdo e estilo do gênero e também do propósito, o qual, nessa fase da pesquisa, possui ainda um *status* provisório. Essa análise leva a uma constatação preliminar do estatuto do gênero. Entretanto, tal constatação precisa ser validada pela fase posterior, em que é feita a análise do texto em relação ao contexto

em que está imerso. A análise do contexto permite que se faça o “repropósito” do gênero (no original, *reporposing*), neologismo que indica a nova análise que é empreendida para a identificação do propósito comunicativo. Finalmente, o repropósito permite a revisão do estatuto do gênero.

Já a Figura 02 representa a análise a partir do contexto, a qual exige uma maior imersão do pesquisador na comunidade investigada. Esta segunda trajetória necessita que a pesquisa apresente um caráter etnográfico, de modo a realizar as quatro primeiras fases sugeridas para a pesquisa. Após essas etapas, faz-se o repropósito do gênero (assim como na primeira trajetória sugerida) para, por fim, descrever as características textuais dos gêneros utilizados pela comunidade discursiva estudada.

Dando continuidade à nossa descrição acerca da perspectiva teórica de Swales, no subtópico a seguir, discorreremos sobre a análise da organização retórica dos gêneros, que constitui um dos enfoques de nossa pesquisa.

### **1.3.1.2 Organização retórica**

Motivado especialmente por seu interesse pedagógico, em especial por seu trabalho com alunos de pós-graduação estrangeiros, Swales dedicou uma grande parte de sua pesquisa à análise de como os propósitos compartilhados pelos membros da comunidade discursiva modelam a estrutura esquemática do discurso. Essa ideia pode ser entendida à luz de dois outros conceitos propostos por Swales: movimento e passo retórico. A estruturação de um dado gênero em movimentos e passos tem sido denominada por diversos autores brasileiros (BEZERRA, 2001; JUCÁ, 2006; BIASI; HEMAIS, 2009) de organização retórica.

O movimento retórico (no original, *move*) pode ser definido como “uma unidade retórica ou discursiva que desempenha uma função comunicativa coerente em um discurso escrito ou falado” (SWALES, 2004, p. 228). Segundo o autor, embora possam ocorrer pistas léxico-gramaticais que sinalizam a presença de um dado movimento retórico, não se trata de uma unidade puramente formal, mas sim de um elemento funcional na composição do gênero.

Os movimentos retóricos estão ligados ao(s) propósito(s) do gênero e podem, por sua vez, ser materializados através de estratégias retóricas diversas, as quais Swales denomina de

passos (no original, *steps*<sup>13</sup>). Os passos são, portanto, possibilidades de concretização de um dado movimento retórico.

O marco teórico-metodológico da análise da organização retórica foi a elaboração, por Swales, do modelo CARS (sigla de *Create a Research Space*), que procurava descrever a organização prototípica de introduções de artigos de pesquisa. Swales partiu primeiramente de um *corpus* composto por 48 introduções (SWALES, 1984 *apud* BIASI-RODRIGUES, 2009) e depois ampliou este *corpus* para 110 introduções de diferentes áreas em uma pesquisa em co-autoria (SWALES; NAJJAR, 1987). Através dessas análises, Swales identificou quatro movimentos na organização retórica de introduções de artigo de pesquisa: *estabelecendo um campo de pesquisa; resumizando pesquisas prévias, preparando a presente pesquisa e introduzindo a presente pesquisa*.

Após receber algumas críticas de outros pesquisadores ao modelo primeiramente proposto, principalmente em razão da dificuldade de separar os dois primeiros movimentos, Swales (1990) reformulou o modelo original, valendo-se de uma analogia ecológica. Nesse novo modelo são apresentados, ao invés de quatro, três movimentos: *estabelecer o território, estabelecer o nicho, ocupar o nicho*.

Esse modelo de organização retórica foi denominado por Swales de *Create a Research Space*, pois o pesquisador constatou que, através da seção de introdução, os usuários tentavam estabelecer um espaço no qual a sua pesquisa pudesse ser situada. O modelo CARS foi adaptado para diversos outros gêneros, como resumo (BIASI-RODRIGUES, 2009), resenha (BEZERRA, 2001), projeto de pesquisa (JUCÁ, 2006) e, inclusive, gêneros não-acadêmicos, como nas pesquisas de Sousa (2004) e Bernardino (2000), as quais analisam editoriais de jornal e depoimentos em comunidades de alcóolicos anônimos, respectivamente.

Para Biasi-Rodrigues e Hemais, a grande contribuição de Swales à análise de gêneros consiste justamente na criação desse modelo que possui “a força e a flexibilidade suficientes para ser aplicado nos mais variados contextos” (2009, p. 32). De fato, a análise dos movimentos e passos retóricos proposta por Swales fornece uma via operacional para compreender e explicar a organização do conteúdo de diversos gêneros.

---

<sup>13</sup> Existe grande flutuação terminológica na nomeação dos elementos que Swales denominou tradicionalmente de *moves* e *steps*. Biasi-Rodrigues e Hemais (2005), assim como Bezerra (2001) e Jucá (2006), optam pelo uso dos termos “unidades” e “subunidades retóricas” ao invés de “movimentos” e “passos”, respectivamente. Nós optamos por utilizar os termos “movimentos” e “passos”, reservando o termo “unidade retórica” apenas para nos referir simultaneamente a movimentos e passos, de forma análoga ao que é empregado por Swales (2006).



Na presente pesquisa, nossa proposta é identificar os movimentos e passos recorrentemente utilizados na seção de metodologia no gênero projeto de pesquisa, procurando associar a organização retórica do gênero às sequências textuais tipicamente empregadas. Para tanto, tomaremos por base a concepção de sequências textuais de Adam, sobre a qual discorreremos no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 – SEQUÊNCIAS TEXTUAIS E ANÁLISE DE GÊNEROS**

A questão dos tipos textuais foi objeto de discussão de vários autores da Linguística de Texto, que a abordaram sob enfoques teóricos diversos<sup>14</sup>. Contudo, para Bonini (2005), é com o trabalho de Adam (1992) que essa proposta teórica “ganha credibilidade e passa a integrar os debates acadêmicos como um conceito mais ou menos estabilizado” (p. 231).

Partindo da reflexão de que o texto se constitui, em geral, como uma realidade profundamente heterogênea, Adam considera que uma tipologização só pode ser adotada de um ponto de vista modular da realidade textual, ou seja, vendo-se o texto como um todo que abrange diferentes módulos. Na perspectiva de Adam, o texto se constituiria a partir de dois módulos principais: o módulo da configuração pragmática, responsável por propiciar direcionamento de sentido e unidade ao todo textual; e o módulo da sucessão de proposições, em que se desenvolve a composição e organização do texto.

Esse último módulo, por sua vez, abrange dois submódulos: o da conectividade, referente ao encadeamento coesivo do texto; e o da sequencialidade, responsável pela organização das proposições textuais em agrupamentos prototípicos, aos quais Adam (1992) dá o nome de sequências textuais. As sequências, portanto, constituiriam modos prototípicos de agrupar e organizar proposições na superfície textual.

Do ponto de vista sequencial, o texto é definido por Adam (1992) a partir da seguinte fórmula: [#T# [Sequência(s) [macroproposições [proposição(ões)]]], em que T corresponde ao texto e o símbolo # marca o início e o fim da superfície textual. Assim, o texto é formado por uma ou mais sequências, as quais correspondem a um conjunto de macroproposições que, por sua vez, podem ser materializadas por uma ou várias proposições do texto. Adam caracteriza a macroproposição como sendo “uma espécie de período cuja propriedade principal é o de ser

---

<sup>14</sup> A título de exemplo, Adam (1992) menciona os trabalhos de Werlich (1975), Beaugrande e Dressler (1981) e Garavelli (1988) enquanto Bonini (2005) menciona os estudos de Brewer (1980) e Longacre (1983) sobre essa mesma temática.

uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisas dentro do todo ordenado da sequência” (2011, p. 205).

Adam menciona as seguintes formas de estruturação sequencial, resumidas na Figura 03:

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"><li>1. Tipos de sequência na base dos agenciamentos<ul style="list-style-type: none"><li>• Agenciamento unisequencial</li><li>• Agenciamento plurisequencial<ul style="list-style-type: none"><li>- homogêneo (um único tipo de sequências combinadas)</li><li>- heterogêneo</li></ul></li></ul></li><li>2. Combinações de sequências<ul style="list-style-type: none"><li>• Sequências coordenadas (sucessão)</li><li>• Sequências alternadas (montagem em paralelo)</li><li>• Sequência inseridas (encaixamento)</li></ul></li><li>3. Dominante (Efeitos de tipo de texto)<ul style="list-style-type: none"><li>• Pela sequência encaixante (que abre e fecha o texto)</li><li>• Pelo maior número de sequência de um mesmo tipo</li><li>• Pela sequência pela qual o texto pode ser resumido</li></ul></li></ol> |
|---|

Figura 03: Formas de estruturação sequencial

Fonte: Adam (2011, p. 272)

Na Figura 03, podemos observar as formas de estruturação sequencial em diferentes níveis. O primeiro nível diz respeito a presença de uma sequência (agenciamento unisequencial) ou mais (agenciamento plurisequencial) nos textos, sendo que esse último agenciamento subdivide-se em: homogêneo (quando há apenas um tipo sequencial no texto) ou heterogêneo (quando são combinados diferentes tipos sequenciais).

O nível 2 é o nível da combinação de sequências, válido apenas para textos em que há agenciamento plurisequencial. Nesse caso, tem-se 3 possibilidades: a coordenação de sequências em sucessão (representada por Adam da seguinte maneira: Seq. 1 + Seq 2 + Seq. n); a alternância de sequências combinadas em paralelo (que corresponde à estrutura [Seq. 1 ... [Seq. 2... [Seq. 1 *continuação*] [Seq. 2 *continuação*... Seq. 1 *fim*] Seq. 2 *fim*]; e a inserção de sequências heterogêneas (a qual corresponde à seguinte estrutura: [Seq. 1 ... [Seq. 2] ... Seq. 1]. Nessa última estrutura, tem-se uma relação entre sequência inserente e sequência inserida. Para tanto, é preciso que a sequência inserida faça parte da estrutura da sequência inserente.

A dominante sequencial diz respeito ao nível da tipificação global do texto, visto que ela fornece efeitos de tipo de texto. Adam utiliza essa expressão para sublinhar o fato de que o enquadramento de um dado texto em um tipo único é, na verdade, um efeito produzido pela

existência de uma sequência textual dominante. Essa sequência dominante pode corresponder: à sequência que introduz e conclui o texto, ou seja, aquela que o enquadra; à sequência mais frequente no texto; ou, ainda, à sequência que pode sintetizar o texto inteiro.

Assim, quando classificamos uma fábula, por exemplo, como um texto narrativo, estamos derivando nossa classificação global desse texto da relação de dominância que a sequência narrativa possui em relação às outras. Embora a fábula costumeiramente apresente sequências descritivas e conversacionais, geralmente estas são dominadas pelo tipo sequencial narrativo. Essa dominância, muitas vezes, origina-se de uma tendência do próprio gênero.

Em um primeiro momento, Adam (1987 *apud* ADAM, 1992) havia defendido a existência de sete sequências tipológicas: a narrativa, a argumentativa, a descritiva, a expositivo-explicativa, a injuntivo-instrucional, a conversacional e a poética-autotélica. Entretanto, posteriormente Adam (1992) reduz o conjunto a cinco sequências, excluindo do seu rol, a sequência injuntivo-instrucional, por reconsiderá-la como uma forma de realizar a sequência descritiva; e a sequência poética-autotélica, interpretando que o texto poético resultaria de ajustes na superfície textual, mas não se configuraria como um modo prototípico de organizar proposições.

Com base na Teoria dos Protótipos, Adam caracteriza as sequências como agrupamentos prototípicos de proposições, considerando que uma sequência pode ser tomada como mais ou menos narrativa, mais ou menos argumentativa e assim por diante, a depender de sua aproximação maior ou menor do protótipo da sequência. Não existem, nessa ótica, condições necessárias e suficientes para definição de uma sequência como sendo de um dado tipo. As sequências podem ser mais ou menos representativas de cada tipo e podem ainda estar na fronteira entre tipos distintos. Para desenvolver seu viés teórico, o autor propõe-se a descrever os protótipos de cada uma das sequências textuais, os quais serão apresentados e comentados nos subtópicos a seguir.

## **2.1 O protótipo da sequência narrativa**

A narrativa foi a primeira das sequências a ser detalhadamente estudada por Adam e as reflexões que o autor desenvolveu sobre ela serviram de base para a concepção de sequência textual teorizada em sua obra. Adam (1992) observa que, desde a Antiga Retórica, existe um interesse por explicar a estrutura da narrativa, consolidado principalmente com os estudos da

narratologia moderna, aos quais Adam recorre para desenvolver sua concepção sobre a sequência narrativa.

Eco (1985b, p. 50 *apud* ADAM, 1992) afirma que o teor narrativo é conferido aos textos não por enunciados isoladamente, mas sim por conjunto de proposições, as macroproposições, as quais, na narrativa, correspondem a escansões dos eventos narrados. O conceito de macroproposição é retomado por Adam para explicar não só a sequência narrativa, mas as sequências textuais em geral.

Para chegar à sua proposta de protótipo da sequência narrativa, Adam primeiramente reporta-se a uma série de critérios estabelecidos para definição de um texto (ou fragmento de texto) como narrativo. São eles: uma sucessão de eventos, a qual requer a existência de um intervalo temporal; uma unidade temática, que é garantida pela presença de, ao menos, um ator individual ou coletivo; a ocorrência de predicados transformados, ou seja, é necessário que haja uma mudança no estado de coisas; um processo que integre os eventos sucedidos em uma ação única; a causalidade da narrativa, isto é, uma lógica que coordene, motive e associe os eventos narrados, orientando-os para um fim; e, ao final, uma avaliação explícita ou implícita, que corresponde à moral da narrativa.

Levando em consideração esses critérios, apresentamos, a seguir, a Figura 04, que esquematiza o protótipo para a sequência narrativa, sendo que Pn corresponde a cada macroproposição narrativa:

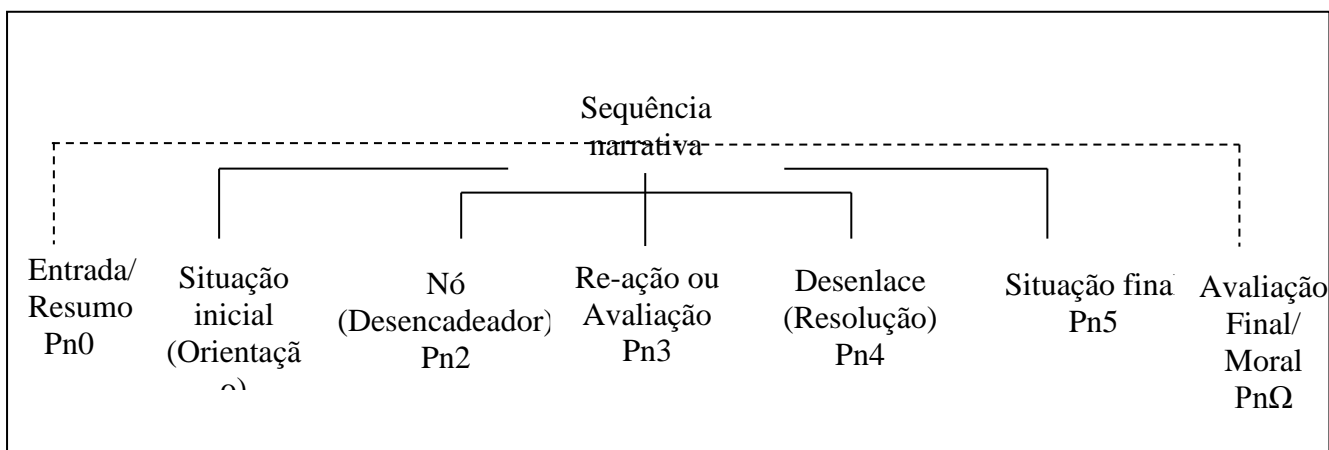


Figura 04: Protótipo da sequência narrativa  
 Fonte: Elaboração de nossa autoria

Pn0 diz respeito à abertura da narrativa que pode se materializar tanto por uma entrada-prefácio (algo comum no gênero romance, por exemplo) como por um resumo dos fatos narrados (o que frequentemente ocorre no gênero notícia, em que muitas vezes a própria

manchete já constitui um resumo dos acontecimentos). Pn1 corresponde à situação inicial anterior ao conflito da narrativa. É nessa macroproposição que os elementos constitutivos do mundo narrado são apresentados. Em Pn2, ocorre o nó, o qual corresponde à introdução do conflito da narrativa, o elemento desencadeador das demais ações narradas. Pn3, por sua vez, corresponde às (re)ações do(s) ator(es) da narrativa a este conflito ou, ainda, às avaliações dos mesmos acerca da complicação ocorrida. Em Pn4, acontece a resolução do conflito (por isso, Pn2 e Pn4 aparecem como extremos da mesma linha na representação gráfica). Pn5 refere-se à situação final, na qual se apresenta o estado de coisas do mundo narrado após a resolução do conflito (Pn1 e Pn5 são representados como extremos da mesma linha, por corresponderem, respectivamente, à situação antes e depois da apresentação e resolução do conflito). Por fim, PnΩ corresponde à avaliação final da narrativa sob a forma de uma moral implícita ou explícita. Para Adam, Pn0 e PnΩ garantem, respectivamente, a entrada e a saída do mundo narrado.

Vejam os exemplos de texto que apresentam o conjunto das macroproposições narrativas descritas por Adam, em que F demarca o início de cada frase tipograficamente marcada:

O IRA reivindica o atentado de Brighton: 4 mortos e 30 feridos  
GOD SAVES MAGGIE

Duas horas e cinquenta da manhã, ontem, na pequena cidade de Brighton, no sul da Inglaterra. No bar do Grande Hotel, os últimos parlamentares conservadores se preparam para retornar aos seus apartamentos. Margaret Thatcher, no seu gabinete de trabalho, põe um ponto final no discurso de fechamento do congresso anual do seu partido. O hotel está ocupado pela quase totalidade dos membros do seu gabinete, políticos e deputados. De repente, a explosão. O Exército Republicano Irlandês tinha colocado uma bomba no terceiro andar. Margaret Thatcher está viva, mas quatro pessoas estão mortas e outras trinta feridas, entre as quais um ministro e um deputado. Após a comoção, a primeira ministra britânica anuncia que o congresso continua. Ler páginas 2 a 4.<sup>15</sup>

De acordo com a análise feita por Adam, o título corresponde a um resumo da narrativa (Pn0). O lide corresponde a PnΩ, já que se trata da moral explicitada a partir da narrativa. Nas quatro primeiras sentenças, temos a situação inicial da narrativa (Pn1), enquanto a sentença “De repente, a explosão” corresponde ao Nó (Pn2), introduzido pelo típico marcador narrativo “De repente”. A macroproposição Pn3, que é, no caso, uma avaliação retrospectiva dos

---

<sup>15</sup> Exemplo utilizado por Adam (2011, p. 78).

acontecimentos, é realizada pela sentença “O Exército Republicano Irlandês tinha colocado uma bomba no terceiro andar”. Na sentença seguinte, temos o desenlace do conflito (Pn4), enquanto na penúltima sentença (“Após a comoção, a primeira ministra britânica anuncia que o congresso continua”) ocorre o relato da Situação Final (Pn5). A última sentença não faz parte da sequência narrativa, constituindo apenas uma remissão a outros textos presentes no jornal.

Embora não considere que os elementos linguísticos são suficientes para classificação de uma sequência textual, visto que não existem marcas linguísticas privativas desta ou daquela sequência, Adam (1992, p. 71) aponta algumas marcas típicas da sequência narrativa, que podem auxiliar em sua identificação, tais como: a alta frequência de marcadores temporais, o uso constante de anáforas pronominais e a alternância entre os tempos pretérito perfeito e pretérito imperfeito.

O autor aponta ainda marcas que podem indicar a ausência de sequência narrativa, isto é, marcas linguísticas que não são esperadas nesse tipo de sequência, tais como: emprego exclusivo do pretérito imperfeito, presença exclusiva de elementos predicativos, emprego massivo de determinantes de valor genérico, assim como o uso do tempo presente expressando verdade universal.

O reconhecimento das marcas linguísticas como possíveis pistas para a identificação de uma sequência textual é um ponto em comum da teoria de Adam com a análise da organização retórica dos gêneros, visto que, em ambas, esse é um aspecto relevante para a análise, embora não seja o único critério considerado e nem o decisivo.

Dando seguimento à apresentação dos protótipos propostos por Adam, apresentaremos, no próximo tópico, uma síntese das reflexões do autor acerca da descrição.

## **2.2 O protótipo da sequência descritiva**

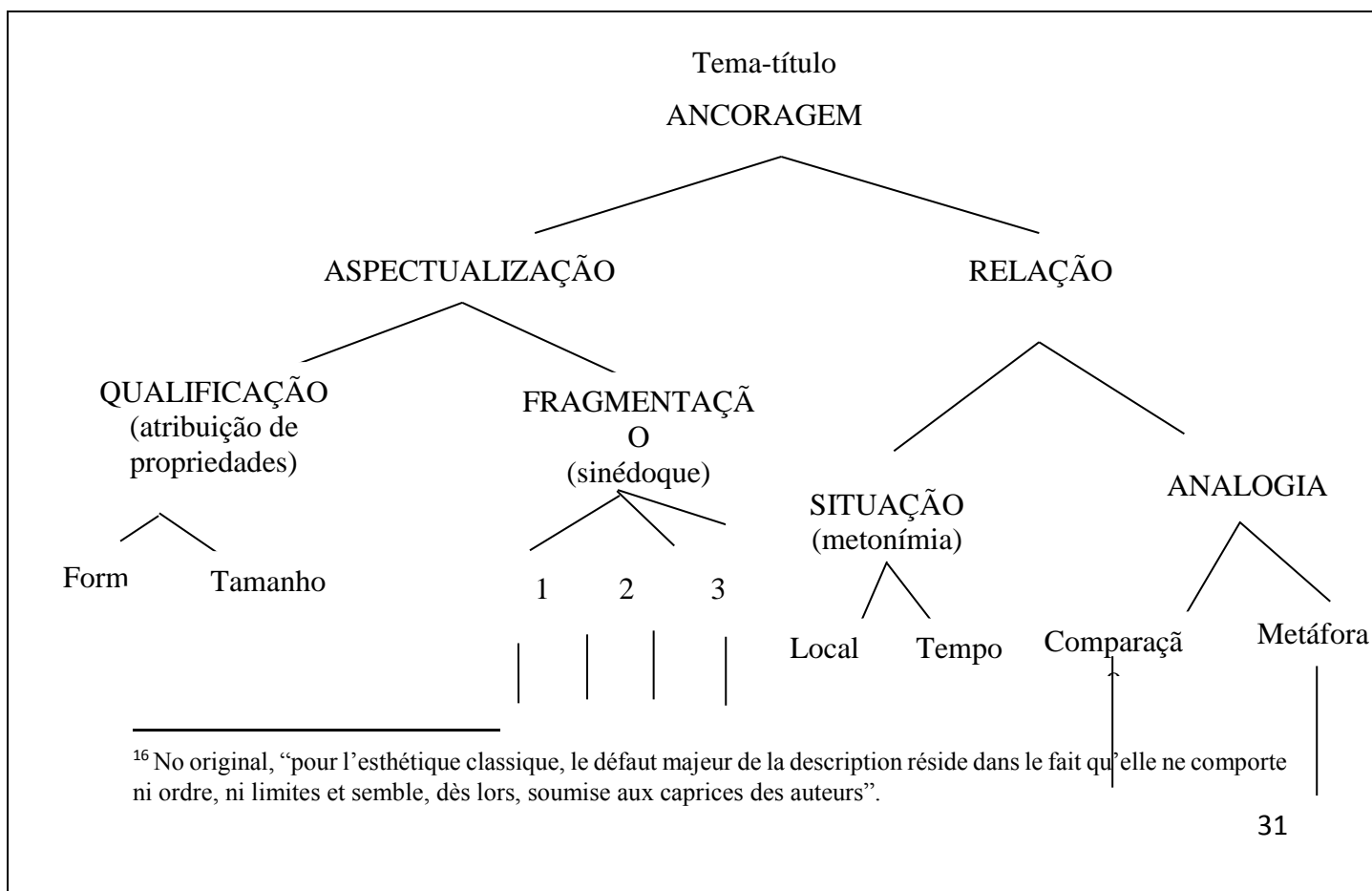
Diferentemente da narração, a qual foi alvo de diversos estudos desde a Antiga Retórica, a descrição, como ressalta Adam (1992, p. 75), foi tradicionalmente subestimada nas reflexões sobre tipologia textual e, muitas vezes, concebida como um mero ornamento textual, sem uma funcionalidade própria. Além disso, essa sequência textual foi objeto de severas críticas por parte de estudiosos da Estética Clássica que a consideraram desordenada e caótica. Segundo Adam (1992, p. 76), “para a estética clássica, o defeito maior da descrição reside no

fato de que ela não comporta nem ordem, nem limites e parece, então, submetida aos caprichos dos autores”<sup>16</sup>.

Opondo-se à concepção predominante na Estética Clássica, Adam considera que, embora a descrição possa parecer caótica, visto que ela não segue uma sucessão lógica dos fatos, tal como a sequência narrativa, aquela, na verdade, estabelece um tipo de ordem diferente: nela, não existe uma sucessão linear dos elementos, mas sim um ordenamento hierárquico, em que aspectos cada vez mais específicos do objeto podem ser descritos.

Embora Adam (2009) defendesse que a sequência descritiva possuía a mesma forma de estruturação que as demais, ele posteriormente (ADAM, 2011) revê seu posicionamento ao assumir que as sequências descritivas, diferentemente dos outros tipos sequenciais, não estabelecem uma ordem de agrupamento das proposições em macroproposições, devido à grande variação em sua composição. Assim, a descrição constitui um tipo sequencial, mas de *status* diverso das outras sequências, visto que a sua organização interna não comporta macroproposições, apenas proposições suscetíveis de diversas operações descritivas.

Adam estabelece que as sequências descritivas são constituídas não por macroproposições, mas sim por um repertório de macro-operações (tematização, aspectualização, relação e expansão por subtematização), subdividas em nove operações descritivas, representadas na Figura 04:



## EXPANSÃO POR SUBTEMATIZAÇÃO

○

EXPANSÃO POR  
SUBTEMATIZAÇÃO  
Etc

Figura 05 Protótipo da sequência descritiva

Fonte: Elaboração de nossa autoria

A parte superior do gráfico constitui a operação de ancoragem (também chamada de tematização), que corresponde à introdução referencial do elemento que será objeto da descrição, denominado por Adam de tema-título. A ancoragem pode ser de três tipos: ancoragem propriamente dita ou pré-tematização, quando ela acontece encabeçando a descrição; pós-tematização ou ancoragem diferida, quando a ancoragem do elemento ocorre ao fim da descrição; e, ainda, retomatização ou reformulação, quando ocorre a ancoragem do tema-título no início da descrição, mas, ao fim, o elemento inicialmente ancorado é reformulado.

A primeira operação hierarquicamente inferior à ancoragem na representação gráfica é a aspectualização, a qual, segundo Adam (1992, p. 89, tradução nossa), “é a mais comumente admitida como base da descrição”<sup>17</sup>. Nessa operação, descreve-se um objeto a partir de elementos intrínsecos a ele, sejam esses elementos partes que o compõem ou propriedades que ele possui. Adam reporta-se a dois tipos de aspectualização: a fragmentação ou partição, na qual são apresentados elementos que integram o objeto descrito (por exemplo, uma casa pode ser descrita pela apresentação dos cômodos que ela possui, ou seja, às partes que a compõem); e a atribuição de propriedades, ou seja, a descrição de qualidades específicas do objeto (uma casa pode ser descrita quanto à sua cor, tamanho, tipo de construção, etc.).

A estrutura canônica da qualificação é a junção de um grupo nominal ao verbo “ser” acompanhado de um predicativo (como, por exemplo, “Os alunos são bastante esforçados”). Mas ela também pode ocorrer por meio de uma relação predicativa ocasionada pelo verbo “ter” (ou “possuir”) (por exemplo, “Os alunos têm muita disciplina”) e ainda por predicados funcionais habituais (tais como “Os alunos estudam todos os dias”), os quais, por serem apresentados como ações habituais do elemento descrito, equivalem à atribuição de uma dada propriedade.

Já a operação de relação refere-se a descrever um objeto em relação a outro(s) elemento(s) externo(s) a ele. Nesse caso, tem-se duas possibilidades: o objeto pode ser descrito

---

<sup>17</sup> No original, “est la communément admise comme base de la description”.



em relação às circunstâncias espaciais ou temporais da situação em que se encontra (relação de contiguidade) ou ainda por analogia (através de metáfora ou comparação) às características de outro objeto.

Um aspecto importante da sequência descritiva é que ela pode ser recursivamente desdobrada em novas descrições. Assim, por exemplo, na medida em que se descreve uma casa, o quarto pode tornar-se um novo tema-título e constituir, assim, um novo objeto de descrição associada ao primeiro e suscetível de sofrer as mesmas operações descritivas. Essa operação de estabelecimento de um novo tema-título, a partir da descrição inicial, é denominada por Adam de expansão por subtematização. É devido a essa possibilidade que o autor opta por representar a sequência descritiva através de um diagrama vertical e arbóreo, simbolizando a alternativa de a sequência descritiva principal ramificar-se em diversos pontos.

Um exemplo apresentado por Adam (2011) é o seguinte:

Hotéis Meridien Caribe  
Azul, branco, frescor  
Azul como o mar, às vezes, verde ou turquesa, ou malva de acordo com a hora. Branco como a areia, ou o sol ao meio-dia. Azul, branco, frescor como os refrescos servidos à beira da piscina.<sup>18</sup>

Logo no início ocorre a tematização do objeto da descrição “Hotéis Meridien Caribe”. Em seguida, é feita uma operação de aspectualização desse elemento por atribuição de propriedades (“Azul, branco, frescor”). Na sentença seguinte, ocorre novamente uma aspectualização (“azul”) e uma operação de relação de analogia (“como o mar”). Em seguida, através de uma operação de expansão por subtematização, o mar passa a ser o objeto da descrição sendo submetido a uma aspectualização (“às vezes verde, ou turquesa, ou malva”) e a uma relação de contiguidade temporal (“de acordo com a hora”).

Na sequência, novamente os hotéis tornam-se objetos de descrição por aspectualização (branco) e se estabelece uma outra relação de analogia (como a areia ou o sol), e o sol, através de uma expansão por subtematização, também é colocado em relação de contiguidade temporal (“ao meio dia”).

Por fim, ocorre novamente uma aspectualização (azul, branco, frescor) e uma relação de analogia (como os refrescos). Através de uma expansão por subtematização, os refrescos

---

<sup>18</sup> Exemplo utilizado por Adam (2011, p. 223).

também são colocados em relação de contiguidade, mas, dessa vez, espacial (“servidos à beira da piscina”).

Dando continuidade a sua teoria, Adam discorre sobre a sequência argumentativa que, como ele ressalva, não se confunde com o teor argumentativo, o qual está presente em todos os textos em diferentes graus. No próximo tópico, apresentaremos a concepção de sequência argumentativa proposta pelo autor francês.

### **2.3 O protótipo da sequência argumentativa**

Adam inicia sua discussão sobre sequência argumentativa afirmando que não se deve confundir a argumentação em geral com o protótipo sequencial argumentativo. Segundo ele, “a noção geral de argumentação pode ser abordada seja ao nível do discurso e da interação social, seja ao nível da organização pragmática da textualidade”<sup>19</sup> (ADAM, 1992, p. 103, tradução nossa). Quando abordamos a argumentação enquanto construção de uma representação discursiva, com o fim de modificar as representações de um interlocutor, estamos nos reportando à argumentação a nível do discurso e interação sociais. No entanto, se nosso objetivo é compreender a organização de um conjunto de proposições de um texto, observando as relações que elas mantêm entre si e a maneira como se agrupam na superfície textual, estamos nos reportando ao nível da sequencialidade.

Para construir o protótipo da sequência argumentativa, Adam reporta-se a diversos modelos teóricos referentes à argumentação como o de Toulmin, o qual sustenta que as proposições em um excerto argumentativo distribuem-se da seguinte maneira: “Argumentação → Conclusão; Dados → Conclusão” (1858, p. 97 *apud* ADAM, 1992, p. 104). Isto significa que, em uma sequência argumentativa, os dados/argumentos são organizados visando à rejeição ou adesão de uma audiência a uma dada proposição, procedimento que se efetiva por meio de uma conclusão. Desenvolvendo de modo mais complexo este esquema inicial, Adam considera que é preciso também abranger, no protótipo da sequência argumentativa, as inferências que conduzem os dados para a conclusão e as possíveis restrições que podem agir sobre essas inferências.

O autor discorre sobre o esquema da argumentação nos seguintes termos:

---

<sup>19</sup> No original, “la notion générale d’argumentation peut être abordée soit au niveau du discours et de l’interaction sociale, soit au niveau de l’organisation pragmatique de la textualité”.

o esquema de base da argumentação é um estabelecimento de relação de *dados* com uma *conclusão*. Este estabelecimento de relação pode ser implicitamente ou explicitamente fundamentado (*garantia* ou *suporte*) ou contrariado (*refutação* ou *exceção*). Se o dado é o elemento frequentemente mais explícito, o suporte é bastante frequentemente implícito e os outros componentes situam-se entre estes dois pólos de implicitude e explicitude. (ADAM, 1992, p. 104, tradução nossa)<sup>20</sup>

É bastante comum que vários elementos da sequência argumentativa não sejam explicitados na superfície textual. Isso pode ocorrer, inclusive, com a própria conclusão. Entretanto, raramente os dados não serão explicitados, visto que eles constituem o próprio argumento, ou seja, aquilo que o autor do texto sustenta em defesa de seu ponto de vista.

Adam reúne ainda, aos elementos supracitados na constituição da sequência argumentativa, outro aspecto que se relaciona à natureza dialógica da argumentação, visto que argumentar implica refutar ou aderir a outro discurso, seja esse efetivo ou virtual. Esse elemento é denominado por Adam (1992, p. 118) como “tese anterior”.

Assim, o protótipo que Adam propõe para a sequência argumentativa está representado na Figura 05, na qual P. arg. simboliza as macroproposições argumentativas:

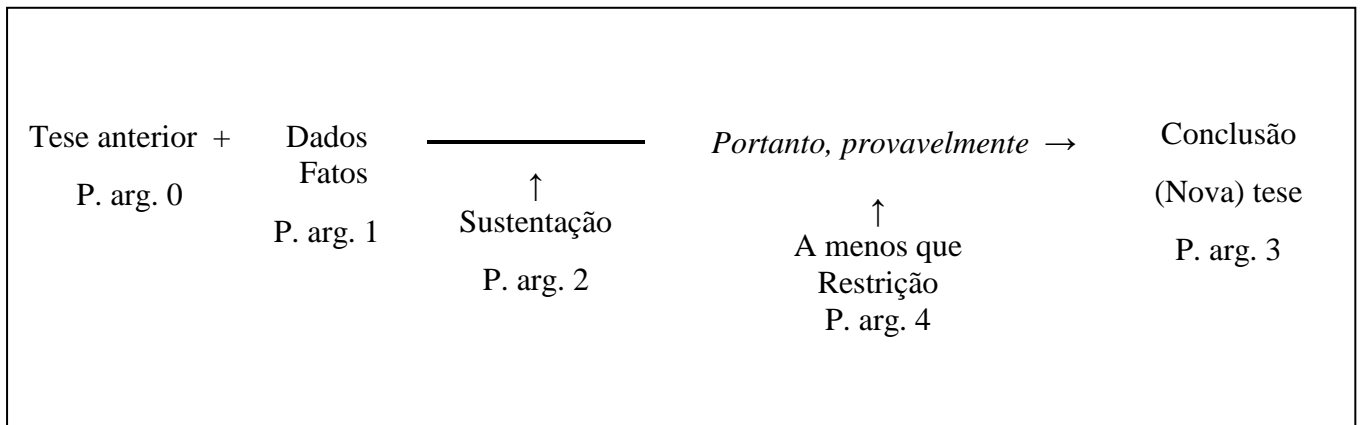


Figura 05: Protótipo da sequência argumentativa  
Fonte: Elaboração de nossa autoria

P. arg. 0 corresponde à tese anterior, que pode ser sustentada ou refutada pela argumentação atual e que é complementada por P. arg. 2, os dados, os quais funcionam como

<sup>20</sup> No original, “le schéma de base de l’argumentation est une mise en relation de *donnés* avec une *conclusion*. Cette mise en relation peut être implicitement ou explicitement fondée (*garant* et *support*) ou contrariée (*réfutation* ou *exception*). Si la donnée est l’élément le plus souvent explicite, le support est très souvent implicite et les autres composantes se situent entre ces deux pôles d’implication et d’explicitation”.

premissas para a argumentação. Pn3, por sua vez, corresponde à sustentação do ponto de vista através de argumentos. Pn4 corresponde à restrição que pode ou não atuar sobre a argumentação e Pn5 constitui a conclusão, a qual corresponde a uma tese, que pode ir ao encontro da tese anterior ou contrapor-se a ela, formando uma nova tese.

Adam salienta que não se trata de um esquema linear e que, na verdade, ele comporta dois níveis: o nível justificativo (P. arg. 1 + P. arg. 2 + P. arg. 3), em que a estratégia argumentativa é dominada pelos conhecimentos já postos, existindo pouco polêmica e o nível dialógico ou contra-argumentativo (P. arg. 0 + P. arg. 4), em que a argumentação é negociada com o contra-argumentador (que pode ser real ou virtual) e a estratégia argumentativa visa a uma transformação dos conhecimentos.

Apresentamos, a seguir, um exemplo analisado por Adam (2011):

Dominique Perret, esquiador radical: “Nós não somos camicases suicidas: assumimos riscos, certamente, mas são calculados”.<sup>21</sup>

Nesse breve exemplo, temos como dados (P. arg. 1) a asserção “assumimos riscos”, a qual, através uma sustentação que não é explicitada (quem assume riscos, arrisca sua vida), leva à conclusão não-expressa: “esportistas radicais podem ser comparados a camicases suicidas”. Essa conclusão, embora não-expressa, é refutada através de outros dados (os quais Adam denomina de P. arg. 1’): “mas são calculados”. A refutação da conclusão não-expressa é textualmente indicada através do marcador argumentativo “mas”. Assim, através da atuação de uma restrição, que também não é expressa (quem assume riscos, arrisca sua vida, a menos que esses riscos sejam calculados) chega-se à conclusão da argumentação (que constitui uma nova tese): “Nós [esportistas radicais] não somos camicases suicidas”

As marcas linguísticas mais típicas dessa sequência são os marcadores argumentativos, tais como: “logo”, “portanto”, “assim”, os quais costumam marcar a passagem dos dados para a conclusão. Entretanto, é preciso ressaltar que, muitas vezes, essa passagem não é explicitada por marcadores, mas ocorre de modo implícito.

Em continuidade à apresentação dos protótipos sequenciais caracterizados por Adam, no próximo tópico, apresentaremos o protótipo da sequência explicativa.

## **2.4 O protótipo da sequência explicativa**

---

<sup>21</sup> Exemplo utilizado por Adam (2011, p. 235).

Para discorrer sobre o protótipo da sequência explicativa, Adam (1992, p. 127) inicialmente procura distinguir o ato de explicar do ato de informar, visto que, na literatura existente sobre tipologias textuais, o tipo explicativo foi, em alguns momentos, denominado de tipo informativo, termo que Adam opta por não utilizar. O termo “informativo” é considerado por Adam relativamente vago, uma vez que todo texto, em certa medida, informa.

Além disso, existe uma diferença entre os atos de informar e explicar, pois embora o texto explicativo possua uma base informativa, nesse último existe a intenção marcada de querer esclarecer algo para alguém em função de uma questão que emerge como ponto de partida para a explicação, de maneira implícita ou explícita.

Adam opta também por não falar de sequência expositiva, uma vez que essa poderia ser reinterpretada ou como uma sequência descritiva ou como um tipo específico de sequência explicativa. Ele também considera que a justificativa seria um tipo de sequência explicativa, posto que a sequência explicativa propriamente dita seria uma resposta a perguntas como “por que isto é assim?” ou ainda “por que fazer isto?”, enquanto a justificativa especificamente é construída como uma resposta para a questão “por que afirmar isto?”. Em outras palavras, “nós justificamos as palavras (<< *de dicto* >>) e explicamos os fatos (<< *de re* >>)” (ADAM, 1992, p. 130).

Assumindo que a estrutura explicativa comporta três fases (uma fase de questionamento, uma fase resolutiva e uma fase conclusiva), Adam propõe um protótipo para a sequência explicativa, o qual é esquematizado pela Figura 07, na qual P. exp. corresponde a cada macroproposição explicativa:

Por que X? (ou Como X?)	P. exp. 0: Esquematização inicial P. exp. 1: Problema (questão)
Porque	P. exp. 2: Explicação (resposta) P. exp.3: Ratificação-avaliação

Figura 07: Protótipo da sequência explicativa

Fonte: Elaboração de nossa autoria

P. exp. 0 corresponde à esquematização inicial, em que se constitui o objeto a ser explicado e os papéis do sujeito que explica e do sujeito ao qual se dirige essa explicação. Essa macroproposição, segundo Adam, é de natureza facultativa. P. exp. 1 corresponde ao problema ou questão que suscita a explicação. A macroproposição 2 constitui a resposta à questão erigida, enquanto a macroproposição 3 refere-se a uma ratificação e/ou avaliação sobre a explicação dada, um elemento frequentemente elíptico nessa sequência.

Um dos textos que Adam utiliza para exemplificar a sequência explicativa é o seguinte:

Quando tinha treze anos, presenciei em Auvergne a ruína do exército francês. Para os meninos da minha idade, antes da guerra, o exército francês era uma coisa impressionante e poderosa. E nós os vimos chegar em frangalhos. Na pequena estrada, perto do vilarejo onde irei votar em março, como simples cidadão, interrogávamos os soldados para tentar compreender: “O que aconteceu?”. A resposta chegava, sempre a mesma: “Fomos enganados, enganaram-nos” Ouço ainda, passados quarenta anos, essa resposta e disse a mim mesmo que, se um dia eu assumisse responsabilidades, não permitiria nunca que os franceses pudessem dizer: “Enganaram-nos”.<sup>22</sup>

Nesse exemplo, temos a esquematização inicial (P. exp. 0), a qual se concretiza através das três primeiras sentenças. Na quarta sentença, temos a problematização (P. exp. 1), materializada pela indagação aos soldados: “O que aconteceu?”. E, logo em seguida, é dada a resposta (P. exp. 2): “Fomos enganados, enganaram-nos”. Na sentença final, temos a ratificação da explicação, que constitui uma avaliação por parte do locutor da explicação que fora dada: “se um dia eu assumisse responsabilidade, não permitiria nunca que os franceses pudessem dizer: ‘Enganaram-nos’”.

Adam aponta, como marcadores típicos da explicação, os marcadores “por que” e “como”. Destacamos ainda alguns não mencionados por Adam: “visto que”, “em vista de”, “uma vez que”, “posto que”, entre outros. Além disso, assim como na sequência argumentativa, a relação de explicação pode não ocorrer de modo explícito, mas ser recuperável pelo contexto.

Dando seguimento a nossa descrição dos protótipos propostos por Adam, no tópico seguinte, discorreremos, por fim, sobre a última sequência apresentada por ele: a dialogal.

## 2.5 O protótipo da sequência dialogal

---

<sup>22</sup> Exemplo utilizado por Adam (2011, p. 246).

O grande diferencial de Adam no que se refere aos tipos elencados é a inclusão do tipo sequencial dialogal. Para o autor, o diálogo corresponderia a uma sequência textual que, a depender da modalidade da comunicação, pode possuir um *status* equiparável às outras.

Na modalidade oral, o diálogo emerge como tipo sequencial hegemônico em relação a todos os outros, de forma que os outros tipos sequenciais aparecem inseridos na sequência dialogal. Todavia, na modalidade escrita, Adam considera que essa sequência se mostra equiparável às outras sequências, com o diferencial de que se trata de uma sequência poligerada, em contraste com as outras que são monogeradas.

Baseando-se principalmente na Teoria da Conversação, Adam propõe um protótipo para a sequência dialogal, que está representado na figura abaixo, na qual P. dial. simboliza as macroproposições dialogais:

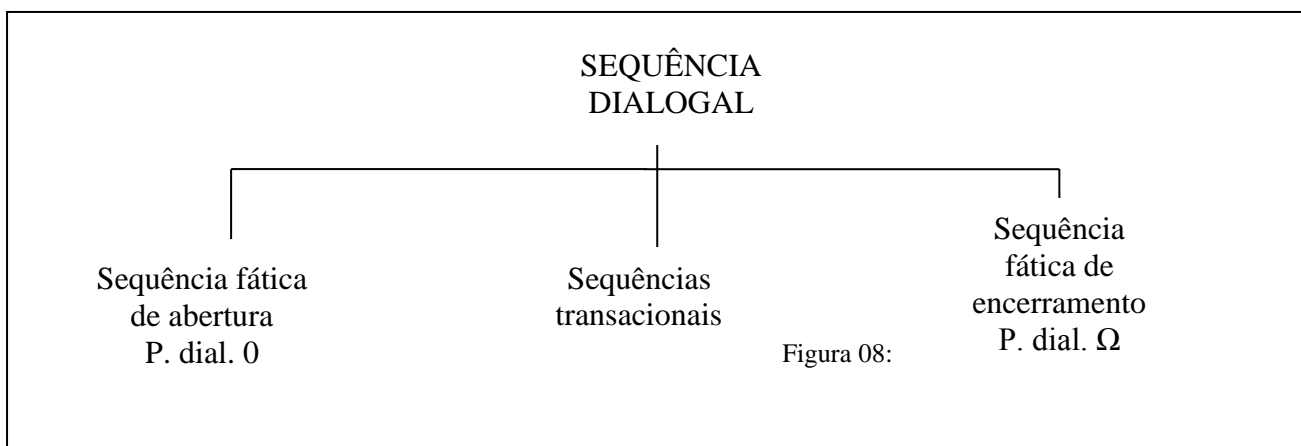


Figura 08:

Protótipo da sequência dialogal  
Fonte: Elaboração de nossa autoria

Nesse protótipo, ele distingue dois tipos de sequência dialogal: as sequências fáticas e as sequências transacionais. As sequências fáticas correspondem às sequências de abertura e de fechamento do diálogo, que correspondem na Figura 08 às Sequências 0 e  $\Omega$ , respectivamente. As sequências transacionais, por sua vez, constituem o desenvolvimento do diálogo e a dinâmica dessas sequências é determinada pela troca de turnos de fala, podendo corresponder a perguntas, respostas ou avaliações.

Vejam os exemplos de um breve diálogo apresentado por Adam (1992):

- Desculpe-me. Você tem horas?
- Você não tem relógio?

- Não.
- São seis horas.
- Obrigada.<sup>23</sup>

Nesse exemplo, temos a sentença inicial “Desculpe-me” como a sequência fática de abertura (P. dial. 0) e as sentenças posteriores funcionando como sequências transacionais, ora de pergunta, ora de resposta. Por fim, temos a sequência fática de fechamento, representada pela sentença “Obrigada” (P. dial. Ω), a qual arremata o diálogo.

Uma vez apresentados os protótipos de cada sequência textual, discutiremos, no próximo tópico, os pontos em comum entre a análise da organização retórica nos moldes de Swales (1990) e a concepção de sequência textual defendida por Adam (1992).

## **2.6 Organização retórica e estruturação sequencial: uma possibilidade de interface**

Como metodologia de análise de gênero a partir do texto, a descrição da organização retórica tem possibilitado interfaces com estudos relativos a categorias típicas da Linguística Textual. Araújo (1997), por exemplo, analisou a organização retórica de resenhas acadêmicas, investigando simultaneamente a categoria de sinalização lexical, enquanto Bezerra (2001) fez uma interface da análise retórica com o exame da estratégia de rotulação nesse mesmo gênero.

Neste trabalho, propomos uma interface entre a análise da organização retórica com base no modelo CARS de Swales (1990) e a identificação das sequências textuais na perspectiva de Adam (1992), ambas as teorias apresentadas nos tópicos anteriores. Essa interface já havia sido proposta por Sousa (2004), com o gênero editorial de jornal, e também por Jucá (2006), com a seção de justificativa do gênero projeto de pesquisa.

Em seu trabalho, Sousa (2004, p. 127) reconhece que, embora inicialmente tenha buscado um “encaixe perfeito” entre organização retórica e estruturação sequencial, os dados mostraram que essa correspondência biunívoca parece ser impossível. Entretanto, após várias revisões, a pesquisadora conseguiu identificar tendências em termos de composição sequencial na materialização de alguns dos movimentos retóricos do *corpus*.

---

<sup>23</sup> Exemplo utilizado por Adam (1992, p. 159). No original, “- Excusez-moi. Vous n’avez pas des montre? – Non. – Il est six heures. – Merci.”.



Jucá, em sua pesquisa, também constatou que não existe uma relação biunívoca entre movimento e sequências textuais. Contudo, os resultados de sua pesquisa enfocam mais a relação das sequências textuais com as expectativas relativas ao gênero projeto de pesquisa como um todo do que com a organização retórica da seção em análise.

Acreditamos que essa interface entre organização retórica e estruturação sequencial ainda possa ser explorada de maneira mais aprofundada, visto que as duas categorias apresentam pontos epistemológicos em comum. Ambas buscam descrever porções textuais e combinam, para isso, critérios linguísticos e pragmáticos, afinal, como afirma Bonini, “as sequências são utilizadas no texto mediante as exigências pragmáticas de enunciado (correspondente em parte ao gênero)” (2005, p. 218). De maneira semelhante, os movimentos retóricos também atendem a exigências pragmáticas e também são modelados pelo gênero.

Além disso, tanto a identificação das sequências textuais, na perspectiva de Adam, quanto a análise da organização retórica, nos moldes de Swales, utilizam-se de marcas linguísticas não como critério decisivo, mas como pistas que podem sinalizar a presença das sequências, em um caso, e dos movimentos e passos, no outro.

Outro aspecto em comum entre essas teorias é que ambas se baseiam na Teoria dos Protótipos, de forma que tanto os movimentos e passos retóricos, quanto as sequências textuais, são vistos como elementos prototípicos, que podem concretizar-se de diferentes maneiras nos textos reais.

Assim, em nossa pesquisa, buscamos encontrar tendências na correspondência entre essas duas categorias, como na pesquisa de Sousa (2004) e, além disso, entender de que maneira o conhecimento das sequências textuais pode ser útil para identificação da organização retórica dos textos e vice-versa.

No próximo capítulo, abordaremos mais especificamente o objeto da nossa pesquisa, o gênero projeto de dissertação, e a seção que nos propomos a analisar, a seção de metodologia, observando o que as pesquisas anteriores indicam em relação ao *corpus* escolhido.

### **CAPÍTULO 3 – ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE O GÊNERO PROJETO DE PESQUISA E A SEÇÃO DE METODOLOGIA**

Nos subtópicos a seguir, comentaremos estudos prévios sobre o gênero projeto de pesquisa e sobre a seção de metodologia especificamente.

### 3.1 O gênero projeto de pesquisa

No cenário internacional, segundo Tseng (2011, p. 2255), os estudos sobre projetos de pesquisa podem ser divididos em 3 grupos: pesquisas que analisam a organização retórica desse gênero, como o trabalho de Connor e Mauranen (1999); pesquisas que se focam na descrição de aspectos linguísticos de projetos de pesquisa, como a realizada por Feng (2006); e estudos que se centram na dimensão sociocognitiva da escrita de projetos de pesquisa, como a pesquisa de Tardy (2003).

Contudo, tais estudos, aos quais Tseng (2011) se refere, focam-se especificamente na descrição de projetos de pesquisa elaborados por pesquisadores para financiamento de seus projetos. Os projetos de pesquisa escritos para entrada em programas de pós-graduação parecem ser ainda pouco investigados, mesmo no cenário internacional.

Em relação ao cenário de pesquisa brasileiro, podemos citar apenas o trabalho de Carvalho e Nascimento (2012), que faz uma descrição do gênero projeto de pesquisa com base em manuais de metodologia, sem análise de *corpus*, e a pesquisa de Jucá (2006), que se centra especificamente na organização estrutural da seção de justificativa de projetos de pesquisa qualificados em programas de mestrado.

A escrita do gênero projeto de pesquisa é dificultada por outros fatores, além da escassez de pesquisas sobre o mesmo, como o fato de que sua circulação é restrita. O projeto de pesquisa é um exemplo do que Swales (2004, p. 24.) denomina de gênero ocluso<sup>24</sup>, ou seja, um gênero “que atua por trás dos bastidores dos gêneros mais dominantes e cujo acesso é limitado dentro da comunidade discursiva” (BAWARSHI; REIFF, 2013, 255). Como estamos analisando textos escritos por membros pouco experientes, consideramos a hipótese de que o conhecimento desse gênero por parte dos autores é provavelmente restrito, devido a este gênero possuir um acesso limitado, em geral, a membros mais experientes da comunidade acadêmica.

Em pesquisa sobre a organização retórica de projetos de pesquisa escritos para agências de fomento, Connor e Mauranen (1999) chegaram a um total de 10 movimentos prototípicos desse gênero: território (real ou empírico) da pesquisa, lacuna a ser preenchida, objetivos da pesquisa, revisão de pesquisas anteriores, meios (metodologia) para concretização

---

<sup>24</sup> No original, “occluded genre”.

dos objetivos, realizações da pesquisa, benefícios da pesquisa, reivindicação de competência do pesquisador, reivindicação de importância da pesquisa e declaração de conformidade do projeto em relação às diretrizes da agência de fomento.

Contudo, ressaltamos que, em grande parte dos modelos de projetos tanto para financiamento quanto para ingresso em pós-graduação no Brasil, a metodologia não constitui apenas um movimento, mas sim uma seção do gênero, dotada de uma organização própria. Assim, consideramos que, para melhor compreender a funcionalidade e a estruturação dessa seção, é necessário observar os movimentos e passos que a compõem, como nos propomos neste trabalho.

Connor e Maurannen (1999, p. 48) caracterizam o projeto de pesquisa como um gênero de escrita persuasiva. Seja destinado a uma agência de fomento, seja como instrumento de avaliação para ingresso em um programa de pós-graduação, o projeto de pesquisa precisa persuadir quem o lê da pertinência e relevância da proposta de investigação a ser feita. Entretanto, como formula Myers, uma característica do projeto de pesquisa é “persuadir sem parecer estar persuadindo”<sup>25</sup> (1990 *apud* CONNOR; MAURANEN, 1999, tradução nossa), ou seja, de forma não-explicita, uma vez que a autopromoção explícita pode comprometer a imagem do proponente do projeto.

Além disso, outro aspecto importante na composição de um projeto de pesquisa é que ele precisa equilibrar o valor de novidade da proposta ao que já foi realizado no campo. Segundo Connor e Mauranen (1999, p. 48, tradução nossa), “o pesquisador precisa ser inovador, mas dentro das restrições do campo”<sup>26</sup>, sob pena de ser rejeitado por membros experientes da comunidade.

De forma semelhante ao que Amsterdamska e Leydesdorf (1989) já constataram em relação ao gênero artigo de pesquisa, no projeto de pesquisa, o “novo” precisa integrar-se ao “velho”, ou seja, a nova pesquisa proposta pelo projeto precisa adequar-se ao escopo delineado pelas pesquisas prévias. Segundo os autores, esse encontro tem um duplo significado, pois tanto a nova proposta é justificada pela teoria prévia como também é situada e integrada ao “contexto do conhecimento ‘velho’ e aceito”<sup>27</sup> (AMSTERDANKA; LEYDESDORF, 1989, p. 3, tradução nossa). Ou seja, espera-se que o projeto de pesquisa apresente algo novo, que motive a

---

<sup>25</sup> No original: “persuade without seeming to persuade”.

<sup>26</sup> No original: “the researcher needs to be inovative but within the constraints of the field”.

<sup>27</sup> No original: “the context of ‘old’ and accepted knowledge”.

concretização da proposta, mas que essa novidade se acomode às expectativas e exigências do campo em que a pesquisa deverá se inserir.

Motta-Roth e Hendges (2010, p. 52) destacam que as informações incluídas em um projeto podem variar dependendo da área de conhecimento em que ele se insere e também da instituição a que submetemos nossa proposta de pesquisa. Enfatizamos ainda que, mesmo se tratando da mesma área, é possível que as subáreas de pesquisa também possam influenciar em quais informações integram o projeto e que, ainda que se aborde a mesma instituição (seja ela um programa de pós-graduação ou uma agência de fomento), é possível que editais diferentes expedidos por esse órgão apresentem expectativas distintas quanto à elaboração do projeto. Todas essas variáveis são consideradas em nossa análise, visto que temos como *corpus* projetos de diversas subáreas da Linguística, baseados em diferentes editais.

No tópico a seguir, abordaremos alguns estudos prévios referentes a seção que analisamos, a seção de metodologia, enfocando aqueles que se aproximam da nossa proposta, ou seja, aqueles que buscam descrever a organização retórica dessa seção.

### **3.2 A seção de metodologia**

A metodologia é uma seção que está presente na estrutura composicional de diversos gêneros: o artigo de pesquisa, a dissertação de mestrado, a tese de doutorado, o plano de curso, o plano de aula, o projeto pedagógico, o projeto de pesquisa, dentre outros. Embora seja possível vislumbrar aspectos em comum em termos de funcionalidade dessa seção nesses diferentes gêneros, visto que se espera que exista nela uma descrição dos procedimentos adotados (seja na pesquisa, em uma ação pedagógica ou em outra atividade), não se pode desconsiderar que existem também variações, pois trata-se de gêneros diferentes utilizados em situações retóricas diversas. Em um plano de aula, por exemplo, a descrição da metodologia adotada costuma ser breve e sumária, enquanto em um projeto pedagógico é frequente que ela seja mais extensa e detalhada.

Segundo Motta-Roth e Hendges, a função retórica da seção de metodologia em um artigo de pesquisa é “narrar os procedimentos de coleta e análise dos dados e descrever os materiais que levam à obtenção dos resultados, com maior ou menor detalhamento, dependendo do objeto de estudo” (2010, p. 114). Ressaltamos que o nível de detalhamento também pode variar dependendo do gênero em questão e da cultura disciplinar em que o texto está inserido.

Swales (2004, p. 223) aponta que é comum que a metodologia dos artigos de pesquisa seja sucinta em áreas como Física, Biologia e Química; intermediária em áreas como Linguística e Saúde Pública; extensa em áreas como Educação e Psicologia e que, em áreas de tradição ensaística, como a Filosofia, por exemplo, essa seção é, muitas vezes, suprimida. O autor aponta ainda que, mesmo dentro da mesma área, é possível que ocorram variações entre as subáreas que a integram: na área de Linguística, por exemplo, os artigos das subáreas de Fonética e Linguística Cognitivo-Experimental tendem a utilizar seções de metodologia extensas enquanto nas áreas de Sociolinguística e Inglês para Fins Específicos as seções de metodologia dos artigos são mais sucintas<sup>28</sup>. Em nossa pesquisa, embora o *corpus* seja composto por projetos exclusivamente da área de Linguística, levamos em consideração, em nossas análises, a variedade de subáreas existentes, as quais podem ocasionar diferenças na composição da seção de metodologia.

Swales aponta que outro aspecto que pode influenciar no nível de detalhamento da seção de metodologia é o valor de novidade dos métodos empregados ou ainda possíveis controvérsias que eles possam suscitar. Métodos inovadores, controversos ou pouco conhecidos tendem a render seções de metodologia mais extensas, de modo a explicar e/ou justificar o emprego desses procedimentos metodológicos na pesquisa.

Em relação à metodologia de projetos de pesquisa, especificamente, Motta-Roth e Hendges (2010, p. 57) destacam que se espera que essa seção contenha uma descrição dos procedimentos adotados, do *corpus* escolhido e também da natureza da pesquisa (se o estudo é qualitativo, quantitativo, exploratório etc.). O objetivo seria responder à seguinte questão: “como a pesquisa será desenvolvida?”. Trata-se, nesse caso, de uma descrição de caráter prospectivo, visando projetar o caminho de pesquisa a ser percorrido, diferentemente da metodologia de artigos de pesquisa, que fornece uma espécie de reconstrução das etapas que foram percorridas durante a investigação.

Como a seção de metodologia de projetos de pesquisa ainda não foi investigada detalhadamente, tomaremos como ponto de partida os modelos de organização retórica pré-existentes sobre a seção de metodologia de artigos de pesquisa, um gênero que apresenta muitos traços em comum com o projeto de pesquisa.

---

<sup>28</sup> Swales demonstra que, muitas vezes, a concisão da seção de metodologia em determinadas áreas se deve ao fato de que os procedimentos metodológicos são tomados como conhecimento amplamente compartilhado na cultura disciplinar.

O primeiro modelo de organização retórica para a seção de metodologia que apresentaremos foi proposto por Nwogu (1997, pp. 128-130) com base na análise de artigos de pesquisa da área de Medicina. Nwogu propõe o seguinte modelo, apresentado na Figura 09:

**Movimento 1 Descrevendo procedimentos de coleta dos dados<sup>29</sup>**

- (a) Indicando a fonte dos dados
- (b) Indicando a dimensão da amostra
- (c) Indicando os critérios para seleção dos dados

**Movimento 2 Descrevendo procedimentos experimentais**

- (a) Identificando os principais aparatos de pesquisa
- (b) Relatando o processo experimental
- (c) Indicando os critérios de êxito

**Movimento 3 Descrevendo procedimentos de análise dos dados**

- (a) Definindo as terminologias
- (b) Indicando o processo de classificação dos dados
- (c) Identificando os procedimentos/instrumentos analíticos

Figura 09: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos da área de Medicina  
Fonte: Nwogu (1997, pp. 128-130)

Nwogu considera que, prototipicamente, o primeiro movimento da seção de metodologia é o movimento “Descrevendo procedimentos de coleta dos dados”, o qual diz respeito aos processos de identificação, seleção e delimitação dos dados da pesquisa. O autor aponta 3 elementos constituintes desse movimento, que correspondem ao que estamos denominando de passos: a indicação da fonte através da qual os dados serão coletados (passo “a”), a descrição da amplitude da amostra (passo “b”) e os critérios que foram utilizados para selecionar a amostra (passo “c”).

---

<sup>29</sup> No texto original, a numeração dos movimentos é diferente da apresentada neste trabalho, visto que Nwogu faz uma descrição da organização retórica do artigo de pesquisa completo, abrangendo todas as seções. Para apresentar os dados de maneira mais clara, optamos por enumerar os movimentos a partir da seção em foco, a metodologia.

Já o movimento 2, “Descrevendo procedimentos experimentais”, geralmente ocorre em pesquisas que envolvem testes laboratoriais e trabalho experimental, apresentando os procedimentos adotados de uma maneira lógica e sequencial. Esse movimento pode ser concretizado: pela identificação dos principais aparatos utilizados na pesquisa (passo “a”), pelo relato das etapas seguidas no procedimento experimental (passo “b”) e pela indicação dos critérios necessários para o êxito no experimento (passo “c”).

O movimento 3, “Descrevendo procedimentos de análise dos dados”, segundo Nwogu, é típico de pesquisas que envolvem abordagens estatísticas ou quantitativas e apresenta o modo como os dados da pesquisa foram classificados e analisados. Ele pode ser realizado: pela definição das terminologias que foram utilizados (passo “a”), pela indicação de como os dados foram classificados (passo “b”) e, ainda, pela descrição dos procedimentos e instrumentos utilizados na análise dos dados (passo “c”).

Diante das observações de Nwogu, podemos inferir que a organização retórica da seção de metodologia é, em parte, potencialmente determinada pela abordagem metodológica utilizada. Abordagens metodológicas específicas podem requerer descrição de procedimentos também específicos, como ocorre em relação ao segundo e ao terceiro movimento do modelo proposto por Nwogu para a seção de metodologia.

Em relação ao aspecto linguístico, Nwogu apresenta alguns elementos léxico-gramaticais que são recorrentes em grande parte da seção de metodologia, entre os quais se destaca: a preferência pelo uso da voz passiva e a presença de lexemas explícitos como pistas linguísticas para a identificação de movimentos e passos dessa seção. Um exemplo dado pelo autor é o uso do lexema “critério” como pista para a identificação do passo “Indicando critérios para seleção de dados”.

Outro modelo pré-existente acerca da seção de metodologia é o modelo de Kanoksilapatham (2005), elaborado com base na análise de artigos da área de Bioquímica, que apresentamos a seguir na Figura 10:

**Movimento 1 Descrevendo os materiais<sup>30</sup>**

Passo 1: Listando os materiais

Passo 2: Detalhando a fonte dos materiais

<sup>30</sup>Assim como no modelo anterior, a numeração dos movimentos foi alterada, pois a descrição original era referente ao artigo como um todo e não apenas à seção de metodologia.

Passo 3: Fornecendo fundamentação sobre os materiais

### **Movimento 2 Descrevendo os procedimentos experimentais**

Passo 1: Documentando os procedimentos (pré-)estabelecidos

Passo 2: Detalhando os procedimentos

Passo 3: Fornecendo fundamentação sobre os procedimentos

### **Movimento 3 Detalhando os equipamentos**

### **Movimento 4 Descrevendo os procedimentos estatísticos**

Figura 10: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos da área de Bioquímica

Fonte: Kanoksilapatham (2005, pp. 277-279)

O movimento 1, “Descrevendo os materiais”, corresponde à descrição dos materiais que serão analisados. Essa descrição pode ser realizada: pela simples listagem dos materiais utilizados (passo 1), pela explicação da fonte através da qual os materiais serão obtidos (passo 2) e, ainda, pela apresentação de propriedades e/ou características dos materiais (passo 3).

O movimento 2, “Descrevendo os procedimentos experimentais”, corresponde à descrição de quais foram os procedimentos adotados no experimento, visto que a Bioquímica é uma área que se utiliza frequentemente da pesquisa experimental. Segundo Kanoksilapatham, esse movimento demonstra que a Bioquímica é uma área bastante estável, em termos de métodos utilizados, e que “seus procedimentos, métodos, e técnicas são frequentemente protocolados”<sup>31</sup> (2005, p. 277, tradução nossa). Essa descrição pode ser feita: pela menção a procedimentos já estabelecidos por outros pesquisadores (passo 1), a qual muitas vezes se dá apenas pela referência ao nome do pesquisador ou do método; pela indicação em detalhes de quais foram os procedimentos utilizados na pesquisa em descrição (passo 2), de modo a permitir a replicação futura desses procedimentos; pela justificativa da escolha dos procedimentos ou, ainda, através de comentários e observações sobre os mesmos (passo 3).

Os movimentos 3 e 4 são apresentados pelo pesquisador como sendo opcionais, devido à baixa recorrência desses movimentos no *corpus*. O movimento 3, “Detalhando os equipamentos”, fornece detalhes sobre o aparato utilizado em uma etapa específica do

---

<sup>31</sup> No original, “its procedures, methods, and techniques are usually protocolized”.



experimento. Como destaca o autor, essa informação é importante para uma replicação futura do experimento. Já o movimento 4, “Descrevendo os procedimentos estatísticos”, corresponde à descrição de operações estatísticas utilizadas para obtenção dos resultados da pesquisa.

Os modelos de Nwogu e Kanoksilapatham, apesar de diferentes em termos de organização retórica, apresentam muitos elementos em comum, uma vez que descrevem metodologias de artigos de áreas afins. Um modelo que se distancia mais dos anteriores é o de Lim (2006), elaborado com base na análise de artigos da área de administração, em função de se tratar de uma área de natureza bastante distinta das supracitadas. O modelo está representado na Figura 11 a seguir.

### **Movimento 1 Descrevendo o(s) procedimento(s) de coleta de dados**

Passo 1: Descrevendo a amostra

- (a) Descrevendo o local da amostra
- (b) Descrevendo a extensão da amostra/população
- (c) Descrevendo as características da amostra
- (d) Descrevendo a técnica ou critério de amostragem

Passo 2: Relatando os passos da coleta de dados

Passo 3: Justificando os procedimentos de coleta de dados

- (a) Ressaltando as vantagens de se utilizar a amostra
- (b) Demonstrando a representatividade da amostra

### **Movimento 2 Delineando o(s) procedimento(s) para mensurar variáveis**

Passo 1: Apresentando uma visão geral do *design*

Passo 2: Explicando método(s) para mensurar variáveis

- (a) Especificando itens em questionários/bases de dados
- (b) Definindo as variáveis
- (c) Descrevendo métodos para mensurar as variáveis

Passo 3: Justificando o(s) método(s) para mensurar as variáveis

- (a) Citando método(s) de pesquisas prévias
- (b) Ressaltando aceitabilidade do(s) método(s)

### **Movimento 3 Elucidando os procedimentos de análise dos dados**

Passo 1: Relatando (ou recontando) procedimento(s) de análise dos dados
Passo 2: Justificando procedimento(s) de análise dos dados
Passo 3: Prevendo resultados

Figura 10: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos da área de Administração

Fonte: Lim (2006, p. 287)

O primeiro movimento do modelo de Lim diz respeito à descrição dos procedimentos de coleta dos dados. Essa descrição pode abranger: a descrição da extensão, características e/ou local da amostra ou, ainda, as técnicas utilizadas na amostragem (passo 1); o relato das etapas seguidas no processo de coleta da amostra (passo 2); e/ou a justificativa dos procedimentos de coleta dos dados, seja pela representatividade da amostra ou pelas vantagens em investigá-la (passo 3).

O segundo movimento corresponde à descrição dos procedimentos utilizados para mensurar as variáveis que serão consideradas na pesquisa. Esse movimento pode incluir: uma visão geral do *design*<sup>32</sup> empregado na pesquisa (passo 1); explicações sobre o(s) método(s) escolhido(s) para mensurar as variáveis (passo 2); uma justificativa para a escolha desses métodos (passo 3).

O terceiro movimento especifica os procedimentos de análise dos dados utilizados na pesquisa. Ele pode ser realizado: pelo relato dos procedimentos empregados (passo 1), pela justificativa da escolha desses procedimentos (passo 2) ou por uma antecipação dos resultados encontrados (passo 3).

Como podemos perceber, não há, no modelo estabelecido por Lim, um movimento que contemple a descrição de procedimentos experimentais, em razão da área de Administração não operar geralmente com experimentos laboratoriais, diferentemente das áreas supracitadas. Além disso, cada um dos três movimentos descritos por Lim pode ser realizado por um passo de justificativa da escolha metodológica, elemento que não havia sido incluso nos modelos anteriores.

---

<sup>32</sup> Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54), o *design* (frequentemente traduzido como delineamento) é um modelo conceitual e operacional que permite ao pesquisador planejar as etapas da pesquisa e controlar as variáveis envolvidas. Os autores consideram que o principal elemento para a identificação de um determinado *design* são os procedimentos de coleta dos dados.

Em relação à área de Linguística, podemos citar o trabalho de Oliveira (2002), que analisa seções de metodologia da subárea de Linguística Aplicada. A autora brasileira propõe o seguinte modelo descritivo:

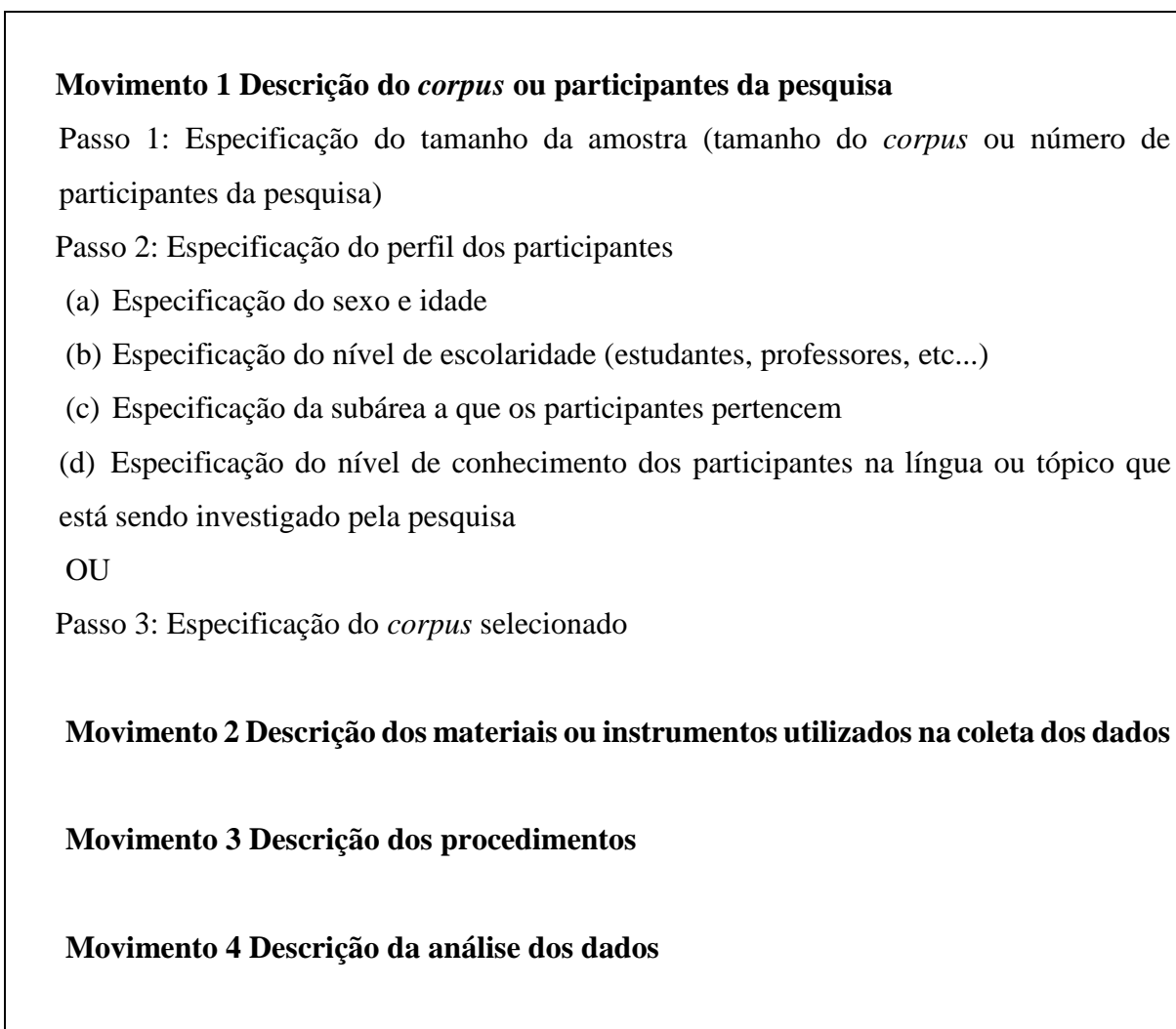


Figura 11: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos da subárea de Linguística Aplicada  
Fonte: Oliveira (2002, p. 248)

Como se pode constatar pela observação da Figura 11, Oliveira descreve os passos apenas do movimento 1, “Descrição do *corpus* ou participantes da pesquisa”, o qual pode se desdobrar em diferentes aspectos descritivos, dependendo de se tratar de pesquisa com participantes ou com análise de *corpus*. Em relação aos outros três movimentos, a descrição é feita em um nível bastante genérico, não revelando as especificidades das realizações de cada movimento.

Em sua pesquisa, Oliveira estabelece uma comparação entre a organização de metodologias de pesquisas qualitativas e de pesquisas quantitativas. Segundo ela, enquanto na

pesquisa quantitativa há uma ênfase no movimento 2, “Descrição dos materiais ou instrumentos utilizados na coleta dos dados”, como forma de atestar a capacidade do autor de “desenvolver e utilizar instrumentos eficazes, gerando resultados estatísticos com um alto índice de confiabilidade” (OLIVEIRA, 2002, p. 248); na pesquisa qualitativa, a ênfase é centrada no movimento 3, “Descrição dos procedimentos [de coleta dos dados]”, como um meio de fornecer uma visão do contexto em que a pesquisa foi desenvolvida.

Costa (2015) desenvolveu um trabalho em que analisou a organização retórica de artigos acadêmicos experimentais em duas comunidades disciplinares distintas: Linguística e Medicina. Em relação à seção de metodologia, a pesquisadora baseou-se no modelo de Nwogu (Figura 9), para análise dos artigos de Medicina, e no modelo proposto por Oliveira (Figura 11), para análise dos artigos de Linguística.

Com base nos resultados de sua pesquisa, Costa propôs a seguinte reformulação do modelo de Oliveira para descrição da seção de metodologia de artigos da área de Linguística.

**Movimento 1 Apresentando a amostra da pesquisa**

**Movimento 2 Apresentando a análise dos dados**

Figura 12: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos da área de Linguística  
Fonte: Costa (2015, p. 144)

Esse modelo, ligeiramente mais sucinto que o de Oliveira (2002), foi proposto com base na análise de artigos de diferentes subáreas da Linguística: Teoria e Análise Linguística, Linguística Histórica e Linguística Aplicada. Costa eliminou de seu modelo os movimentos de descrição de materiais e de procedimentos de coleta dos dados presentes no quadro de Oliveira, devido a sua baixa frequência no *corpus*, e manteve apenas o movimento de descrição do *corpus* ou participantes da pesquisa, renomeado como “Apresentando a amostra da pesquisa”; e o movimento de descrição dos procedimentos de análise dos dados, renomeado como “Apresentando a análise dos dados”.

Quanto à área de Medicina, o quadro elaborado por Costa, adaptado do modelo sugerido por Nwogu (1997), está representado na Figura 13.

**Movimento 1 Descrevendo procedimentos de coleta dos dados**

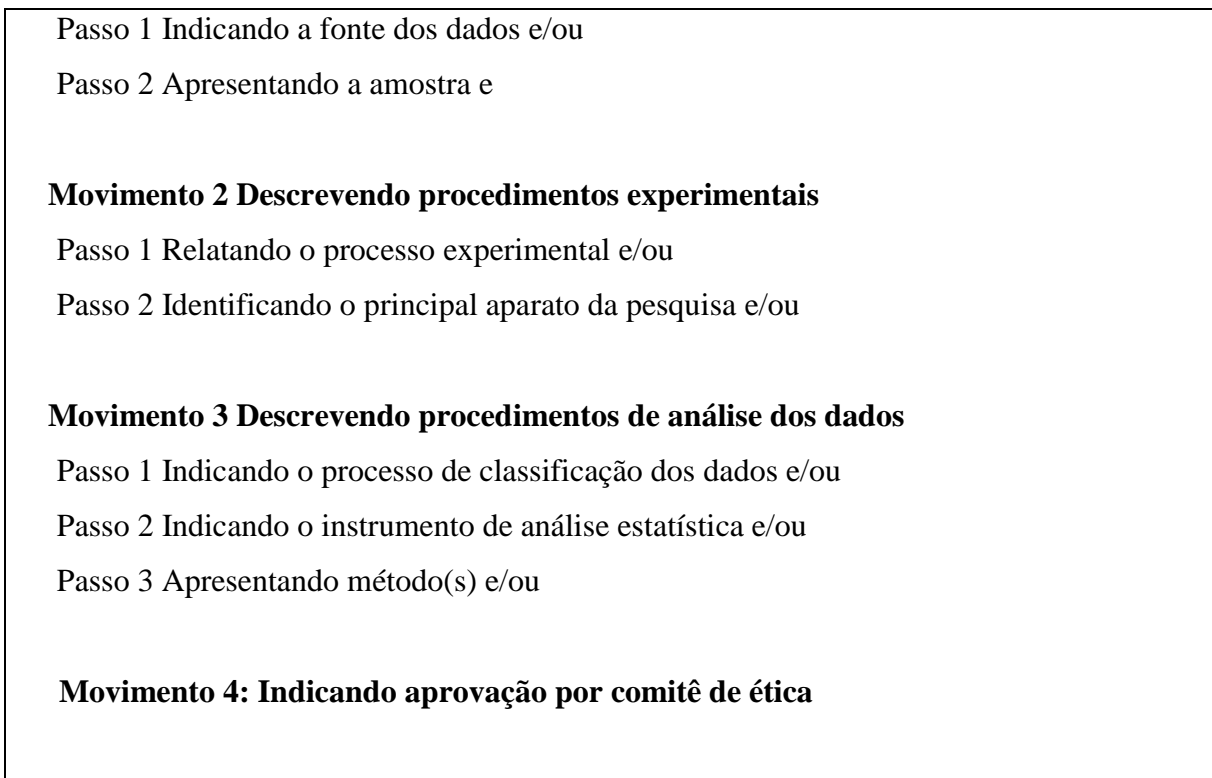


Figura 13: Modelo de organização retórica da seção de metodologia de artigos brasileiros da área de Medicina  
 Fonte: Costa (2015, 195)

Como é possível visualizar na Figura 13, o modelo de Costa é bastante semelhante ao de Nwogu (1997): a pesquisadora optou pela permanência dos três movimentos levantados por Nwogu, com a eliminação de alguns passos que apresentaram baixa frequência no *corpus*. Além disso, adicionou ao modelo original um novo movimento, “Indicando aprovação por comitê de ética”, no qual o autor do artigo declara que sua pesquisa foi submetida e avaliada positivamente por um comitê de ética. Como essa informação costuma aparecer isolada, sem estabelecer relação com as outras informações metodológicas, Costa resolveu enquadrá-la como um novo movimento (e não como passo de um movimento pré-existente).

Através da revisão de pesquisas anteriores acerca da seção de metodologia feita nesse subtópico, foi possível constatar que existe uma relevante variação na organização retórica dessa seção de acordo com a área (ou subárea) em foco. Além disso, os resultados de algumas pesquisas como a de Nwogu (1997) e Oliveira (2002) apontam para o fato de que a própria abordagem metodológica utilizada (se a pesquisa é qualitativa ou quantitativa, se existe uso de procedimentos estatísticos ou não) influencia na composição da seção.

Embora tenhamos apresentado resultados de pesquisas relativas a um gênero distinto do que iremos analisar, acreditamos que esses estudos podem servir como uma base inicial para as nossas reflexões. Como estamos analisando projetos de diferentes subáreas da Linguísticas,

acreditamos que essa heterogeneidade pode propiciar algumas variações na organização retórica da seção em foco. Consideramos também a hipótese de que a abordagem metodológica utilizada pode se revelar uma variável a ser considerada nas análises.

Uma hipótese relativa à estruturação sequencial da seção de metodologia que levantamos a partir da leitura de trabalhos anteriores sobre a mesma é que essa seção possui caráter predominantemente descritivo, como a terminologia utilizada para designar os movimentos retóricos em diferentes trabalhos sinaliza, visto que o verbo mais frequente na nomeação desses movimentos é “descrever”.

Em continuidade ao nosso trabalho, passamos, no capítulo seguinte, a descrição da metodologia utilizada na pesquisa.

## **CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA DA PESQUISA**

### **4.1 Abordagem teórico-metodológica da pesquisa**

A presente pesquisa insere-se no campo teórico da Análise de Gêneros. Trata-se de uma investigação com finalidade descritiva e abordagem predominantemente qualitativa dos dados, embora utilizemos também a abordagem quantitativa no que se refere à contabilização das recorrências encontradas no *corpus*. Os procedimentos técnicos empregados são: análise textual de exemplares do gênero projeto de pesquisa e levantamento de dados através de entrevistas com produtores dos textos que compõem o *corpus*.

A utilização de entrevistas como procedimento metodológico tem o fito de compreender o contexto de escrita desses textos e reconhecer a visão dos produtores sobre a funcionalidade e organização retórica da seção de metodologia dos projetos de pesquisa.

### **4.2 Procedimentos de coleta dos dados**

#### **4.2.1 Seleção e organização do *corpus***

O *corpus* selecionado para a análise textual foram projetos de pesquisa aprovados em seleções do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPI. Esses textos compõem os *corpora* do projeto “Propósitos comunicativos e movimentos retóricos em projetos de pesquisa na área de Letras”, em desenvolvimento pelo Núcleo de Pesquisa Cataphora desde o ano de 2014. Os projetos, armazenados em um banco do Programa, foram cedidos pelos produtores dos textos, que assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) permitindo a sua utilização para fins de pesquisa.

Para esta pesquisa, foram recolhidos 40 projetos exclusivamente da área de Linguística, submetidos nas seleções dos anos de 2013, 2014 e 2015. O nome dos produtores dos textos foi suprimido e cada projeto recebeu um código alfanumérico para sua identificação e futura remissão. O código dado é formado pela letra P, representando o nome “projeto”; por um número de 01 a 40, para diferenciação dos projetos entre si; uma sigla que representa a

subárea do projeto; e um indicador de dois dígitos representando os números finais do ano da seleção. Assim, por exemplo, um projeto catalogado como P01\_SOC12 é o projeto de número 1 do *corpus*, que pertence à subárea de Sociolinguística e foi aprovado na seleção do ano de 2012. O motivo de se catalogar a subárea e o ano de seleção na identificação do projeto é que essas duas variáveis podem influenciar na composição do texto: a subárea devido às especificidades de cada vertente teórica e o ano da seleção, porque, em cada ano, o edital trouxe considerações diferentes sobre a escrita do projeto<sup>33</sup>. O Quadro 01 apresenta as subáreas contempladas no *corpus* e suas respectivas siglas, bem como a quantidade de projetos pertencentes a cada subárea. Ao catalogar as subáreas, procuramos agrupar aquelas que mantinham semelhanças em termos de escopo teórico e metodológico.

Subárea(s)	Sigla para identificação	Quantidade de projetos
Letramento, leitura e ensino	LET	14
Análise do discurso	AD	9
Descrição de aspectos sintáticos e semânticos da língua	DSS	6
Linguística do Texto/Análise de Gêneros	LTG	5
Sociolinguística	SOC	3
Análise de instrumentos linguísticos <sup>34</sup>	AIL	3

Quadro 01: Subáreas contempladas no *corpus*

Fonte: Elaboração de nossa autoria

Como se pode perceber, trata-se de um *corpus* heterogêneo, no que se refere às subáreas da Linguística contempladas. Além disso, as subáreas tendem a utilizar abordagens metodológicas específicas, dado levado em consideração no decorrer da análise. No subtópico seguinte, descrevemos a outra etapa de coleta dos dados, que corresponde às entrevistas.

#### 4.2.2 Levantamento de dados através de entrevistas

As entrevistas foram realizadas com 9 sujeitos entre os produtores dos textos que compõem o *corpus*. Como a ideia da realização de entrevistas era complementar a análise textual, não foi necessário entrevistar a totalidade dos produtores. A realização de entrevistas

<sup>33</sup> As considerações dos três editais sobre a escrita do projeto de pesquisa estão no Anexo, ao final do texto.

<sup>34</sup> Essa subárea compreende a análise de materiais como gramáticas, livros didáticos, dicionários, entre outros.



ocorreu após as primeiras análises do material textual, de modo que alguns dos questionamentos foram feitos com o propósito de confirmar ou refutar hipóteses iniciais da pesquisa.

O questionário aplicado<sup>35</sup> continha perguntas sobre a experiência dos produtores com a escrita de projetos, de modo a verificar o nível de *expertise* dos mesmos com o gênero, bem como as fontes a que esses recorreram para a produção dos projetos submetidos à seleção. Além disso, fizemos perguntas gerais sobre o gênero projeto de pesquisa, de modo a buscar compreender a concepção dos produtores sobre o mesmo, e realizamos também perguntas específicas sobre a seção de metodologia, nosso foco de análise. As entrevistas foram registradas por meio de aparelho de *smartphone* e posteriormente transcritas para a sua futura remissão na escrita da dissertação.

### 4.3 Procedimentos de análise dos dados

Após a coleta e organização dos dados, passamos aos procedimentos de análise. Como já mencionamos, nossa análise se baseia no modelo CARS, elaborado por Swales (1990) e na concepção de sequências textuais, de Adam (1992). A primeira etapa da análise, a qual se encontra em andamento, tem como fim a descrição da organização retórica da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa.

Para tanto, inicialmente procuramos segmentar os textos de acordo com a funcionalidade de cada fragmento textual. Como a constituição dos movimentos e passos é baseada no aspecto funcional, essa segmentação dos textos pode corresponder tanto a sentenças como a parágrafos inteiros e, às vezes, a mais de um parágrafo do texto. Essa análise inicial foi feita utilizando 7 textos do *corpus*. A partir daí, levantamos algumas unidades retóricas dos textos, sem nos preocupar, nesse primeiro momento, em diferenciar se eram movimentos ou passos.

Em um segundo momento, ampliamos a amostra para 10 textos e começamos a tentar estabelecer quais eram os movimentos presentes na seção e quais eram os passos que os materializavam. Para essa etapa, foi fundamental a leitura de outras pesquisas sobre a organização retórica da seção de metodologia (apresentadas no tópico 3.2), que nos nortearam na definição de movimentos e passos. Não seguimos nenhum modelo pré-determinado, de modo a não sacrificar a especificidade de nosso *corpus* (até mesmo porque os modelos descrevem a seção de metodologia de artigos e não de projetos de pesquisa), mas nos baseamos

---

<sup>35</sup> Ver Apêndice, ao final do texto.

nos modelos pré-existentes para: 1. Diferenciar unidades retóricas mais genéricas (movimentos) de unidades retóricas mais específicas (passos); 2. Nomear e distinguir os passos entre si. Para isso, foi necessário frequentemente confrontar os modelos, já que eles diferem em termos de designação e diferenciação principalmente das unidades mais específicas, os passos.

Após essa etapa, propusemos nosso modelo da organização retórica da seção em análise, o qual foi então aplicado ao resto do *corpus*, totalizando a análise dos 40 projetos que compõem a amostra. À medida que as análises foram realizadas, o modelo proposto foi sofrendo as revisões necessárias. Assim como Bezerra (2001) fez em sua análise da organização retórica de resenhas acadêmicas, eliminamos do quadro aqueles passos com recorrência inferior a 10%, visto que esses parecem não refletir a tendência geral do *corpus*.

A segunda etapa da pesquisa corresponde à análise da estruturação sequencial dos textos. Assim como Sousa (2004) e Jucá (2006) procuramos identificar a sequência textual dominante na seção de metodologia, bem como as outras sequências que aparecem de forma recorrente. Para segmentação das seções em sequências, buscamos identificar as macroproposições (ou operações, no caso da sequência descritiva), estabelecidas nos protótipos propostos por Adam, nos textos do *corpus*. Além disso, quantificamos as ocorrências de cada macroproposição (ou operação) das sequências presentes no *corpus*, de modo a identificar qual é a estruturação sequencial mais representativa para essa seção.

Para identificar as operações e macroproposições de cada tipo sequencial nos textos, utilizamos o sistema de associação com cores que foi elaborado por Jucá (2006), sendo que a sequência descritiva apresenta a cor verde, a sequência explicativa é representada pela cor vermelha e a sequência argumentativa é sinalizada pela cor azul. As demais não foram identificadas no *corpus*. Cada operação ou macroproposição foi indicada pelo nome respectivo escrito entre colchetes e pela cor do tipo sequencial (por exemplo, [subtematização]), logo após o trecho correspondente.

Após a identificação das sequências utilizadas no *corpus*, correlacionamos as sequências ao modelo de organização retórica que propomos, de modo a constatar se há alguma tendência em termos de realização sequencial para cada movimento e passo. Assim, por exemplo, procuramos observar se existe uma materialização sequencial mais prototípica para o movimento “Estabelecendo abordagem teórico-metodológica da pesquisa”<sup>36</sup> e assim por diante.

Não era nossa intenção encontrar uma relação biunívoca entre sequências e movimentos/passos, até mesmo porque os estudos de Sousa (2004) e Jucá (2006) já

---

<sup>36</sup> Ver Capítulo 5.

demonstraram que essa probabilidade é pequena, mas descobrir tendências nessa relação entre organização retórica e estruturação sequencial, que possam auxiliar pessoas que necessitem produzir esse gênero a desenvolverem a seção de metodologia de forma satisfatória.

Os dados das entrevistas não foram utilizados como um objeto de análise independente, mas sim como forma de complementar e esclarecer os resultados da análise textual. Os nomes dos entrevistados foram suprimidos e substituídos por um código alfanumérico: a letra E acompanhada de números de 01 a 09 (quantidade de pessoas entrevistadas). No capítulo seguinte, apresentamos e discutimos os resultados obtidos através de nossas análises.

## CAPÍTULO 5 – RESULTADOS DA PESQUISA

Nossa análise incidiu sobre duas categorias: a organização retórica e a estruturação sequencial da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa. Em um primeiro momento, discutimos os resultados relativos à organização retórica da seção, apresentando o quadro que propomos para descrição dos movimentos e passos recorrentemente utilizados na metodologia de projetos, de acordo com nossas análises. Além disso, descrevemos cada movimento e passo, caracterizando-os funcional e linguisticamente e apresentando exemplos do *corpus*.

Em um segundo momento, nossa discussão terá como foco as sequências encontradas no *corpus*, indicando qual sequência apareceu como dominante, quais sequências foram utilizadas como subsidiárias, quais foram as macroproposições (ou operações, no caso da sequência descritiva) mais utilizadas em cada sequência.

Encerrando a seção, fazemos um cruzamento dos dados obtidos, procurando relacionar a estruturação sequencial da seção à organização retórica descrita. Nosso objetivo, então, foi verificar se existem tendências, em termos de configuração sequencial, para concretização de cada passo descrito em nosso modelo de organização retórica. No subtópico a seguir, iniciamos a discussão dos resultados obtidos.

### 5.1 Organização retórica da seção de metodologia em projetos de pesquisa

Os resultados de nossa pesquisa indicam a existência de 4 movimentos retóricos na seção de metodologia de projetos de pesquisa, como representa a Figura 14, em que apresentamos o modelo que propomos para descrição da organização retórica dessa seção.

#### **Movimento retórico 1 – Apresenta a abordagem teórico-metodológica da pesquisa**

Passo 1.1 – Caracterizando a abordagem metodológica da pesquisa	e/ou
Passo 1.2 – Justificando a escolha da abordagem metodológica	e/ou
Passo 1.3 – Indicando a filiação teórica da pesquisa	e/ou
Passo 1.4 – Retomando o(s) objetivo(s) da pesquisa	

#### **Movimento retórico 2 – Descreve a etapa de revisão bibliográfica**

Passo 2.1 – Indicando os temas enfocados na revisão bibliográfica	e/ou
Passo 2.2 – Descrevendo o(s) procedimento(s) de revisão bibliográfica	

#### **Movimento retórico 3 – Descreve a etapa de coleta dos dados**

Passo 3.1 – Delimitando o <i>corpus</i> e/ou fonte do <i>corpus</i> da pesquisa	e/ou
Passo 3.2 – Justificando seleção do <i>corpus</i>	e/ou
Passo 3.3 – Descrevendo o(s) procedimentos e/ou instrumento(s) de coleta	e/ou
Passo 3.4 – Identificando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa	e/ou
Passo 3.5 – Descrevendo o cenário da pesquisa	
<b>Movimento retórico 4 – Descreve a etapa de análise dos dados</b>	
Passo 4.1 – Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados	e/ou
Passo 4.2 – Indicando a(s) categoria(s) de análise	

Figura 14: Modelo da organização retórica da seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa  
Fonte: Elaboração de nossa autoria

A seguir, descreveremos cada um dos movimentos e passos do modelo apresentado, assim como suas respectivas frequências no *corpus* e um exemplo ilustrativo de cada uma das unidades.

### 5.1.1 Descrição dos movimentos e passos encontrados

Através de nossas análises, constatamos a presença de 4 movimentos retóricos: o movimento 1, “Apresenta a abordagem teórico-metodológica da pesquisa”; o movimento 2, “Descreve a etapa de revisão bibliográfica”; o movimento 3, “Descreve a etapa de coleta dos dados” e o movimento 4, “Descreve a etapa de análise dos dados”.

Apresentaremos, neste subtópico, uma descrição de cada um desses movimentos e, principalmente, dos passos que os compõem, tendo em vista que os passos funcionam como materialização desses movimentos.

#### *Movimento 1 – Apresenta abordagem teórico-metodológica da pesquisa*

O movimento 1 apresentou uma recorrência significativa de 87,5%. Este movimento ainda não havia sido descrito nos modelos anteriores sobre a seção de metodologia. Nele, o proponente do projeto caracteriza a pesquisa em um nível amplo, situando-a em termos de abordagem metodológica, filiação teórica e/ou objetivos. Vale ressaltar que frequentemente algumas dessas informações (como a orientação teórica e os objetivos) já foram indicados em outras seções do projeto, tratando-se, portanto, de uma reiteração. Não ocorre ainda a descrição de procedimentos mais específicos, nem se descreve, nesse primeiro movimento, o “passo-a-

passo” da pesquisa. Identificamos quatro passos possíveis para a materialização desse movimento.

O passo 1.1, “Caracterizando abordagem metodológica da pesquisa”, é a unidade em que o proponente descreve a metodologia que será utilizada quanto a sua natureza, método a ser utilizado, tipo de pesquisa escolhido, entre outras possibilidades. Esse passo foi um dos mais recorrentes no *corpus*, com uma frequência de 75%. Além da alta frequência no *corpus*, esse passo também foi valorizado pelos produtores dos projetos em relação a sua extensão, visto que frequentemente foi desenvolvido em vários parágrafos, sendo, em alguns projetos, a maior parte da seção de metodologia.

Observamos, como recursos léxico-gramaticais recorrentes nesse passo, o uso de verbos copulativos como “ser”, “consistir”, e também de termos técnicos relacionados à metodologia como “qualitativa”, “etnográfica”, “exploratória” para descrever a abordagem que será empregada. Além disso, também é recorrente que, nesse passo, sejam citados manuais de metodologia na caracterização da abordagem que será empregada, como podemos ver no exemplo a seguir:

Ex (1) A abordagem da presente pesquisa **será** de cunho **qualitativo** que segundo **Costa & Costa (2011)**, busca compreender, dar significados aos objetivos pretendidos (P24\_DSS13, grifos nossos).

Em nossas entrevistas, procuramos saber porque os alunos sentiam necessidade de caracterizar a abordagem escolhida, conceituando-a de acordo com os manuais, visto que isso foi observado frequentemente. Um dos entrevistados respondeu:

Olha, até hoje, em todos os projetos que fiz e também orientada por professores de metodologia, sempre conceituei pesquisa qualitativa, quantitativa... Pegava e colocava os conceitos de acordo com os manuais de metodologia (E04).

Assim, segundo esse entrevistado, essa foi uma orientação que recebeu de professores de metodologia. Já outro entrevistado afirmou:

Eu fiz isso na minha porque deixa as coisas bem claras. O meu orientador sempre fala que você tem que escrever como se a pessoa que tivesse lendo seu texto não soubesse de nada. As coisas têm que ficar

muito claras e explicando direitinho, por mais que seja um público especialista, o texto, ele sempre fica melhor, ele tem progressão (E06).

Portanto, para esse entrevistado, conceituar a abordagem utilizada é uma questão de clareza. Embora apresentem justificativas diferentes, podemos observar que ambos se basearam em recomendações feitas por membros mais experientes (professores de metodologia, no primeiro caso; orientador, no segundo).

O passo 1.2, “Justificando a escolha da abordagem metodológica”, foi observado em 17,5% do *corpus*. Nesse passo, o autor do projeto procura apresentar uma justificativa para a escolha da abordagem metodológica que irá utilizar na pesquisa. Essa justificativa, muitas vezes, é construída com base nas assertivas de outros autores sobre a referida abordagem metodológica. Em consequência disso, a justificativa dada é bastante ampla e frequentemente não se fundamenta na relação com os objetivos da pesquisa proposta, mas em características intrínsecas e gerais da abordagem metodológica escolhida.

Esse passo costuma ser desenvolvido de maneira breve, em poucas linhas, logo após a caracterização da abordagem metodológica escolhida. Algumas pistas léxico-gramaticais desse passo são: conjunções de valor explicativo/causal como “pois”, “porque”, “uma vez que” e também de verbos como “possibilitar”, “proporcionar”, “promover”, indicando os possíveis benefícios da abordagem escolhida, além de expressões de valor axiológico explicitamente meliorativo como “relevante” e “vantagens”.

Vejamos o exemplo a seguir:

Ex (2) [...] esse tipo de investigação **possibilita** um **melhor** contato pessoal do pesquisador com o fenômeno a ser pesquisado, o que **promove** uma série de outras **vantagens** (LÜDKE e ANDRÉ 1986). (P24\_DSS13, grifos nossos).

Podemos observar, nesse exemplo, tanto o uso dos verbos “permitir” e “promover”, que introduzem os possíveis benefícios do método escolhido; quanto de expressões de valor meliorativo (“melhor”, “vantagens”), além do recurso à citação como forma de justificar a opção metodológica da pesquisa.

O passo 1.3, “Indicando a filiação teórica da pesquisa”, situa a pesquisa quanto à sua orientação teórica. Ele apresentou uma frequência de 30% no *corpus*, mas é importante ressaltar que existe uma seção específica para essa informação, a Fundamentação Teórica (ou Revisão de Literatura).

Esse passo ocorre, na maioria das vezes, pela menção ao campo teórico em que a pesquisa se insere, mas pode ocorrer também pela menção a autores específicos. Trata-se de um passo que é desenvolvido de maneira bastante sucinta pelos produtores, muitas vezes, em uma única sentença. Uma pista linguística desse passo é a própria referência ao nome da(s) subárea(s) em que a pesquisa se situa, como no exemplo a seguir:

Ex (3) [...] utiliza-se a metodologia da **Análise do discurso**, consubstanciada principalmente em autores da **enunciação** e ainda **teorias semânticas** (P04\_AD12, grifos nossos).

Nesse passo, também costuma-se indicar propostas de interfaces teóricas, como no exemplo acima, em que o autor propõe uma interface entre Análise do Discurso, Enunciação e Semântica.

O último passo desse movimento, “Apresentando o(s) objetivo(s) da pesquisa”, constitui uma remissão ao objetivo geral ou ainda aos objetivos específicos da pesquisa. Esse passo apresentou uma frequência de 40% no *corpus*. É frequente, nesse passo, o uso do próprio termo “objetivo” como também de verbos que expressam finalidade como “pretender”, “visar”, “buscar” e de formas verbais infinitivas, formulação típica de objetivos. Assim como o passo 1.3, costuma ser desenvolvido de forma breve, em uma única sentença. A seguir, apresentamos um exemplo:

Ex (4) [...] **pretende-se verificar** a influência da variável “comparação entre texto original e tradução” para o entendimento de noções semânticas e morfológicas da língua (P39\_LET14).

Trata-se de uma informação que possui uma seção própria no gênero, no caso, a seção de Objetivos, mas que, ainda assim, apresenta uma frequência expressiva no *corpus*.

Constatamos, portanto, que o movimento 1, “Apresenta abordagem teórico-metodológica da pesquisa” é predominantemente realizado pelo passo 1.1, “Caracterizando abordagem metodológica da pesquisa”.

### *Movimento 2 – Descreve etapa de levantamento bibliográfico*

O movimento 2 foi o que apresentou menor frequência, ocorrendo em 27,5% dos projetos. Assim como o movimento 1, ele não foi descrito nos modelos anteriores. Trata-se da



descrição da fase do estudo bibliográfico que subsidiará a pesquisa. Foram observados 2 passos na realização desse movimento

O passo 2.1, “Indicando os temas enfocados na revisão bibliográfica”, corresponde a um levantamento de que temas serão estudados na revisão bibliográfica. Ele ocorreu em 20% do *corpus*. Temos, a seguir, um exemplo:

Ex (5): Período destinado ao levantamento de material bibliográfico que validem a discussão teórica sobre **gêneros textuais em ambientes virtuais**, bem como o **grau de interatividade ocorrida nesse ambiente**. (P02\_LTG12)

No exemplo acima, o autor do projeto explicita que temas serão estudados na revisão bibliográfica: gêneros textuais em ambientes virtuais e a interatividade nesses ambientes. Esse passo é comumente desenvolvido de maneira breve, através de uma única sentença.

Já o passo 2.2, “Descrevendo o(s) procedimento(s) da revisão bibliográfica”, ocorreu em 12,5% do *corpus*. Esse passo elenca as etapas que serão realizadas nessa fase da pesquisa, como é demonstrado no exemplo:

Ex (6): Na fase da pesquisa bibliográfica serão consideradas as seguintes **etapas**: seleção e estudo de bibliografia própria ao problema levantado e à temática envolvida; **leitura, análise crítica e fichamento** dos textos bases e de obras complementares; acompanhadas pelo orientador do estudo, desenvolvendo um diálogo, colocando sempre em debate a leitura dos textos e os pontos mais caros de cada um ao problema proposto na pesquisa (P12\_LET13, grifos nossos).

No exemplo dado, o autor do projeto procura explicitar em detalhes que procedimentos serão realizados para efetivar o estudo bibliográfico. Esse passo apresentou-se com extensão bastante variável no *corpus*, manifestando-se, por vezes em única sentença curta e, por vezes, através de um parágrafo inteiro.

O movimento 2, “Descreve etapa de levantamento bibliográfico”, parece caracterizar-se principalmente pela indicação dos temas enfocados na revisão bibliográfica.

### *Movimento 3 – Descreve etapa de coleta dos dados*

O movimento 3 foi o mais frequente no *corpus*, com 95% de ocorrências, e foi também aquele que muitas vezes correspondeu à maior parte da seção de metodologia. Provavelmente é isso que explica o fato de esse ser também o movimento que possui maior diversidade de

passos. Através desse movimento, o proponente passa a relatar o passo-a-passo da investigação propriamente dita, descrevendo aspectos relativos à seleção e coleta dos dados da pesquisa.

Esse movimento já havia sido identificado por Nwogu (1997), Oliveira (2002), Lim (2006) e Costa (2015), embora não com a mesma terminologia. Constatamos 5 passos que podem desencadear a ocorrência desse movimento.

O passo 3.1, “Delimitando *corpus* e/ou fonte do *corpus* da pesquisa”, faz uma descrição do *corpus* da pesquisa, podendo também descrever a fonte do *corpus* da pesquisa, que pode ser um suporte impresso ou digital, uma base de dados, ou alguma outra opção, dependendo do viés metodológico da subárea de pesquisa.

Em trabalhos anteriores, essa unidade foi ora descrita como passo (NWOGU, 1997; LIM, 2006; COSTA, 2015), ora descrito como movimento (OLIVEIRA, 2002; KANOKSIPATHAM, 2005; COSTA, 2015<sup>37</sup>).

Como pistas léxico-gramaticais, encontramos o uso do próprio termo “*corpus*” e também o uso maciço da voz passiva para descrição do *corpus* e de verbos que se relacionam à ideia de composição como “compor”, “constituir”. Na maior parte dos projetos, esse passo foi realizado de maneira breve, através de uma única sentença, e sem grande detalhamento, visto que os produtores não costumam especificar, por exemplo, a extensão do *corpus* ou o critério utilizado para fazer o recorte da amostra, como podemos observar no exemplo a seguir:

Ex (7): O ***corpus*** será **constituído** por recortes do serviço intitulado “acompanhamento” dos classificados que circulam em Teresina (P11\_LTG13).

No exemplo acima, podemos ver que a descrição do *corpus* é relativamente vaga, pois, embora o autor do projeto especifique o gênero selecionado e proponha um recorte espacial, especificando que serão coletados classificados de jornais que circulam em Teresina, não há uma explicação de quais serão as empresas jornalísticas, nem de qual será o critério para seleção da amostra ou mesmo a quantidade de textos analisados.

Esse passo apresentou uma recorrência de 52,5%, contudo, é preciso ressaltar que nem todas as pesquisas descritas fazem uso de *corpus*.

---

<sup>37</sup> Costa (2015) trabalha com 2 modelos, um para a área de Linguística e outro para Medicina. O modelo da área de Linguística toma a descrição da amostra como movimento; já o modelo de Medicina coloca a descrição da amostra como passo do movimento “Descrever procedimentos de coleta dos dados”.

No passo 3.2, “Justificando seleção do corpus”, o autor do projeto apresenta uma motivação para a escolha do *corpus* da pesquisa. Esse passo foi descrito originalmente por Lim (2006) e apareceu em 22,5% do *corpus*.

Assim como no passo 1.2, “Justificando escolha da abordagem metodológica”, foi frequente o uso de conjunções explicativas/causais e de verbos como “permitir”, “possibilitar”, além de expressões de valor axiológico marcadamente meliorativo. Contudo, diferentemente do passo 1.2, na justificativa da seleção do *corpus*, os autores utilizaram suas próprias palavras (e não recorreram a outros autores) para argumentar que a amostra selecionada é relevante. Consequentemente, essa justificativa foi feita de maneira mais precisa e com maior correlação com a proposta de pesquisa.

Além disso, percebemos que houve um engajamento por parte dos autores dos projetos na realização desse passo, que muitas vezes tomou um parágrafo extenso da seção, como no exemplo abaixo:

Ex (8): A seleção do gênero prova de concurso público **se explica pelo fato de** esse ser **representativo** e de **relevante importância** para a sociedade, visto que, muitas pessoas se submetem às provas almejando a estabilidade e a igualdade de oportunidade de ingresso na carreira pública. A escolha do recorte temporal e do gênero, também, **se justifica pelo fato de possibilitar** a visualização das mudanças e das evoluções ocorridas na elaboração das provas de concurso dentre as provas selecionadas para este projeto (P38\_AIL14, grifos nossos).

No exemplo apresentado, o proponente da pesquisa levanta motivações tanto para a escolha do gênero que constituirá o *corpus* da pesquisa quanto para o recorte temporal do *corpus*. Ressalvamos, entretanto, que a motivação para seleção do *corpus* é uma informação que pode ser apresentada na própria seção de Justificativa.

Questionamos os produtores entrevistados sobre a motivação para justificar o *corpus* na seção de metodologia, tendo em vista que eles pareceram valorizar esse passo na escrita da seção. Um dos entrevistados respondeu o seguinte:

Pra não dar brecha pra uma arguição de um orientador, de uma banca. É um texto acadêmico, então tem que ter essa direcionalidade. (E06)

Ou seja, para esse entrevistado, a justificativa seria uma forma de se antecipar a possíveis questionamentos que poderiam ser feitos ou pelo orientador da pesquisa ou pela banca que avaliará o projeto.

O passo 3.3, “Descrevendo o(s) procedimento(s) e/ou instrumento(s) de coleta dos dados”, corresponde a uma indicação de quais serão os procedimentos de coleta dos dados, bem como os instrumentos utilizados na coleta, informações que aparecem frequentemente no mesmo bloco textual. Esse passo apresentou uma recorrência de 42,5% e já havia sido indicado por modelos anteriores (NWOGU, 1997; OLIVEIRA, 2002; LIM, 2006; COSTA, 2015).

Trata-se de um passo desenvolvido de maneira breve, em poucas linhas, mas com bastante detalhamento em relação ao instrumental e as técnicas utilizadas. É frequente, nesse passo, o recurso à voz passiva com o próprio verbo “coletar” ou sinônimos, seguido de um adjunto adverbial de meio, para indicar os instrumentos de coleta.

Vejamos um exemplo:

Ex (9) Os dados que comporão esta pesquisa **serão coletados por meio de** observações sistemáticas, aplicação de questionários ao professor e à turma escolhida, registros fotográficos, entrevistas, gravações em áudio e vídeo e anotações no diário de bordo. (P37\_LET14, grifos nossos)

No exemplo acima, podemos observar que o autor é bem específico quanto às técnicas e instrumentos de coleta que serão utilizados.

O passo 3.4, “Delimitando perfil dos sujeitos participantes da pesquisa”, é típico de pesquisas com pessoas, com as feitas pelas subáreas de Sociolinguística e Letramento e foi apontado no modelo de Oliveira (2002). Ele foi encontrado em 30% do *corpus*.

Nesse passo, o autor do projeto traça um perfil das pessoas que integrarão a pesquisa, estabelecendo critérios para a sua participação. Esses critérios podem ser os mais diversos (idade, profissão, escolaridade, etc.), pois dependem do objetivo do estudo. Esse passo apresentou-se com extensão variável no *corpus*, sendo, em alguns projetos, descrito em poucas linhas e, em outros, sendo apresentado em um parágrafo extenso ou através de uma tabela. Entretanto, independente da extensão do bloco textual, grande parte dos produtores dos textos enumerou características bastante específicas para o perfil do sujeito participante da pesquisa.

Como pistas léxico-gramaticais, é frequente o próprio termo “sujeitos” e verbos copulativos como o verbo “ser”, para identificar quem são os participantes. Vejamos o exemplo:

Ex (10) Os **sujeitos da pesquisa são** idosos com idade entre 65 a 72 anos que participam de todos os eventos. Os critérios de inclusão são de aceitar e assinar sua participação, com base na resolução N° 466/12 referente à pesquisa com humanos, sendo que terão o direito ao sigilo e liberdade de recusa em qualquer fase. (P08\_LET13, grifos nossos)

No exemplo dado, um intervalo de idade bastante preciso e o fato de estes aceitarem participar da pesquisa, em cumprimento à resolução sobre a pesquisa com humanos, são os critérios para seleção dos sujeitos. Como podemos ver, são critérios específicos, que fornecem um recorte delimitado dos sujeitos.

O passo 3.5, “Descrevendo cenário da pesquisa”, é típico de pesquisas de campo, como as frequentemente realizadas pelas subáreas de Sociolinguística e de Letramento. Trata-se de uma descrição do espaço onde a pesquisa será realizada. Esse passo apresentou uma frequência de 17,5%.

Trata-se de um passo que costuma ter extensão longa, estendendo-se, muitas vezes, por mais de um parágrafo. Além disso, os autores costumam entrar em detalhes na descrição do cenário. Os recursos linguísticos mais frequentes são o próprio termo “cenário” ou um sinônimo como “local” e verbos copulativos, como podemos ver no próximo exemplo:

Ex (11) O **cenário será** o Centro de Convivência do Idoso “José Bona”, na cidade de Campo Maior – PI, instituição pública, mantida pelo poder Municipal que atende 86 idosos com idade entre 60 a 82 anos. Atualmente, são incluídas na programação: aulas de alfabetização, bem como eventos sociais, quais sejam: missas, festas comemorativas a caráter, forró pé de serra e jogos (dama e baralho). (P08\_LET13, grifos nossos)

No exemplo acima, percebemos que o autor não apenas identifica o cenário, como descreve sua localização, por quem ele é mantido, a quantidade de idosos que abriga (bem como sua faixa etária), e ainda detalha que atividades costumam ser exercidas nesse local.

Observamos que os passos mais prototípicos do movimento 3, “Descrevendo etapa de coleta dos dados”, são os passos 3.1, “Delimitando o *corpus* e/ou fonte do *corpus* da pesquisa” e 3.3, “Descrevendo o(s) procedimento(s) e/ou instrumentos de coleta dos dados”.

#### *Movimento 4 – Descreve a etapa de análise de dados*

O movimento 4 apresentou uma frequência significativa no corpus: 77,5%. Contudo, é preciso ressaltar que, em muitos textos, a etapa de análise dos dados é a fase da pesquisa descrita de maneira mais sucinta e geral. Em nossa análise, diferenciamos dois passos que podem realizar esse movimento.

O passo 4.1, “Descrevendo o(s) procedimento(s) de análise dos dados”, corresponde à descrição das ações empreendidas na etapa de análise dos dados. O percentual desse passo o *corpus* foi de 60%.

No *corpus* analisado, esse passo é, em geral, realizado de forma bastante sintética e genérica, pois frequentemente os autores limitam-se a afirmar que os dados serão analisados, sem descrever como isso será feito. Como pista linguística, temos a presença do próprio verbo “analisar”, frequentemente na voz passiva. Vejamos um exemplo a seguir:

Ex (12): Consequentemente, a segunda etapa, serão as análises de todo o corpus coletado. Neste momento, entra a fase qualitativa da pesquisa, onde serão realizadas comparações e confrontações dos dados com base nas teorias utilizadas como embasamento para todo este processo. (P25\_DSS13, grifos nossos)

Embora o autor do projeto afirme que serão feitas “comparações e confrontações dos dados com base nas teorias”, essa informação é desenvolvida de modo bastante vago, porque não se descreve como isso será feito especificamente nessa pesquisa.

Acreditamos que essa descrição genérica, comum no *corpus*, possa dever-se ao fato de que muitas vezes o proponente não tem ainda uma metodologia definida durante a escrita do projeto para a seleção, de forma que a análise dos dados, uma etapa mais avançada da pesquisa, não é apresentada de maneira clara. Os dados obtidos durante as entrevistas corroboram com essa ideia já que muitos dos produtores com quem dialogamos responderam não ter ainda uma metodologia definida quando escreveram seus projetos de pesquisa para a seleção, como no seguinte depoimento:

Eu acho que tava em construção [a metodologia]. Eu tinha mais ou menos uma ideia, né, minha pesquisa vai ser basicamente uma etnografia, que eu vou ter que tá lá, fazendo descrições e tudo na hora de coletar os dados. Eu tinha mais ou menos incipiente. [...] Ficava mais claro coisas gerais. (E01)

O entrevistado admite que a metodologia ainda estava construída de maneira incipiente e que tinha definido apenas aspectos mais gerais da pesquisa, como a abordagem metodológica, mas não elementos mais específicos, como o próprio passo-a-passo da pesquisa.

O passo 4.2, “Indicando a(s) categoria(s) de análise”, é a unidade retórica em que as categorias que subsidiarão a análise são explicitadas. É comum, na realização desse passo, o

uso de termos técnicos da subárea da pesquisa em questão. Trata-se de um passo que é tipicamente realizado de forma concisa, mas bastante específica, como no exemplo a seguir:

Ex (13): Com base nos paradigmas da Análise de Discurso, aplicaremos os conceitos de **sujeito**, **interdiscurso**, **heterogeneidade discursiva**, **formações ideológicas** e **formações discursivas** [...] (P06\_AD12, grifos nossos).

Nesse exemplo, o autor menciona categorias de análise fornecidas pela literatura da Análise do Discurso. Esse passo foi identificado em 35% do *corpus*. Vale ressaltar, todavia, que a categoria de análise é uma informação metodológica que pode ser adiantada em outras partes do projeto, como a seção de Objetivos ou de Fundamentação Teórica.

Podemos dizer, portanto, que o movimento de descrição da análise dos dados é realizado, principalmente, pelo passo de descrição do(s) procedimento(s) de análise.

De forma geral, os resultados obtidos através da nossa proposta de descrição da organização retórica da seção de metodologia de projetos de pesquisa demonstraram que esta é parcialmente distinta da organização retórica dessa seção em artigos de pesquisa. Constatamos, por exemplo, a existência de dois movimentos que não foram contemplados pelos modelos prévios relativos ao gênero artigo: a apresentação da abordagem teórica-metodológica da pesquisa e a descrição da etapa de levantamento bibliográfico.

Identificamos também o movimento de descrição da etapa de coleta de dados como aquele que se apresenta de maneira mais desenvolvida nos textos analisados, tanto em termos de extensão, quanto em diversidade de passos empregados para sua realização, além do fato de que este foi o movimento mais frequente no *corpus*.

Quanto à frequência dos passos, o passo mais recorrente foi o passo 1.1, “Caracterizando a abordagem metodológica da pesquisa”, com a frequência expressiva de 75%; seguido do passo 4.1, “Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados”, com 60%. O passo 3.1, “Delimitando o *corpus* e/ou fonte do *corpus* da pesquisa”, também apresentou uma frequência bastante expressiva, aparecendo em 52,5% do *corpus*.

Entretanto, nem sempre a maior recorrência nos textos corresponde à precisão ou detalhamento na realização do passo, pois, embora muito frequentes, o passo de descrição dos procedimentos de análise e o passo de delimitação do *corpus* são, muitas vezes, concretizados de maneira sucinta e ligeiramente vaga, o que pode ser causado tanto pela inexperiência dos produtores quanto pelo fato de que o projeto foi escrito em uma fase bastante inicial do

planejamento da pesquisa, de modo que os produtores ainda não possuíam uma metodologia definida.

Já passos menos frequentes, como o passo 3.2, “Justificando a escolha do *corpus*”, o passo 3.3, “Descrevendo o(s) procedimento(s) e/ou instrumento(s) de coleta dos dados”, o passo 3.4, “Identificando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa”, e o passo 3.5, “Descrevendo o cenário da pesquisa” são bem mais precisos e desenvolvidos nos textos.

Além da análise global dos movimentos e passos da seção de metodologia, que apresentamos neste subtópico, também procuramos observar se havia especificidades na organização retórica dessa seção de acordo com diferentes variáveis, como apresentamos no subtópico a seguir.

### 5.1.2 Especificidades na organização retórica: uma análise dos projetos por ano, subárea e abordagem metodológica

Com o intuito de verificar se o ano (e, conseqüentemente, a seleção) em que o projeto foi aprovado, a subárea a que pertence o projeto e a abordagem metodológica seguida são variáveis que influenciam na organização retórica da seção em análise, agrupamos os textos que compõem nosso *corpus* em diversos subgrupos.

No Quadro 02, apresentamos as frequências de cada passo por ano do *corpus*, sendo “n” a quantidade de projetos por ano:

Movimento	Passo	2012 (n=7)	2013 (n=21)	2014 (n=12)
1	1.1	57,1%	71,4%	91,7%
	1.2	14,3%	9,5%	41,7%
	1.3	71,4%	23,8%	41,7%
	1.4	42,8%	47,6%	41,7%
2	2.1	28,6%	14,3%	25%
	2.2	28,6%	9,5%	8,3%
3	3.1	57,1%	52,4%	50,0%
	3.2	28,6%	23,8%	16,7%
	3.3	57,1%	38,1%	41,7%
	3.4	42,8%	28,6%	25%
	3.5	14,3%	14,3%	25%
4	4.1	71,4%	57,1%	58,3%
	4.2	28,6%	28,6%	50%

Quadro 02: Frequência de cada passo por ano

Fonte: Elaboração de nossa autoria



Nossa hipótese inicial era que existiria uma diferença expressiva na organização retórica dos projetos dos dois primeiros anos, cujos editais apresentavam orientações vagas e muito semelhantes entre si; em relação ao último, cujo edital era mais detalhado em relação às orientações de escrita do projeto e bastante diferente dos dois primeiros. Contudo, tal expectativa não foi realizada, uma vez que a distinção entre os dois primeiros anos e o último não é, em grande parte, significativa. Talvez isso demonstre que os editais não foram tão relevantes para a escrita dos projetos ou, pelo menos, da seção de metodologia.

No Quadro 03, agrupamos as ocorrências dos passos em cada subárea, sendo “n” a quantidade de projetos por subárea. Foram encontrados os seguintes índices:

Movimento/ Passo	Letramento (n=14)	Sociolinguística (n=3)	Análise do Discurso (n=9)	Linguística de Texto/Análise de Gêneros (n=5)	Descrição de aspectos sintático- semânticos (n=6)	Análise de Instrumentos Linguísticos (n=3)	
1	1.1	92,9%	66,7%	66,6%	40%	83,3%	66,7%
	1.2	35,7%	0%	0%	0%	33,3%	0%
	1.3	21,4%	33,3%	66,6%	0%	50%	0%
	1.4	50%	33,3%	55,5%	40%	33,3%	33,3%
2	2.1	14,3%	0%	0%	60%	16,7%	33,3%
	2.2	21,4%	33,3%	11,1%	0%	0%	0%
3	3.1	21,4%	0%	77,7%	80%	83,3%	66,7%
	3.2	0%	0%	44,4%	20 %	33,3%	66,7%
	3.3	85,7%	66,7%	0%	0%	16,7%	33,3%
	3.4	57,1%	33,3%	11,1%	20%	16,7%	0%
	3.5	28,6%	33,3%	0%	0%	16,7%	0%
4	4.1	35,7%	66,7%	88,9%	60%	66,6%	66,7%
	4.2	35,7%	33,3%	44,4%	20%	33,3%	33,3%

Quadro 03: Frequência de cada passo por subárea

Fonte: Elaboração de nossa autoria

Constatamos através do Quadro 03 que, em relação às ocorrências por subárea, diferentemente dos percentuais por ano, existem variações significativas. O passo 1.1, “Caracterizando a abordagem metodológica da pesquisa” apresentou uma frequência bastante alta em projetos das subáreas Letramento e Descrição de aspectos sintático-semânticos, com os percentuais de 92,3% e 83,3%. Já nas subáreas Análise do Discurso, Sociolinguística e Análise de Instrumentos Linguísticos, esse passo aparece em pouco mais da metade dos projetos, enquanto na subárea de Linguística de Texto/Análise de Gêneros, esse passo está presente em menos da metade da amostra.

O passo 1.2, “Justificando a escolha da abordagem metodológica” apresenta diferenças ainda mais marcantes, visto que enquanto ele aparece em cerca de um terço dos projetos de Letramento e Descrição de aspectos sintático-semânticos (que novamente apresentaram tendências semelhantes em relação à organização retórica), não foram observadas ocorrências desse passo em nenhuma das demais subáreas. A semelhança na organização retórica das subáreas de Letramento e Descrição de aspectos sintático-semânticos foi um resultado imprevisto, devido à grande diferença entre a natureza das duas subáreas.

Já o passo 1.3, “Indicando a filiação teórica da pesquisa”, não apresentou ocorrências nem na subárea Linguística de Texto/Análise de Gêneros, nem na subárea Análise de Instrumentos Linguísticos, apresentando frequências variáveis entre as demais subáreas.

O passo 1.4, “Apresentando(s) objetivo(s) da pesquisa” apareceu em cerca de um terço dos projetos das subáreas de Sociolinguística, Descrição de aspectos sintáticos-semânticos e Análise de Instrumentos linguísticos. Nas subáreas de Letramento e Análise do Discurso, houve uma recorrência semelhante (de 50% e 55%, respectivamente), enquanto na subárea de Linguística de Texto/Análise de Gêneros, a recorrência foi de 40%.

O passo 2.1, “Indicando as temáticas presentes na bibliografia”, não apresentou ocorrência nas subáreas de Sociolinguística e Análise do Discurso. Na subárea Análise de instrumentos linguísticos, esse passo apareceu em aproximadamente um terço da amostra (33,3%) e teve percentuais semelhantes nas subáreas de Letramento e Descrição de aspectos sintático-semânticos (14,3% e 16,7%, respectivamente). Porém, foi na subárea de Linguística de Texto/Análise de Gêneros que esse passo apresentou a frequência mais alta (60%).

O passo 2.2, “Descrevendo o(s) procedimento(s) de revisão bibliográfica”, não ocorreu nos projetos de Linguística de Texto/Análise de Gêneros, Descrição de aspectos sintático-semântico e Análise de instrumentos linguísticos e teve percentuais variáveis entre as demais.

Com relação ao passo 3.1, “Delimitando o *corpus* e/ou fonte do *corpus* da pesquisa”, observamos uma distinção clara entre a frequência desse passo nas subáreas de Letramento e Sociolinguística (21,4% e 0%) e a grande recorrência nas subáreas de Descrição de aspectos sintático-semânticos, Linguística do Texto/Análise de Gêneros, Análise do Discurso, e Análise de instrumentos linguísticos (83,3%, 80%, 77,7% e 66,7%, respectivamente).

Trata-se de uma distinção compreensível, pois enquanto as duas primeiras são subáreas que comumente não trabalham com *corpus* (e sim com sujeitos de pesquisa), as outras são áreas que tipicamente fazem análise de *corpus*. Essa mesma justificativa pode esclarecer o fato de

que o passo 3.2, “Justificando a escolha do *corpus*”, não ocorre em nenhum dos projetos de Letramento e Sociolinguística, ocorrendo, com frequências variáveis, entre as demais.

O passo 3.3, “Descrevendo o(s) procedimentos e/ou instrumento(s) de coleta”, apresenta alta frequência nos projetos de Letramento (85,7%) e uma frequência menor nos projetos de Sociolinguística (66,7%). Esse passo aparece em cerca de um terço dos textos da subárea Análise de instrumentos linguísticos (33,7%) e em 16,7% dos projetos da subárea de Descrição de aspectos sintáticos-semânticos. Já nos projetos das subáreas de Linguística de Texto/Análise de Gêneros e Análise do Discurso, não houve ocorrências desse passo. De modo geral, podemos observar que a frequência desse passo é bem maior em subáreas que fazem pesquisa com seres humanos, como as de Letramento e Sociolinguística.

Quanto ao passo 3.4, “Identificando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa” também pode ser observada uma diferença entre as áreas que fazem pesquisa com sujeitos e as que trabalham com *corpus*, visto que a frequência desse passo nas subáreas de Letramento e Sociolinguística é ligeiramente maior. Contudo, a diferença não é tão marcante, possivelmente porque mesmo em pesquisas que trabalham com *corpus*, é possível identificar o perfil daqueles que produziram os textos analisados.

O passo 3.5, “Descrevendo o cenário da pesquisa”, apresentou ocorrências apenas nos projetos das subáreas de Letramento (28,6%), Sociolinguística (33,3%) e Descrição de aspectos sintático-semânticos (16,7%), subárea em que esta frequência foi um dado inesperado, visto que a descrição do cenário de pesquisa é um elemento mais esperado em subáreas que tipicamente fazem pesquisa de campo.

O passo 4.1, “Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados”, apresentou uma frequência alta em praticamente todas as subáreas, principalmente na subárea Análise do Discurso, com 88,9%. A subárea em que a recorrência desse passo foi mais baixa foi a de Letramento (35,7%). O passo 4.2, “Indicando a(s) categoria(s) de análise”, teve percentuais similares entre as diferentes subáreas, embora tenha sido mais frequente, assim como o passo 4.1, na subárea Análise do Discurso. Os projetos dessa subárea foram, portanto, os que demonstraram maior ênfase na descrição da análise dos dados.

Uma vez que a análise por subárea indicou uma certa divisão do *corpus* entre as subáreas que tipicamente fazem pesquisa com sujeitos e aquelas que analisam textos, resolvemos agrupar os resultados encontrados também de acordo com a abordagem metodológica, subdividindo a amostra entre dois subgrupos: subáreas que costumam fazer uso de pesquisa de campo com sujeitos (Letramento e Sociolinguística) e aquelas que, em geral,

realizam pesquisa documental com *corpus* de textos (Linguística de Texto/Gêneros, Análise do Discurso, Descrição de aspectos sintáticos e semânticos da língua e Análise de Instrumentos Linguísticos). As frequências de cada passo nos dois subgrupos estão representadas no Quadro 04, em que “n” é a quantidade de projetos por abordagem metodológica:

Movimentos	Passos	Subáreas que geralmente utilizam pesquisa de campo com sujeitos: SOC, LET (n=17)	Subáreas que geralmente utilizam pesquisa documental com <i>corpus</i> ad, AIL, LTG, DSS (n=23)
1	1.1	88,2%	65,2%
	1.2	29,4%	8,7%
	1.3	17,6%	39,1%
	1.4	41,2%	43,5%
2	2.1	18,2%	30%
	2.2	11,8%	26,1%
3	3.1	17,6%	78,3%
	3.2	0%	39,1%
	3.3	88,2%	8,7%
	3.4	53%	13%
	3.5	35,3%	4,3%
4	4.1	41,2%	73,9%
	4.2	35,3%	34,8%

Quadro 04: Frequência de cada passo por abordagem metodológica  
Fonte: Elaboração de nossa autoria

Como podemos constatar através do Quadro 04, a abordagem metodológica também aparenta ser uma variável importante para organização retórica da seção de metodologia de projetos de pesquisa, visto que a distinção entre os dois subgrupos é bastante expressiva em alguns passos, como no passo 3.1, “Delimitando o *corpus* e/ou fonte do *corpus* da pesquisa”, 3.2, “Justificando a escolha do *corpus*” e 4.1, “Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados”, bem mais frequentes em pesquisas com *corpus*; enquanto os passos 3.3, “Descrevendo o(s) procedimentos e/ou instrumento(s) de coleta”, 3.4, Identificando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa e 3.5, “Descrevendo o cenário da pesquisa” são bem mais comuns em pesquisas de campo.

Foi possível constatar, portanto, que a subárea em que a pesquisa se insere e a abordagem metodológica da pesquisa exercem influência sobre a organização retórica da seção de metodologia, não em termos de que movimentos são empregados, uma vez que os quatro movimentos apresentaram ocorrências em todas as diferentes subáreas e abordagens

metodológicas, mas sim quando se trata de que passos são empregados para materializar os movimentos.

Além da organização retórica, também analisamos a estruturação sequencial da seção de metodologia dos projetos de nosso *corpus*, sobre a qual discutimos no próximo subtópico. Após discorrer sobre as sequências, buscamos comparar os resultados obtidos pela análise das duas categorias (organização retórica e estruturação sequencial), de modo a relacioná-las, investigando os pontos de intersecção entre esses dois elementos.

## 5.2 Estruturação sequencial da seção de metodologia em projetos de pesquisa

Analisando a seção de metodologia dos projetos que compõem nossa amostra, constatamos que a sequência descritiva é a que aparece como dominante na totalidade do *corpus*, sendo que, em 55% dos casos, ocorre agenciamento unissequencial, ou seja, existe uma única sequência (do tipo descritiva), na seção como um todo<sup>38</sup>.

Contudo, é preciso lembrar que a sequência descritiva, como prevê o próprio Adam (1992) possui, como uma de suas características, a propriedade de desdobrar-se em diversas outras descrições, cada vez mais específicas. É o que ocorre na seção de metodologia do gênero em análise, de forma que, mesmo quando há uma única sequência descritiva, essa pode ramificar-se em diversas descrições correlatas.

Em 45% do *corpus*, verificamos a ocorrência de agenciamento plurissequencial, isto é, de combinação de sequências. Esse agenciamento plurissequencial foi do tipo heterogêneo, uma vez que, nesses textos, houve combinação entre sequências de tipos distintos. Essas sequências foram combinadas através de um procedimento de sucessão, isto é, apareceram coordenadas entre si, mas não inseridas, pois, em nossos exemplares, as sequências heterogêneas não integram a estrutura da sequência descritiva dominante, apenas aparecem justapostas a ela, como podemos ver no exemplo abaixo:

Ex (14) Nesta pesquisa será utilizada como metodologia a etnografia, na perspectiva sociolinguística, [qualificação] abordagem que [subtematização] tem como interesse central a descrição e análise de aspectos específicos das práticas da fala (oralidade e escrita), tal como ocorrem naturalmente na vida diária, assim como também aspectos da vida social e cultural do grupo estudado. (ERICKSON, 1988).  
[qualificação]

---

<sup>38</sup> Ressaltamos que nossas análises são válidas especificamente para a seção de metodologia, uma vez que não era nosso objetivo analisar todas as seções do projeto.

Esse método torna-se relevante na medida em que articula a descrição detalhada com a análise comparativa dos dados, conciliando assim aspectos particulares do objeto de estudo com aspectos holísticos. [explicação]

Nesse exemplo, temos a sucessão de duas sequências heterogêneas. No primeiro parágrafo, temos uma sequência de base tipológica descritiva, na qual, primeiramente ocorre uma aspectualização por qualificação do objeto descritivo “metodologia” (que é caracterizada como uma etnografia no viés da Sociolinguística) e, em seguida, através de uma expansão por subtematização, o objeto descrito passa a ser a própria abordagem metodológica, à qual são atribuídas propriedades, também por uma operação de qualificação.

Já a sequência seguinte não é mais uma caracterização do método, mas a justificativa da escolha por este, correspondendo, portanto, à macroproposição “explicação”, que faz parte da estrutura da sequência explicativa. Há inclusive o uso de um marcador explicativo “na medida em que”. Essas duas sequências não estão inseridas uma na outra, mas sim coordenadas, justapostas em uma sucessão.

Além da sequência descritiva, que aparece como dominante na totalidade dos exemplares analisados, também identificamos a presença de sequência explicativas em 45% do *corpus* e de sequências argumentativas em um percentual ligeiramente menor, 7,5% dos textos. Não foram encontradas ocorrências de sequências narrativas e nem de sequências dialogais. A ausência de sequência dialogais já era esperada devido a restrições composicionais do próprio gênero. Quanto à sequência narrativa, embora haja, na metodologia, a presença de algumas marcas que poderiam ser associadas a esse tipo sequencial (como verbos de ação e marcadores temporais), consideramos que faltam elementos nucleares da sequência narrativa, como a presença de um nó ou conflito que desencadeie as ações e também a ausência de uma situação inicial que se transforme após as ações, conduzindo a uma situação final.

Além disso, a própria forma como as ações são indicadas em metodologias de projeto não remetem a uma narração de algo, nem mesmo a um relato (até porque se tratam de ações prospectivas), mas sim a uma listagem de procedimentos previstos, dotados de um caráter muito mais programático do que narrativo.

Não consideramos que há narrativização das ações, mas sim uma listagem de procedimentos a serem seguidos. Assim, pensamos que é mais coerente interpretar esse rol de procedimentos como uma descrição do que como uma narração.

No subtópico a seguir, verificaremos de que maneira esses diferentes tipos sequenciais (descritivo, explicativo e, em menor grau, argumentativo) manifestam-se nos exemplares de seção de metodologia analisados.

### 5.2.1 Operações descritivas na seção de metodologia

Como vimos na discussão teórica, Adam (2011) reformulou sua concepção sobre sequência descritiva, admitindo que essa sequência apresenta uma configuração ligeiramente distinta das demais, visto que sua organização é mais livre e instável. Assim, ele passou a defender que, diferente dos demais tipos sequenciais, a sequência descritiva não constitui um conjunto de macroproposições interligadas, mas efetiva-se por meio de um leque de operações descritivas possíveis.

O Quadro a seguir apresenta cada uma das operações descritivas que foram identificadas no *corpus* com suas respectivas frequências:

Operação descritiva	Frequência
Tematização por ancoragem (Pré-tematização)	100%
Expansão por subtematização	100%
Aspectualização por qualificação (atribuição de propriedades)	85%
Aspectualização por partição (fragmentação)	65%
Relação de contiguidade temporal	65%
Relação de contiguidade espacial	12,5%

Quadro: Operações descritiva em seções de metodologia de projetos

Fonte: Elaboração de nossa autoria

Como podemos perceber, as operações mais frequentes são a tematização por ancoragem e a expansão por subtematização. Não foram identificados outros tipos de tematização (pós-tematização ou retematização), visto que, em nossa perspectiva, a tematização se dá no próprio título da seção, em que é apresentado o objeto que será descrito: a metodologia da pesquisa. Logo, em todos os textos, a tematização ocorre por ancoragem, ou seja, pela denominação imediata do objeto.

A expansão por subtematização também ocorreu na totalidade do *corpus*, pois, em todos os exemplares analisados, a descrição da metodologia ramifica-se em descrições correlatas: a abordagem específica escolhida, o *corpus* selecionado, a área em que a pesquisa se situa, os procedimentos/instrumentos de coleta dos dados, os sujeitos da pesquisa, as

categorias de análise, entre outros elementos possíveis. A cada vez em que um desses elementos torna-se, momentaneamente, o objeto da descrição, ocorre uma subtematização.

A aspectualização, que Adam (1992) caracteriza como o procedimento mais comumente admitido como descrição, embora não tenha ocorrido em todos os exemplares, também foi uma operação bastante frequente, tanto por qualificação, ou seja, pela atribuição de propriedades (85%), quanto por partição, isto é, pela menção a partes do objeto descrito (65%). A relação de contiguidade temporal, que corresponde à descrição de elementos, situando-os em uma faixa de tempo também teve alta frequência (65%), até porque é uma operação amplamente utilizada quando os procedimentos metodológicos são descritos, como veremos no subtópico 5.3. Muitas vezes, há um enfoque na ordem em que as ações serão feitas durante a pesquisa. Já a relação de contiguidade espacial, operação em que o objeto descrito é situado em determinado espaço, aparece em 12,5% do *corpus*.

Na sequência, abordaremos as frequências das macroproposições utilizadas nas sequências subsidiárias presentes no *corpus*, a explicativa e a argumentativa.

### 5.2.2 Macroproposições explicativas e argumentativas na seção de metodologia

A sequência explicativa aparece em 45% dos exemplares analisados. Entretanto, em grande parte, concretizada através da mesma macroproposição, como veremos no quadro a seguir:

Macroproposição explicativa	Frequência
Explicação (resposta)	42,5%
Problema (questão)	7,5%
Esquematização Inicial	2,5%
Ratificação-avaliação	0%

A explicação (resposta) é a principal macroproposição explicativa nessa seção. Acreditamos que a sua presença possa resultar da busca, pelos produtores, de se antecipar a questões que poderiam ser levantadas pelos arguidores caso não estivessem explicadas no texto. Essa hipótese que levantamos foi reforçada pelos depoimentos de alguns dos autores dos projetos, tal como o seguinte:



Quando você cria uma metodologia bem específica não tem como você ser questionado na defesa e tudo, porque você diz: “não, na minha metodologia eu disse que ia pesquisar só isso”. (E02)

Assim, explicar escolhas e justificar afirmações parece ser visto como um elemento estratégico na escrita da metodologia para alguns produtores dos projetos. Muitas vezes, a explicação ocorre sem que tenha sido enunciado um problema ou questão anteriormente, contudo, o próprio Adam (1992) prevê que esse elemento pode ficar subentendido no texto. Apenas 7,5% dos projetos apresentaram a macroproposição relativa ao problema/questão e somente 2,5% dos projetos apresentou a macroproposição “esquematização inicial”. É preciso ressaltar, entretanto, que essas duas macroproposições, em geral, não mantiveram uma relação direta com o todo da metodologia nos projetos em que foram utilizadas, como podemos observar no trecho a seguir:

Ex (15) Assim o discurso político tem o poder através do ato da linguagem de se materializar em aspectos históricos marcados pelo debate de ideias, para que assim possa legitimar seu discurso. [esquematização inicial] A legitimidade através do ato discursivo e da imagem passada pelo candidato é também avaliada e/ou domesticada pela mídia. [problema] O leitor/eleitor deve então buscar diversas fontes e conhecer o candidato para validar se o discurso proferido é posto em prática. [explicação]

Nesse exemplo, o autor do projeto faz uma esquematização inicial acerca do discurso político e, em seguida, levanta um problema a partir dessa esquematização, que é a possível influência da mídia sobre a construção da imagem do político. É apresentada, logo em seguida, uma explicação, que funciona como proposta de resolução para a questão erigida.

Contudo, esse trecho da seção pouco mantém relação com a função da metodologia e parece mais característico de uma seção de fundamentação teórica, seção que procura discorrer sobre uma perspectiva teórica, sem o intuito de descrever os procedimentos metodológicos. Talvez determinadas macroproposições explicativas não se adaptem bem à função da seção de metodologia ou ao seu caráter mais sucinto, o que poderia justificar a baixa frequência dessas macroproposições no *corpus* em geral.

Quanto à sequência argumentativa, o quadro a seguir quantifica o percentual de ocorrências de cada macroproposição dessa seção no *corpus*:

Macroproposição argumentativa	Frequência
-------------------------------	------------

Dados	5%
Sustentação	5%
Conclusão	5%
Tese anterior	2,5%
Restrição	2,5%

Poucos projetos lançaram mão da sequência argumentativa e os que fizeram deram preferência às macroproposições “dados”, “sustentação” e “conclusão”. As macroproposições “tese anterior” e “restrição” ocorreram em apenas 2,5% do *corpus*. Contudo, é preciso lembrar que a tese anterior fica, muitas vezes, implícita e que a restrição pode ou não atuar sobre a sustentação dada à argumentação.

O próximo subtópico é dedicado a esmiuçar as relações entre a estruturação sequencial e a organização retórica da seção de metodologia dos projetos de pesquisa em análise, verificando se existem tendências no que se refere às sequências utilizadas na concretização de cada passo retórico.

### 5.3 Organização retórica e estruturação sequencial: tendências e intersecções

Nosso principal objetivo nesta pesquisa é relacionar a estruturação sequencial à organização retórica na seção de metodologia do gênero projeto de pesquisa. Ainda que não tenha sido identificada uma relação biunívoca entre sequências e passos no *corpus*, foi possível constatar grandes tendências na relação entre essas duas categorias, visto que alguns passos são frequentemente realizados por determinado(s) tipo(s) sequencial(is). Assim, a seguir, abordamos os tipos sequenciais assim como as operações (no caso das descrições) e macroproposições recorrentemente utilizados na realização de cada passo<sup>39</sup>.

#### *Passo 1.1 – Caracterizando a abordagem metodológica da pesquisa*

A caracterização da abordagem metodológica ocorreu no *corpus* exclusivamente através de sequências descritivas, abrangendo duas operações: aspectualização por

---

<sup>39</sup> Optamos por relacionar as sequências aos passos (e não aos movimentos), tendo em vista que os movimentos são mais abstratos e amplos, enquanto os passos correspondem à materialização daqueles.

qualificação, que ocorreu em 100% das realizações desse passo e expansão por subtematização, a qual ocorreu em 26,7% desses segmentos textuais.

A qualificação mostrou-se a operação descritiva típica desse passo, visto que ela ocorreu na totalidade de suas manifestações. Assim, a caracterização da abordagem concretizou-se principalmente pela atribuição de propriedades ao objeto descrito, no caso, a metodologia da pesquisa. Essas propriedades descritas, como já adiantamos na análise da organização retórica, costumam remeter à própria literatura sobre metodologia, valendo-se de seus termos técnicos para descrição da abordagem escolhida.

Já a subtematização ocorreu, nesse passo, quando os autores, ao descrevem a metodologia de sua pesquisa específica, expandiram a descrição para se referir à abordagem escolhida de uma maneira geral. Nesses casos, a descrição da metodologia desdobrou-se, por subtematização, em uma descrição de um outro objeto, ocorrendo uma nova operação de qualificação, dessa vez, referente ao conceito, escopo e/ou características da abordagem escolhida.

A operação de qualificação foi feita tanto utilizando a estrutura canônica da qualificação (grupo nominal acompanhado do verbo ser e de uma expressão predicativa), quanto através de predicados funcionais habituais, sendo que o segundo tipo de construção foi mais comum nos casos em que ocorre subtematização, como no exemplo abaixo:

Ex (16) A metodologia adotada será de uma pesquisa exploratória, qualitativa, descritiva, de caráter etnográfico. [qualificação] [...]  
O método etnográfico [subtematização] define os procedimentos teóricos e práticos usados em pesquisas sociais. É entendido como um procedimento do tipo teórico e prático usado geralmente em pesquisas de caráter social, quando são descritas as atitudes socioculturais de indivíduos. Fetterman (*apud* MAGALHAES NETO, 2013, p.64). [qualificação.] (P18\_LET13)

Como podemos observar, no primeiro parágrafo, há uma operação de qualificação da metodologia adotada, a qual é caracterizada através de uma série de termos técnicos da literatura sobre metodologia (“exploratória”, “qualitativa”, “descritiva e de caráter etnográfico”) e por meio da construção canônica de qualificação: verbo ser acompanhado de expressões predicativas.

Pouco mais à frente, o autor do projeto dá seguimento ao passo, caracterizando não mais a metodologia específica com que vai trabalhar, mas, por subtematização, o próprio método etnográfico, de maneira geral. Nesse caso, faz-se, além do uso da estrutura canônica, o

recurso a predicados funcionais habituais (“define os procedimentos teóricos e práticos...”, “usado geralmente em pesquisas de caráter social”), como uma forma de atribuir propriedades a esse método.

### *Passo 1.2 - Justificando a escolha da abordagem metodológica*

A justificativa da opção pela abordagem metodológica selecionada no projeto desenvolveu-se, como era de se esperar, preponderantemente através de sequências explicativas, conforme ocorreu em 70% dos casos. Nos outros 30%, a sequência utilizada foi a descritiva.

O uso da sequência explicativa, nesse passo, torna essa função de justificar mais explícita no texto. Vejamos um exemplo a seguir:

Ex (17) Esse método torna-se relevante na medida em que proporciona maior familiaridade com o fenômeno pesquisado, procurando entender e interpretá-lo quando inserido em um contexto comunicativo. De acordo com os objetivos da pesquisa, considera-se essa abordagem um método eficaz para a compreensão do uso e efeitos discursivos do verbo-suporte presente no gênero entrevista. [explicação] (P29\_DSS14)

Através da macroproposição explicação (resposta) da sequência explicativa, o autor do projeto justifica a relevância do método, destacando a possibilidade de proporcionar maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Há, inclusive, o uso do marcador “na medida em que”, o qual enfatiza a relação explicativa.

Entretanto, há, em menor frequência, casos em que essa justificativa é feita por meio de uma operação descritiva. Essa alternativa torna esse passo mais indireto e sutil, exigindo mais inferências do leitor para captar a função do bloco textual, como no exemplo abaixo:

Ex (18) De acordo com Vóvio e Souza (2005, p. 49), a abordagem qualitativa [subtematização] “permite identificar as práticas culturais, os locais específicos e os contextos de uso, bem como as condições em que foram forjadas as trajetórias dos sujeitos e as atividades presentes em seus percursos de socialização”. [qualificação]

Nesse caso, através de uma operação de subtematização (em que a abordagem qualitativa torna-se o objeto da descrição) e de qualificação (na qual são atribuídas propriedades a esse método por meio predicado funcional habitual), justifica-se a escolha do método,

ressaltando as vantagens que ele pode proporcionar. Acreditamos que se trata de um modo menos explícito de concretizar o passo 1.2.

### *Passo 1.3 - Indicando a filiação teórica da pesquisa*

Esse passo apresentou uma maior variabilidade que os anteriores, em termos de realização sequencial. Em 66,7% das ocorrências, foi utilizada a operação descritiva de subtematização; já a operação de aspectualização por partição ocorreu em 58,3%; a operação de qualificação foi utilizada em 41,7% dos casos; enquanto a relação de contiguidade espacial teve a frequência de 8,3% nas ocorrências desse passo<sup>40</sup>.

A subtematização ocorre quando, na realização desse passo, a filiação teórica assume o papel de objeto da descrição. Ocorreram, junto à subtematização, tanto operações de partição quanto de qualificação. Vejamos um exemplo de operação de partição:

Ex (19) Sobre impressões e estereótipos criados pelos europeus a respeito dos povos nativos e ainda sobre a atual representação social desse sujeito na sociedade, revisitaremos teóricos [subtematização] como; Gomes (1988), Orlandi (1990), Menget (1999) Novaes (1999), Rouanet (1999), Rodrigues (2002), Azambuja (2005), Batistote (2005) e outros. E para destacar o papel da imprensa na sociedade da informação Rossi (1991), Melo (2006) e Pena (2007) contribuirão nesse sentido. [partição]

Nesse caso, ocorre uma subtematização, visto que o objeto descrito passa a ser os teóricos que serão consultados para a pesquisa, ocorrendo também uma partição desse objeto, pois o autor faz uma seleção e uma breve enumeração de alguns teóricos que integrarão esse conjunto.

A seguir, temos um exemplo em que o passo foi realizado por uma operação de qualificação:

Ex (20) Como já foi dito, a pesquisa terá como fundamentação [qualificação] as Gramáticas Tradicional, de Valências e Funcional [subtematização], que terão seus respectivos modelos teóricos confrontados com a língua posta em uso nos textos escritos.

---

<sup>40</sup> Ressaltamos que as operações não são mutuamente exclusivas na realização dos passos, de modo que o mesmo passo pode ser concretizado por mais de uma operação descritiva em um texto.

Nesse fragmento, através uma expansão por subtematização, o objeto descrito passa a ser a filiação teórica do trabalho e as gramáticas tradicional, de valências e funcional são caracterizadas como fundamentação da pesquisa proposta, através de um procedimento de qualificação.

Ocorreu, ainda, a indicação da filiação teórica através de uma relação de contiguidade espacial, como podemos observar no exemplo abaixo.

Ex (21) A pesquisa proposta é de caráter bibliográfico, de natureza qualitativa, **substanciada na teoria da Análise do Discurso** [relação espacial]

Nesse caso, a pesquisa é situada no interior de uma subárea, a Análise do Discurso. Trata-se, nesse caso, não de contiguidade em um território concreto, mas sim em um território de pesquisa. A pesquisa é descrita em relação ao espaço de pesquisa em que se substancia.

#### *Passo 1.4 - Apresentando o(s) objetivo(s) da pesquisa*

Esse passo foi desenvolvido, na totalidade dos casos, por meio de sequência descritiva, mais especificamente, através da operação de aspectualização por qualificação, como no exemplo abaixo:

Ex (22) Para investigar o Ensino de Língua Portuguesa e suas implicações no aprendizado de outras disciplinas do Ensino Fundamental [subtematização] é que se propõe descrever como a pesquisa será desenvolvida. [qualificação]

No exemplo, existe a subtematização, visto que o objeto descrito torna-se, momentaneamente, o objetivo da pesquisa e, em seguida, esse objeto é caracterizado. Nesse caso, a estrutura da qualificação é a canônica em relação ao uso do verbo “ser” acompanhado de expressão predicativa, com a especificidade de que tanto o termo caracterizado quanto o termo predicativo são representados por orações.

#### *2.1 - Indicando as temáticas presentes na bibliografia*

Em todas as suas ocorrências, esse passo foi materializado pela combinação das operações descritivas de subtematização e aspectualização por partição. Vejamos um exemplo dessa estruturação sequencial:

Ex (23) Para a realização da pesquisa, primeiramente se fará o estudo do material bibliográfico [subtematização], concernente à língua, variação, léxico, dicionário e ensino. [partição] (P40\_AIL14)

No exemplo acima, temos primeiramente uma subtematização, em que o estudo do material bibliográfico torna-se o enfoque da descrição para, em seguida, ser “fragmentado” através da descrição dos temas selecionado para o estudo: língua, variação, léxico, dicionário e ensino.

#### *Passo 2.2 - Descrevendo o(s) procedimento(s) de revisão bibliográfica*

A descrição de procedimentos de revisão bibliográfica deu-se por meio de três operações descritivas: subtematização (100%), aspectualização por qualificação (60% das ocorrências) e aspectualização por partição (40% das ocorrências). O exemplo abaixo ilustra a realização desse passo através das operações de subtematização e qualificação:

Ex (24) Pesquisa bibliográfica [subtematização] de caráter exploratório que será desenvolvida a partir de leitura e análise de textos literários. [qualificação] (P07\_LET12)

Nesse exemplo, temos a subtematização da etapa de pesquisa bibliográfica e sua caracterização por meio de uma operação de qualificação. Já a operação de partição, menos comum no *corpus*, pode ser observada no exemplo que segue:

Ex (25) Na fase da pesquisa bibliográfica [subtematização] serão consideradas as seguintes etapas: seleção e estudo de bibliografia própria ao problema levantado e à temática envolvida; leitura, análise crítica e fichamento dos textos bases e de obras complementares; acompanhadas pelo orientador do estudo, desenvolvendo um diálogo, colocando sempre em debate a leitura dos textos e os pontos mais caros de cada um ao problema proposto na pesquisa. [partição] (P12\_LET13)

Nesse caso, a fase de revisão bibliográfica torna-se objeto da descrição, por subtematização, e é descrita pela enumeração de suas diferentes etapas, de forma que temos um procedimento de partição.

### *Passo 3.1 - Delimitando o corpus e/ou fonte do corpus da pesquisa*

A delimitação do *corpus* envolveu quatro operações descritivas: a subtematização, que ocorreu na totalidade dos projetos; a qualificação, que ocorreu em 83,3% do *corpus*; a partição, presente em 17,6% da amostra e a relação de contiguidade espacial, a qual se deu em 11,8% dos casos.

A subtematização já era esperada, visto que, nesse passo, o objeto de descrição é o *corpus* (ou fonte do *corpus*) na pesquisa. A segunda operação mais utilizada foi a de qualificação, como podemos observar nesse trecho:

Ex (26) O corpus da pesquisa [subtematização] consistirá nos textos que compõem a coluna Geleia Geral, os quais podem ser encontrados nos volumes “Os últimos dias de Paupérea” e “Torquatália – Geleia Geral” – obras organizadas para reunir a produção dispersa do artista, além do material disponível na mídia digital. [qualificação]

Há, no trecho transcrito, uma subtematização, a partir do momento em que o *corpus* torna-se o foco da descrição. Além disso, é feita uma operação de qualificação do *corpus* escolhido, destacando-se ainda possíveis fontes a serem utilizadas para pesquisa.

Observamos também, com menor frequência, ocorrências de operação de partição na realização desse passo, tal como no exemplo abaixo:

Ex (27) O *corpus* para o trabalho [subtematização] será constituído por dois textos, um jornalístico e outro do gênero literário a serem escolhidos [partição] (P32\_DSS14)

O subtema *corpus* é descrito por menção a uma subdivisão: um texto da esfera jornalística e outro da esfera literária. Há também casos em que esse passo é realizado através de uma operação descritiva de relação espacial, como no seguinte trecho:

Ex (28) Os anúncios [subtematização] serão recolhidos em revistas brasileiras voltadas ao público feminino. [relação espacial] (P04\_AD12)

Nesse caso, os anúncios, que são o *corpus* da pesquisa, são caracterizados em função de uma relação de contiguidade espacial entre anúncio e revista. Essa operação ocorre principalmente quando se descreve a fonte do *corpus* que será analisado.



### *Passo 3.2 Justificando a escolha do corpus*

Esse passo foi um dos poucos que não foi realizado por sequência descritiva. Ele teve duas formas de concretização nos projetos: através de sequência explicativa, em 66,7% dos casos e através de sequência argumentativa, em 33,3% das ocorrências.

A seguir, temos um exemplo de sequência explicativa utilizada na justificativa para escolha do *corpus*:

Ex (29) A seleção do *corpus* se explica pelo fato de esses materiais figurarem na educação brasileira, sobretudo ensino de língua materna, que, geralmente, não passam por filtro de avaliação de nenhum programa educacional, além de serem produzidos por profissionais que não possuem sólida formação na área, gerando espécies de materiais diversos. [explicação]

Nesse exemplo, temos a macroproposição explicação (resposta) da sequência explicativa, enfatizada pelo marcador “pelo fato de”. Conforme vimos anteriormente, os autores parecem ver a explicação como uma maneira de se antecipar a possíveis questionamentos.

Houve também a concretização desse passo através de sequências argumentativas, como no exemplo a seguir:

Ex (30) [...] o ano de 2010 não foi escolhido aleatoriamente [conclusão], visto que o mesmo foi marcado por uma campanha eleitoral acirrada e de muitas polêmicas, onde até mesmo os jingles dos candidatos adversários eram marcados por antônimos. [dados]

Nesse exemplar, o proponente do projeto inicialmente apresenta uma conclusão, a qual é, na verdade, uma contestação a uma conclusão possível (a de que houve uma escolha aleatória do recorte temporal do *corpus*). A negativa é a marca linguística dessa refutação. A conclusão enunciada pelo autor do texto se apoia sobre os dados introduzidos (a campanha daquele ano foi acirrada e apresentou muitas polêmicas). Embora não seja explicitada na superfície textual, há uma sustentação de argumentos implícita (se a campanha foi acirrada e polêmica, então ela motiva uma investigação; se ela motiva uma investigação, a escolha não se deu de forma aleatória).

### *Passo 3.3 - Descrevendo o(s) procedimento(s) e/ou instrumento(s) de coleta*

Houve grande variabilidade na realização do passo 3.3 no *corpus*. Embora a maior parte das ocorrências tenha correspondido à operação de aspectualização por partição (61,1%), seguida da operação de subtematização (94,4%), relação de contiguidade temporal (38,9% das ocorrências) e a aspectualização por qualificação (33,3%).

A subtematização, nesse passo, corresponde à colocação de dado aspecto como enfoque da descrição. Vejamos um exemplo de subtematização acompanhada de uma partição:

Ex (31) Desse modo, a pesquisa utilizará para a coleta de dados as seguintes técnicas [subtematização]: seleção de entrevistas online e impressas que tenham como tema as práticas educativas voltadas para a educação de jovens e adultos; exploração do corpus com vista a identificar a presença de verbos-suporte [partição]

Nesse exemplo, ocorre a subtematização das técnicas de coleta e, logo após, a partição desse objeto, quando são enumeradas quais delas serão utilizadas.

A seguir, podemos observar um exemplo de descrição dos procedimentos de coleta por relação de contiguidade temporal:

Ex (32) Inicialmente serão coletadas semanalmente as ocorrências encontradas na coluna OPINIÃO. Em seguida, agrupadas na modalidade apreciativa, por fim analisar as várias relações semântico-enunciativas dos adjetivos no processo de construção de valores referenciais. [relação temporal]

Como os marcadores de relação temporal indiciam, nesse exemplo, o foco desse trecho é situar as ações em termos de relação temporal. O autor do texto estabelece uma espécie de encadeamento das ações, no qual há uma ênfase na ordem dos procedimentos (além de ser dado um destaque para a periodicidade da coleta, a qual se dará semanalmente).

Este passo se manifesta também pela operação descritiva de qualificação, como no exemplar abaixo:

Ex (33) [...] compreenderá a elaboração de questionários fonético-fonológicos que [subtematização] constituirão o método de coleta dos dados a serem analisados [qualificação]

Nesse trecho, primeiramente, os questionários fonético-fonológicos tornam-se o objeto da descrição por uma operação de subtematização (o pronome relativo “que” marca o

início dessa operação, em que o foco da descrição passa a ser a expressão retomada pelo pronome). Em seguida, esse subtema é qualificado como o método de coleta dos dados utilizado.

#### *Passo 3.4 - Identificando o perfil dos sujeitos participantes da pesquisa*

Esse passo ocorreu, na totalidade dos exemplares, por uma combinação entre a operação de subtematização e de qualificação. Vejamos um exemplo:

Ex (34) Os sujeitos pesquisados [subtematização] serão indivíduos Surdos, que possuem Identidade Surda, ou seja, não usam prótese, têm orgulho de serem surdos e, principalmente, se comunicam através da Libras (SANTANA, 2007) [qualificação].

Nesse caso, temos uma subtematização, porque o objeto da descrição torna-se, momentaneamente, os sujeitos pesquisados. A esse objeto são atribuídas propriedades: ser surdo, não usar prótese e ter orgulho de ser surdo, constituindo, portanto, um exemplo típico de aspectualização por qualificação.

#### *Passo 3.5 - Descrevendo o cenário da pesquisa*

Além da subtematização, que ocorreu em todo o *corpus*, esse passo apresentou uma variabilidade em sua realização, sendo manifestado tanto através da operação descritiva de qualificação (55,5%), quanto da relação de contiguidade espacial (44,4%).

Vejamos, a seguir, um exemplo de descrição do cenário da pesquisa por meio da qualificação:

Ex (36) A Associação de Moradores do bairro Campo de Belém [subtematização], Caxias-MA, é constituída por cerca de duzentos membros e destes vinte compõem a direção da entidade [qualificação]. Este bairro periférico [subtematização], classificado como urbano, pois seus moradores são predominantemente migrantes da zona rural do município, é constituído por uma população de cerca de 10.000 (dez mil) habitantes. [qualificação]

No exemplo acima, primeiramente o cenário escolhido para a pesquisa, a Associação de Moradores do bairro Campo de Belém, é caracterizado quanto à quantidade de membros que compõem a entidade como um todo e sua direção. Em seguida, ocorre uma subtematização e o objeto da descrição passa a ser o bairro em que se localiza a associação, o qual é descrito em relação a sua localização no município. Essa descrição pormenorizada de características do cenário é bem típica de projetos das subáreas de Sociolinguística e Letramento.

Além dessa operação, o cenário também é descrito pela operação de relação de contiguidade espacial, como no trecho abaixo:

Ex (37) O estudo [subtematização] será realizado na Unidade Escolar Demerval Lobão, escola da rede pública de ensino, localizada no Centro de Angical do Piauí – PI. [relação espacial]

Nesse caso, o subtema “estudo” é caracterizado por sua localização: a contiguidade na Unidade Escolar Demerval Lobão, a qual, por sua vez, situa-se no centro de Angical, Piauí.

#### *Passo 4.1 - Descrevendo o(s) procedimentos de análise dos dados*

A descrição dos procedimentos de análise deu-se através de quatro operações possíveis: a; a relação de contiguidade temporal, a qual teve um percentual de 52,4%; a subtematização, que ocorreu em 47,6%; e a qualificação, que se manifestou em 38% dos exemplares e a partição.

A relação temporal foi a operação descritiva mais utilizada para descrição dessa etapa da pesquisa. Na sequência, apresentamos um exemplo:

Ex (39) Assim, serão definidos inicialmente implícitos aferidos da linguagem não verbal dos textos e, posteriormente, segue-se às análises de implícitos relacionados à linguagem verbal presente nas obras. [relação temporal]

Os procedimentos de análise são descritos em uma sucessão, evocada pelo uso de marcadores temporais (inicialmente, posteriormente). A questão da ordenação das ações, da sequência temporal em que os procedimentos são feitos, aparentemente é um aspecto valorizado pelos produtores na metodologia. O depoimento a seguir, sobre a escrita da metodologia, corrobora com essa ideia:

Tem que ser sequenciado. É como se fosse o preparo de um bolo: primeiro eu boto isso, primeiro eu boto aquilo, porque se eu faço o contrário, o bolo já não sai redondinho, então tem que ter os passos bem sequenciados. (E02)

A importância dada à ordenação temporal dos procedimentos foi constatada também pela frequência dessa operação tanto na descrição dos procedimentos de coleta, quanto na descrição dos procedimentos de análise dos dados.

Além da operação de relação temporal, a qualificação e subtematização também ocorreram na concretização desse passo, como no exemplo abaixo:

Ex (40) Para analisar os referidos adjetivos nos enunciados será necessário [qualificação] identificar e compreender os procedimentos linguísticos enunciativos na construção dos valores referenciais [subtematização].

No exemplo, temos uma operação de qualificação do procedimento de análise “identificar e compreender os procedimentos linguísticos enunciativos na construção dos valores referenciais”, que funciona como subtema e é representado por um termo oracional.

#### *Passo 4.2 - Indicando a(s) categoria(s) de análise*

A indicação das categorias de análise foi concretizada através de três operações descritivas: a subtematização, que ocorreu em todos os exemplares do *corpus*, a aspectualização por qualificação, que ocorreu em 57,1% e a aspectualização por quantificação, que teve a frequência percentual de 42,8%.

A operação de qualificação ocorreu quando houve a caracterização de determinada categoria de análise, como no trecho a seguir:

Ex (41) Além disso, para essa pesquisa, será averiguado o uso da linguagem pautada na Heterogeneidade Discursiva Constitutiva de linha francesa, visto que, segundo Maingueneau (1997), ela [subtematização] “aborda uma heterogeneidade que não é marcada na superfície, mas que a AD pode definir, formulando hipóteses, através do interdiscurso, a propósito da constituição de uma formação discursiva”. [qualificação]

A categoria de análise selecionada, a Heterogeneidade Discursiva Constitutiva, é subtematizada, tornando-se o foco da descrição a partir de sua retomada pelo pronome “ela” e, na sequência, ela é qualificada por meio de predicados funcionais habituais.

Já a operação de partição deu-se nos casos em que há enumeração das categorias de análise utilizadas pelo produtor do texto, assim como no exemplar abaixo:

Ex (42) Com os sujeitos serão feitas análises de categorias relacionadas à avaliação de textos orais e escritos [subtematização] como: coesão, coerência, poder de argumentação além da criatividade. [partição]

Como podemos ver, ocorre a subtematização das categorias, que são, em seguidas, enumeradas por meio de uma operação de partição.

Constatamos, a partir da análise relacionando os passos do modelo que propomos às sequências textuais, que existem tendências em termos de realização sequencial dos passos da seção de metodologia.

Enquanto a sequência argumentativa foi utilizada apenas para concretização do passo de justificativa do *corpus* e a sequência explicativa foi empreendida para realização desse passo e da justificativa da abordagem metodológica, a sequência descritiva manifestou-se em praticamente todos os passos, através de diferentes operações.

Observamos ainda que há uma forte predominância das operações descritivas de subtematização e qualificação no *corpus*, visto que essas operações são realizadas em grande parte dos passos. A subtematização é frequente em decorrência de a metodologia comportar diversos subtemas, que continuamente vão tomando o foco descritivo. Já a qualificação parece estar relacionada ao fato de que, mais do que o passo-a-passo da pesquisa, as metodologias analisadas priorizam a atribuição de propriedades aos elementos metodológicos escolhidos para a pesquisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, nossa proposta foi descrever a metodologia do gênero projeto de pesquisa, no que se refere à organização retórica e à estruturação sequencial dessa seção. O objetivo era não apenas descrever os dois aspectos isoladamente, mas relacioná-los, procurando identificar tendências em termos de realização sequencial na materialização dos passos identificados no modelo de organização retórica elaborado, de forma semelhante ao que foi feito por Sousa (2004) e Jucá (2006).

Em relação à organização retórica, propomos um modelo descritivo que contemplou quatro movimentos retóricos: *Apresentando a abordagem teórico-metodológica da pesquisa*, *Descrevendo a etapa de revisão bibliográfica*, *Descrevendo a etapa de coleta dos dados* e *Descrevendo a etapa de análise dos dados*.

Além dos movimentos retóricos, procuramos descrever também os passos utilizados para concretização desses movimentos. Através da análise dos passos retóricos, foi possível identificar pistas linguísticas recorrentemente utilizadas, o grau de precisão e a extensão média de cada passo. Essa análise nos permitiu verificar aquilo que era mais desenvolvido pelos produtores dos textos e aquilo que era expresso de maneira mais superficial.

Constatamos também diferenças importantes na organização retórica entre as diferentes subáreas da Linguística contempladas pelo *corpus*, no que se refere à frequência dos passos utilizados. Alguns passos se mostraram bastante característicos de uma determinada subárea e pouco recorrentes em outras. Outra variável que se mostrou relevante foi a abordagem metodológica tipicamente utilizada pela subárea, se documental ou de campo, visto que, quando dividimos o *corpus* entre esses dois subgrupos, as diferenças nos passos utilizados ficaram bastante evidentes.

Quanto à estruturação sequencial, verificamos que a sequência descritiva é a dominante na seção de metodologia e que as sequências explicativa e argumentativa também são utilizadas com frequência bem menor, coordenadas à sequência descritiva. Observamos, ainda, que as operações descritivas mais utilizadas foram as de subtematização e aspectualização por qualificação.

Correlacionado as duas categorias de análise, organização retórica e estruturação sequencial, verificamos que os passos possuem arranjos sequenciais típicos. Acreditamos que esses resultados podem contribuir para aqueles que necessitam compreender melhor a escrita da seção de metodologia.

Contudo, nossa pesquisa deixa algumas lacunas e possibilidades de novas pesquisas. As diferenças por subárea merecem uma visão mais aprofundada, que pode revelar ainda mais as relações entre organização retórica e natureza da subárea. Além disso, pode-se estabelecer comparações entre a metodologia em projetos da Linguística e projetos de outras áreas, as quais, provavelmente, apresentarão especificidades em sua composição. Essa diferença por subárea ou por área pode também ser correlacionada à estruturação sequencial, de modo a se verificar se a natureza disciplinar influencia nessas estruturas.

Além disso, uma análise do projeto como um todo, observando também as outras seções, pode permitir o reconhecimento das relações entre as partes do projeto e explicitar o que há de mais relevante, em termos de sequência e de organização retórica, no texto de forma integral. Uma análise de natureza mais etnográfica é outra alternativa para aprofundar a percepção sobre a escrita desse gênero.

Esperamos que nosso trabalho possa contribuir de algum modo para a composição da seção de metodologia de projetos, expandido o rol de estudos sobre o gênero projeto de pesquisa, que ainda é escasso, especialmente no Brasil.



## REFERÊNCIAS

ADAM, J.-M. *Les textes: types et prototypes*. Paris: Nathan, 1992.

\_\_\_\_\_. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES FILHO, F. *Gêneros Jornalísticos: notícia e cartas de leitor no ensino fundamental*. São Paulo: Cortez, 2011.

AMSTERDAMKA, O.; LEYDESDORFF, L. Citations: indicators or significance? *Scientometrics*, Amsterdam, v. 15, n. 5-6, p. 449-471, 1989.

ARTEMEVA, N; FREEDMAN, A. *Rhetorical genres studies and beyond*. Winnipeg: Inkshed, 2008.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito Gomes. *et al* (Org.). *Gêneros e sequências textuais*. Recife: Edupe, 2009. p. 221-247.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 260-306.

BAKHTIN, M. Tema e significação da língua. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Local: Hucitec, 2006.

BAWARSHI, A; REIFF, M. *Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino*. São Paulo: Parábola, 2013.

BEZERRA, B. *A distribuição das informações em resenhas acadêmicas*. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2001.

BIASI-RODRIGUES, B. O gênero resumo: uma prática discursiva da comunidade acadêmica. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J.; SOUSA, S. (Orgs.). *Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 108-129. p. 49-75.

\_\_\_\_\_; HEMAIS, B. A proposta sociorretórica de John M. Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.).

*Gêneros: teorias, métodos, debate*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Adam. In: MEURER, J.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debate*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. P. 208-236.

CONNOR, U.; MAURANEN, A. Linguistic analysis of grant proposals: european union research grant. *English for specific purpose*, v. 18, n. 1, p.47-62, 1999.

COSTA, R. L. S. *Culturas disciplinares e artigos acadêmicos experimentais: um estudo comparativo da descrição sociorretórica*. 2015. 243 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Estadual do Ceará, 2015.

DEVITT, A. Generalizing about genre: new conceptions of an old concept. *College composition and communication*, 44, 573-585, 1993.

JUCÁ, D. *A organização retórico-argumentativa da seção de justificativa do gênero textual projeto de dissertação*. 2006. 109 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2006.

KANOKSILAPATHAM, B. Rhetorical structure of bichemistry research articles. *English for specific purposes*. 24, 262-292, 2005.

LIM, J. M. H. Method sections of management research articles: a pedagogically motivated qualitative study. *English for specific purposes*. 25, 282-309, 2006.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, C. Genre as social action. *Quartely Journal of Speech*, 70, 151-167, 1984.

MOTTA-ROTH, D; HENDGES, G. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NWOGU, K. N. The Medical Research Paper: structure and functions. *English for Specific Purposes*. v. 16, n. 2, pp. 119-138, 1997.

SOUSA, S. *Estudo da organização textual-argumentativa em editoriais de jornal*. 2004. 141 f. Dissertação (Mestrado): Universidade Federal do Ceará, 2004.

OLIVEIRA, F. A configuração textual da seção de metodologia em artigos acadêmicos eletrônicos de Linguística Aplicada. *Vidya*, v. 37, jan-jun, pp. 237-252, 2002.

SWALES, J. *Genre Analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. *Research Genres*. Cambridge University Press, 2004.

\_\_\_\_\_.; NAJJAR, H. The writing of research article introductions. *Written Communication*, v. 4, n. 2, abr., 1987, p. 175-191.

TARDY, Christine. A genre system view of the Funding of Academic Research. *Written Communication*, v. 20, n. 1, jan., 2003, p. 7-36.

TSENG, Ming-Yu. The genre of research grant proposals: towards a cognitive-pragmatic analysis. *Journal of pragmatics*, n. 43, 2011, p. 2254-22.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO COM PRODUTORES DE TEXTOS DO *CORPUS*

### **I. PERGUNTAS GERAIS SOBRE A ESCRITA DO PROJETO DE PESQUISA**

- 1- Quantos projetos de pesquisa você já fez em sua vida? O projeto da seleção foi o primeiro?
- 2- Você chegou a ter acesso a projetos de pesquisa de professores ou pesquisadores antes da seleção?
- 3- Como você chegou à definição da temática do seu projeto?
- 4- Seu projeto está relacionado a um projeto maior de algum grupo de pesquisa?
- 5- Seu projeto é uma continuação de algum projeto ou estudo feito na graduação?
- 6- Você recorreu a professores ou pesquisadores para opinarem sobre seu projeto?
- 7- Você chegou a ter dificuldades na elaboração do projeto?
- 8- Você leu manuais de redação ou metodologia sobre escrita de projetos de pesquisa?
- 9- Como foi a experiência da arguição do seu pré-projeto durante a seleção para o mestrado?
- 10- Que impacto tiveram/estão tendo as disciplinas do mestrado e as recomendações do seu orientador na reformulação do seu projeto?
- 11- Para você, quais são as principais qualidades de um bom projeto de pesquisa?
- 12- Na sua opinião, para que serve o projeto de pesquisa?

### **II. PERGUNTAS ESPECÍFICAS SOBRE A SEÇÃO DE METODOLOGIA**

- 1- Qual você considera que é a função da seção de metodologia em um projeto de pesquisa?
- 2- Que informações você acha importante que essa seção contenha?
- 3- Você acha que é importante que, na seção de metodologia, os termos utilizados sejam conceituados (por exemplo: explicar o que é pesquisa qualitativa, exploratória etc.)? Por quê?
- 4- Você acha que a seção de metodologia deve conter citações? Por quê?
- 5- Você acha importante que, na seção de metodologia, as escolhas metodológicas (por exemplo: escolha do *corpus*, escolha dos procedimentos metodológicos) sejam justificadas? Por quê?
- 6- Durante o período da seleção, você já tinha uma metodologia definida ou ela ainda estava em construção?

## ANEXO A - MODELO DA SEÇÃO DE METODOLOGIA DO PROJETO DE PESQUISA APRESENTADO NO EDITAL DA SELEÇÃO DE 2013

### 5 Metodologia proposta

Abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef. Abcdef abcdef abcdef abcdef (Tab. 1) abcdef abcdef abcdef Abcdef abcdef abcdef abcdef.

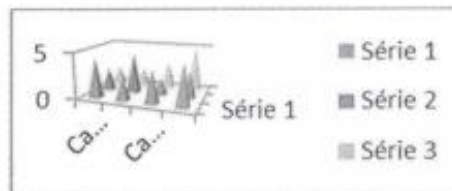
Tabela 1: Abcdef abcdef abcdef.

	Abcdef	Abcdef	Abcdef
Abcdef	Abcdef	Abcdef	Abcdef
Abcdef	Abcdef	Abcdef	Abcdef

Fonte: elaboração do autor.

Abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef. Abcdef abcdef abcdef (Graf. 1) abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef [...].

Gráfico 1: Abcdef abcdef abcdef.



Fonte: SOUZA, 2010b, p. 44.

Abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef. Abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef. Abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef abcdef [...].

---

<sup>1</sup> Abcdef abcdef abcdef [...] (SOUZA, 2010, p. 98).

## **ANEXO B – MODELO DE PROJETO DE PESQUISA APRESENTADO NO EDITAL DA SELEÇÃO DE 2014**

### **ANEXO 1 MODELO DE PRÉ-PROJETO**

Os pré-projetos, com no máximo 10 páginas, precisam conter obrigatoriamente, mas não exclusivamente, as seguintes informações:

**TÍTULO DO PRÉ-PROJETO**

**NOME DO CANDIDATO**

**RESUMO DO PRÉ-PROJETO (até 500 palavras)**

**PALAVRAS-CHAVE**

**JUSTIFICATIVA**

(Incluindo relevância e motivações teóricas e pragmáticas do pré-projeto; justificativa para a escolha do tema; possíveis contribuições da pesquisa).

**DISCUSSÃO TEÓRICA**

(Seção destinada a apresentar e discutir os conceitos teóricos que darão sustentação às análises, a explicitar lacunas no campo de pesquisa, a correlacionar noções centrais para a pesquisa a ser desenvolvida e a situar o tema numa tradição de pesquisa).

**OBJETIVOS GERAL E OBJETIVOS DA PESQUISA**

(Explicitar, em correlação com a metodologia, os objetivos a serem desenvolvidos no período de 2 anos)

**METODOLOGIA**

(Explicitar, sempre que for o caso, procedimentos de análise, procedimentos de coleta de dados, amostra ou corpus, sujeitos da pesquisa, critérios de seleção, categorias de análise, categorização e tratamento dos dados, possíveis dificuldades).

**CRONOGRAMA**

(Explicitação e distribuição temporal dos procedimentos metodológicos ao longo dos 24 meses destinados à realização total do projeto).

**REFERÊNCIAS**